

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDUARDO VALADARES DA SILVA**

**DIÁLOGOS SOBRE A BIBLIOTECA ESCOLAR:**  
**ENTRE TEXTOS E CONTEXTOS**

Vitória

2015

EDUARDO VALADARES DA SILVA

**DIÁLOGOS SOBRE A BIBLIOTECA ESCOLAR:  
ENTRE TEXTOS E CONTEXTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Cultura, Currículo e Formação de Educadores.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Ventrone.

Vitória

2015

**RESERVADO PARA  
FOLHA DE APROVAÇÃO**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

S586d Silva, Eduardo Valadares, 1981-  
Diálogos sobre a biblioteca escolar: entre textos e contextos /  
Eduardo Valadares da Silva. – 2015.  
182 f. : il.

Orientador: Silvana Ventrím  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Bibliotecas escolares. 2. Bibliotecários de escolas. 3. Bibliotecas e  
professores. 4. Estado do conhecimento. 5. Congresso Brasileiro de  
Biblioteconomia e Documentação I. Ventrím, Silvana. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---

## AGRADECIMENTOS

Um percurso feliz só é possível quando o fazemos ao lado de pessoas importantes como vocês, às quais deixo meus sinceros agradecimentos:

A ti, meu Jesus, e à Maria, minha mãe do céu, agradeço pelo que sou e tenho.

À professora Silvana Ventorim por ter me escolhido como seu orientando. Sou grato por toda sua dedicação, incentivo, cobranças, zelosas orientações e eternos ensinamentos neste período de convivência. Foi nela que encontrei meu porto seguro nas minhas incertezas acadêmicas e, se hoje posso agradecer a tantas pessoas, é porque ela confiou em mim.

À professora Regina Helena Silva Simões, pelo exemplo de delicadeza e conhecimento compartilhados na oportunidade de ter sido seu aluno e agora na composição desta banca, trazendo-nos contribuições tão significativas à nossa pesquisa.

À professora Dulcinea Sarmiento Rosemberg, que foi responsável por ter-me apaixonado pela profissão de bibliotecário. Na conclusão de mais esta etapa, ela não poderia estar de fora trazendo suas críticas detalhadas e construtivas e nutrindo nosso orgulho pela Biblioteconomia.

À professora Bernadete Santos Campello, por sua disponibilidade permanente e pela confiança no meu trabalho. A ela devo a minha paixão pela biblioteca escolar e o desejo de me tornar, a cada dia, um sujeito essencial à constituição de nossos estudantes, seja na condição de bibliotecário escolar, seja na de pesquisador.

Deixo também meu agradecimento à equipe da EMEF Aristóbulo Barbosa Leão, principalmente à bibliotecária Marcela Mendonça Amorim, que se disponibilizou, de maneira integral, compartilhando seus fazeres tão importantes à constituição desta pesquisa.

À minha mãe, Maria Luiza, pelo seu amor incondicional, manifestado em suas orações, nas dezenas de ligações semanais e nas comidas de que tanto gosto. Ao meu pai, Jair, obrigado pelas singelas manifestações de orgulho por me ver vencendo na vida.

À minha esposa, Flávia, por toda sua paciência nas minhas ausências e incertezas. Tenho certeza de nosso amor, pois foi Deus quem nos uniu. Ao meu filho, Vinicius, pelo amor eterno que nos une, manifestado nos seus carinhos, olhares, gestos e na vontade de brincar mesmo depois de dias e noites cansativos. Meu filho, foi você quem trouxe a completude de minha vida e é por você que papai está aqui.

Obrigado aos meus sogros, Amilton e Zilda, pelo carinho manifestado nos pequenos e grandes gestos, mas que demonstram quanto ambos são importantes para mim.

Obrigado a todos aqueles que me incentivaram e participaram da construção deste sonho de ser mestre. São muitas pessoas, mas não poderia deixar de citar mais algumas, como: Fabiano Moraes, meu mestre contador de histórias e incentivador de tantos trabalhos e projetos; Antonio Jorge, mais que um amigo, um irmão escolhido nada por acaso e com quem sonhei encontrar um lugarzinho olhando lá de cima daquela janela; PH e Fabão, amigos do peito e bibliotecários de referência; professores, funcionários e colegas de turma do PPGE/UFES, os quais represento na pessoa da querida baiana Tatiana Moraes, amiga com quem compartilhei angústias e aflições no percurso de nos tornarmos mestres; amigos e colegas da Prefeitura de Vitória, do Departamento de Biblioteconomia da UFES, da Igreja e do Encontro de Casais com Cristo; enfim, a todos que estiveram de perto ou de longe torcendo por mim e acreditando que seria possível.

## RESUMO

Objetiva compreender o comportamento da temática Biblioteconomia Escolar, tendo como principal fonte os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB) entre 2005 e 2013, e a maneira como se dá o trabalho de uma bibliotecária escolar por meio do acompanhamento sistematizado das suas atividades cotidianas na relação com estudantes, professores e pedagogos, utilizando como contexto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão da Prefeitura Municipal de Vitória-ES. Metodologicamente sistematiza-se em dois momentos distintos: o primeiro ocorre por meio de uma pesquisa bibliográfica, denominada estado do conhecimento sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil, que tem como fonte os 91 trabalhos sobre biblioteca escolar apresentados no XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV CBBB; o segundo é orientado pela perspectiva de pesquisa colaborativa que acompanha as atividades realizadas na relação biblioteca-escola-bibliotecário na unidade de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Vitória-ES. Apropria-se dos textos de Certeau, para demarcar as concepções de lugar, espaço, tática, estratégia e usos, e de Campello, para compreender o estado da arte sobre a biblioteca escolar entre 1960 e 2011. Constata que a leitura, além de outras possibilidades, é o principal foco dos trabalhos apresentados no CBBB e o principal objetivo da bibliotecária pesquisada na realização dos seus fazeres profissionais cotidianos que se materializam por meio de atividades que utilizam como recursos a música, o *hip-hop*, as artes visuais, a contação de histórias, a poesia e a ocupação da biblioteca, conforme os desejos dos seus sujeitos praticantes, visando com isso romper o silenciamento desse espaço. Constata, ainda, que é necessária a realização de um trabalho mais articulado entre bibliotecários e demais educadores da escola, visto que se identificaram parcerias frutíferas pontuais entre esses sujeitos que poderiam expandir-se para toda a escola. Além disso, defende a necessidade de permanente reinvenção do espaço da biblioteca escolar para atender às expectativas de seus usuários.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Bibliotecário – fazer profissional. Escola. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

## ABSTRACT

The objective is to understand the behavior of School Librarianship theme, taking as main source the works presented in the Brazilian Congresses of Librarianship, Documentation and Information Science (CBBDs) between 2005 and 2013, and the working method of a school librarian, through the systematic monitoring of their daily activities in relationship with students, teachers and pedagogues, using as context the elementary Municipal School Aristóbulo Barbosa Leão, Vitória-ES. Methodologically we systematized into two distinct periods: the first one occurs through a bibliographical research, called the State of Knowledge about the School Librarianship in Brazil, which is based in the 91 works on school library presented at the XXI, XXII, XXIII, XXIV and XXV CBBDs; the second was made according to collaborative research that accompanies the activities carried out in relation to “school-library-librarian” in the elementary schools of the municipality of Vitória-ES. It was used the texts of Certeau, to demarcate the conceptions of place, space, tactics, strategies and uses, and those of Campello, to understand the state of the art about the school library between 1960 and 2011. We concluded that reading, as well as other possibilities, is the main focus of the papers presented at the CBBDs and the main goal of the librarian followed in the accomplishment of their daily professional tasks, that are materialized through activities that use resources as music, *hip-hop music*, the visual arts, the storytelling, poetry and the occupation of the library, according to the wishes of its subject practitioners, aiming with that to break the silencing of this space. Notes, moreover, that it is necessary to perform a job more articulate between librarians and other educators from school, since punctual and fruitful partnerships among those subjects were found and could be expanded to the entire school. In addition, advocates the need for permanent reinvention of space of school library to meet the expectations of its users.

Keywords: School library. Librarian - do professional. School. Brazilian Congresses of Librarianship, Documentation and Information Science.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Mapa histórico do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação .....	49
Gráfico 2 – Quantidade de trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar x outros temas entre 2005 e 2013 .....	60
Gráfico 3 – Total de trabalhos apresentados por categoria temática entre 2005 e 2013 .....	61

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Caderno de planejamento e anotações de Marcela .....	101
Foto 2 – Poema “Aula de Leitura”, de Ricardo de Azevedo.....	112
Foto 3 – Capa do livro “Minha Rua”, de Neusa Jordem Possatti e o poema “O Segredo das Palavras” .....	116
Foto 4 – Atividade com o poema “O Segredo das Palavras” .....	117
Foto 5 – Produção do “livrão” com as produções feitas pelos alunos .....	118
Foto 6 – Atividade realizada com a turma do 1.º ano vespertino .....	121
Foto 7 – Resultado da produção realizada pela bibliotecária e professora .....	129
Foto 8 – Ficha de leitura geográfica .....	130
Foto 9 – Apresentação do trabalho com cordel e xilogravuras .....	133
Foto 10 – Trabalho em parceria, realizado pela bibliotecária e professora de Geografia.....	134
Foto 11 – Ensaio musical para apresentação no Sarau Geográfico .....	135
Foto 12 – Exposição dos cordéis e xilogravuras no Sarau Geográfico.....	137
Foto 13 – Painel do desafio da leitura silenciosa.....	139
Foto 14 – Diálogo entre bibliotecária e pesquisador utilizando o aplicativo <i>WhatsApp</i> .....	143
Foto 15 – Caixas com livros aguardando para serem preparadas para empréstimo .....	144
Foto 16 – Ocupação do espaço da biblioteca .....	148
Foto 17 – Alunos do 8.º ano acomodados entre as estantes .....	149
Foto 18 – Material entregue à biblioteca por não ter utilidade à equipe pedagógica da escola .....	150
Foto 19 – Olhar da aluna que associou a biblioteca ao colorido .....	152
Foto 20 – Armários estilizados da biblioteca .....	152
Foto 21 – A leitura praticada durante o recreio .....	153

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de teses e dissertações analisadas a cada ano .....	39
Tabela 2 – Periódicos mais citados nas pesquisas analisadas .....	41
Tabela 3 – Autores mais citados nas pesquisas analisadas .....	41
Tabela 4 – Distribuição de estudos por categorias .....	42
Tabela 5 – Quantitativo de trabalhos apresentados nos CBBDs (2005-2013).....	51
Tabela 6 – Distribuição de trabalhos conforme temática e tipo - XXI CBBD.....	63
Tabela 7 – Distribuição de trabalhos por categorias – XXI CBBD.....	64
Tabela 8 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática – XXII CBBD.....	68
Tabela 9 – Distribuição de trabalhos por categorias – XXII CBBD .....	69
Tabela 10 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXIII CBBD .....	74
Tabela 11 – Distribuição de trabalhos por categorias - XXIII CBBD.....	75
Tabela 12 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXIV CBBD .....	77
Tabela 13 – Distribuição de trabalhos por categorias - XXIV CBBD.....	79
Tabela 14 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXV CBBD .....	84
Tabela 15 – Distribuição de trabalhos por categorias - XXV CBBD.....	85

## **LISTA DE SIGLAS**

CBBB – Congresso Brasileiro de biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação

EMEF ABL – Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão

ES – Espírito Santo

FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições

GEBE – Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar

IFLA – Federação Internacional Associações de Bibliotecários e Instituições

PMV – Prefeitura Municipal de Vitória

SEME – Secretaria Municipal de Educação

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>TRAJETÓRIAS E CONTEXTUALIZAÇÕES DA PESQUISA</b> .....	19
2.1	ENCONTROS COM A BIBLIOTECA ESCOLAR .....	19
2.2	AS REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS .....	24
2.3	ESTADOS DA ARTE SOBRE BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL .....	33
<b>2.3.1</b>	<b>Análise dos estudos adotados sobre biblioteca escolar no Brasil</b> .....	34
2.4	PERCURSOS METODOLÓGICOS .....	45
<b>2.4.1</b>	<b>A pesquisa bibliográfica</b> .....	46
2.4.1.1	<i>Elaboração do estado do conhecimento sobre a biblioteca escolar com base nos CBBDs</i> .....	47
2.4.1.2	<i>Procedimentos de análise dos anais dos CBBDs</i> .....	50
<b>2.4.2</b>	<b>A pesquisa colaborativa</b> .....	52
<b>2.4.3</b>	<b>Identificação do <i>locus</i> e sujeito da pesquisa de campo</b> .....	54
<b>2.4.4</b>	<b>Os procedimentos da pesquisa de campo: a observação participante</b> .....	56
<b>3</b>	<b>ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR NO BRASIL NOS CBBDs</b> .....	58
3.1	XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2005 .....	61
<b>3.1.1</b>	<b>Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXI CBBd</b> .....	63
3.2	XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2007 .....	67
<b>3.2.1</b>	<b>Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXII CBBd</b> .....	68

3.3	XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2009.....	72
3.3.1	<b>Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXIII CBBB.....</b>	73
3.4	XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2011.....	76
3.4.1	<b>Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXIV CBBB.....</b>	77
3.5	XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2013.....	83
3.5.1	<b>Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXV CBBB.....</b>	84
3.6	POSSÍVEIS SÍNTESES SOBRE A BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR COM BASE NOS CBBBs .....	94
4	<b>TRAJETÓRIA E ACONTECIMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO NA EMEF ARISTÓBULO BARBOSA LEÃO.....</b>	97
4.1	PERCURSOS DE ENCONTROS DA PESQUISA.....	98
4.2	A IDENTIDADE DA BIBLIOTECÁRIA MARCELA.....	105
4.3	FAZERES COTIDIANOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA EMEF ABL .....	113
4.3.1	<b>Poema “O Segredo das Palavras” e os acontecimentos por ele desencadeados .....</b>	114
4.3.1.1	<i>Parcerias com os professores mediante “O Segredo das Palavras” .....</i>	117
4.3.1.2	<i>Planejamentos e mediações realizados pela equipe pedagógica .....</i>	125
4.3.2	<b>Processos desencadeados pelo “Sarau geográfico” .....</b>	127
4.3.3	<b>O silêncio e o desafio da leitura silenciosa .....</b>	135
4.3.4	<b>Os usos da música na biblioteca escolar .....</b>	139
4.3.5	<b>Os usos do acervo da biblioteca .....</b>	141
4.3.6	<b>Os usos e as impressões do espaço da biblioteca .....</b>	145

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>153</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>
	<b>REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS CBBDS .....</b>	<b>161</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>170</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere nos estudos sobre a Biblioteconomia Escolar e traz a produção acadêmico-científica sobre essa área no Brasil e a análise das práticas cotidianas de uma bibliotecária escolar na Rede Municipal de Ensino da cidade de Vitória-ES. Com isso, pretendemos promover um diálogo com as diversas questões emergidas nos atravessamentos entre textos e contextos por nós analisados.

A biblioteca escolar é compreendida por nós como imprescindível à formação do estudante no espaço-tempo da escola e, por isso, acreditamos que ela deva ser considerada por sua dimensão de estrutura organizacional que favoreça os processos de aprendizagens e fundamentalmente pela dimensão educativa, que é seu “[...] elemento diferencial que a caracteriza: como recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico” (ROCA, 2012, p. 12).

Uma biblioteca em uma escola, implementada como recurso, deve apoiar a prática docente e o cumprimento do currículo. Essa é a função vinculada ao âmbito da organização e planejamento escolar. Portanto, a justificativa da existência da biblioteca em uma escola requer fundamentalmente nessa questão, função esta que deve desempenhar de forma sistematizada para toda escola (ROCA, 2012, p. 12).

Para além da estrutura da biblioteca no espaço escolar, sua ocupação por alunos, professores, funcionários e comunidade escolar requer a dinamização de práticas que demonstrem a esses sujeitos a sua importância. A habilidade de ensinar do bibliotecário nesse contexto é fundamental para que se viabilizem experiências significativas, principalmente as que estimulem a aprendizagem.

Quando falamos em habilidade de ensinar numa sociedade marcada pela intensa presença de tecnologias da informação e de interatividades propiciadas por ela, apoiamos-nos em Teixeira (1963, p. 144) para repensarmos nossos modos como educadores que somos, pois,

Se a biblioteca, de certo modo, já fizera do mestre um condutor dos estudos do aluno e não propriamente o transmissor da cultura, os novos recursos tecnológicos e os meios audiovisuais irão transformar o mestre no estimulador e assessor do estudante, cuja atividade de aprendizagem deve guiar, orientando-o em meio às dificuldades da aquisição das estruturas e modos de pensar fundamentais da cultura contemporânea de base científica em seus aspectos físicos e humanos.

Diante disso, é imprescindível que o bibliotecário se envolva “[...] continuamente com os professores, além de participar de encontros para discutir mudanças curriculares ou de

comissões de desenvolvimento curricular” (CAMPELLO, 2009, p. 57). Para além disso, acreditamos no potencial papel protagonista desse profissional em todos os processos de ensino-aprendizagem que se desencadeiam na escola ou na diversidade de espaços<sup>1</sup> nos quais ela se constitua, sem restringir-se à transmissão da informação, mas fundamentalmente na formação de conhecimentos.

A contribuição da biblioteca no fazer educativo necessita ultrapassar os limites possíveis aos recursos físicos e considerar principalmente o fator humano, pois esse, sim, personificado pelo bibliotecário constituído como um canalizador, promove iniciativas vinculadas às diversas possibilidades da biblioteca escolar, como a pesquisa, a formação cultural, as aprendizagens diversas, as leituras, as artes, a música e outras reinvenções que atendam às expectativas dos seus usuários.

Esperamos que esse profissional exerça suas funções, não a fim de tornar a biblioteca escolar em um espaço nuclear onde haja uma completa articulação de todas as programações previstas para a escolar. Temos consciência das diversas questões que impedem que assim se concretize, principalmente em razão da precariedade a que a biblioteca é submetida, especialmente no que diz respeito à insuficiência de recursos humanos disponíveis.

Acreditamos, sim, na necessidade de reinvenção da biblioteca e bibliotecário escolar, respectivamente como espaço e sujeito necessários à viabilização do processo de ensino-aprendizagem na escola. Para tanto, práticas cotidianas singulares e ações institucionais abrangentes precisam ser constantemente visibilizadas.

Observamos, ao longo dos últimos anos, medidas importantes encampadas pelo poder legislativo, universidades, conselhos de classe, associações, editoras e outros segmentos visando ao fortalecimento das bibliotecas escolares e dos profissionais que nelas atuam. Temo-nos sentido atravessados por essas discussões que se somam ao nosso percurso acadêmico e profissional nutrindo nosso desejo e interesse em investigar a biblioteca escolar.

---

<sup>1</sup> Ao longo desta dissertação, normalmente nos referiremos ao termo “espaço”, tomando como referência as ideias de Certeau (1994) que define espaço como um lugar praticado. Por exemplo, um texto seria visto como um lugar, pois é limitado em seu tamanho, formato e estrutura. O ato de leitura do texto, o transforma em espaço, pois sua forma perde o controle e se dá em um tempo não controlado. A estrutura física de uma biblioteca com seus mobiliários e acervos são nessa perspectiva caracterizados como um lugar, os usos, fazeres e sentidos dados e praticados no lugar biblioteca a transforma em espaço pois vão para além dos limites físico-materiais.

Entre essas ações, destacamos a promulgação da Lei 12.244/2010, que trata sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do país (BRASIL, 2010); a publicação do documento “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para escolares;<sup>2</sup> a criação do Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar;<sup>3</sup> e o lançamento da campanha “Projeto mobilizador: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público”.<sup>4</sup>

Além de legislações, campanhas e documentos norteadores, também destacamos a criação de prêmios que se propõem a valorizar a atuação de bibliotecários escolares que atuam em dinâmicas de trabalho que atraem estudantes e professores à biblioteca escolar, como o “Prêmio Carol Kuhlthau”<sup>5</sup> e o Prêmio “Da Vinci Huis – IASL Fund’ Brazil”.<sup>6</sup>

Ainda no contexto dos movimentos preliminares ao nosso estudo, já constatávamos a carência de pesquisas em nível de mestrado e doutorado, inclusive no estado do Espírito Santo, as quais abordassem o tema biblioteca escolar, ainda que este venha ganhando gradativamente destaque em âmbito nacional e até internacional, como fica evidenciado nas ações por nós aqui indicadas e também pelo crescimento do número de trabalhos apresentados em importantes eventos científicos, como o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBBD), que, nas edições de 2005 a 2013, teve um total de 91 trabalhos apresentados<sup>7</sup> sobre esse tema, conforme observaremos no decurso da pesquisa.

---

<sup>2</sup> Documento elaborado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio da Escola de Ciência da Informação (ECI) e do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) em parceria com o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), em 2010, que pretende ser um referencial para aumentar a qualidade das bibliotecas escolares do país como espaços de aprendizagens e estimuladores de conexões entre diversos saberes (GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR; SISTEMA CFB/CRBs, 2010).

<sup>3</sup> Realizado pela primeira vez, em 2013, na cidade de Florianópolis, onde foram definidas metas de trabalho a fim de congregar pessoas e consolidar ações para o “[...] aperfeiçoamento da biblioteconomia escolar no Brasil, contribuindo para a educação de qualidade na sociedade do conhecimento” (GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 2013, p. 2).

<sup>4</sup> A campanha objetiva “contribuir efetivamente para a qualidade do ensino no território nacional, que tire o Brasil de uma situação difícil no que tange à circulação da informação e do conhecimento na escola pública, em geral” (SISTEMA CFB/CRBs, 2008, p. 25).

<sup>5</sup> Criado, em 2004, pela Editora Autêntica em parceria com o GEBE e se encontra em sua quarta edição. Pretende estimular iniciativas desenvolvidas por bibliotecários que buscam envolver os estudantes em atividades atraentes e que evidenciam a função educativa dessas das bibliotecas escolares.

<sup>6</sup> Prêmio criado em 2010 pela International Association of Scholl Librarianship nos Estados Unidos. Esse prêmio é concedido anualmente a um profissional bibliotecário escolar brasileiro até 40 anos de idade que tenha desenvolvido, ao longo de sua carreira, um trabalho inovador na área da biblioteca escolar.

<sup>7</sup> Nos anais dos CBBBDs que consultamos, a totalização foi de 99 trabalhos sobre biblioteca escolar; entretanto, consideramos apenas 91, visto que os oito demais ou não estão disponíveis para leitura nos anais, ou não se enquadravam de fato ao tema biblioteca escolar.

Estamos convictos de que necessitamos, com mais dedicação, debruçar-nos sobre essa temática visando qualificar nossa compreensão por um prisma no qual as diferentes áreas do conhecimento estabeleçam um amplo diálogo.

Diante disso, nossa pesquisa visa compreender o comportamento da temática Biblioteconomia Escolar em meio à produção do conhecimento da área com base em seu mapeamento, descrição e análise, tendo como principal fonte os trabalhos apresentados nos CBBDs entre 2005 e 2013.

Objetivamos ainda compreender o trabalho de uma bibliotecária escolar por meio do acompanhamento sistematizado das suas atividades cotidianas escolares na relação com estudantes, professores e pedagogos, nos seus planejamentos e nos momentos de formação continuada.

Desse ponto em diante, esta pesquisa está estruturada em três capítulos e nas considerações finais. No capítulo 2, apresentamos a trajetória de vida acadêmico-profissional, o referencial teórico-metodológico que nos trouxe os subsídios necessários à constituição da pesquisa, a análise de estados da arte que se somaram ao referencial teórico por nós adotado. Para finalizarmos, trazemos os percursos metodológicos que trilhamos na construção desta pesquisa.

No capítulo 3, tratamos da produção de um Estado do Conhecimento sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil com base na análise dos trabalhos apresentados sobre esse tema no CBBDD entre 2005 e 2013.

O quarto capítulo apresenta os dados que obtivemos mediante a imersão no campo, tomando como lócus a biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão (EMEF ABL), da Prefeitura Municipal de Vitória-ES (PMV), onde buscamos compreender as práticas cotidianas da bibliotecária que lá atua e analisá-las dialogando com os capítulos 2 e 3 desta pesquisa.

Nas considerações finais, buscamos materializar nossas percepções produzidas na trajetória trilhada nesta pesquisa, compartilhando-as e indicando outras possibilidades de estudo que poderão emergir em outros momentos.

## 2 TRAJETÓRIAS E CONTEXTUALIZAÇÕES DA PESQUISA

Neste capítulo, que se subdivide em quatro partes, apresentamos, no primeiro momento, a trajetória de vida que nos conduziu ao lugar de pesquisador. Tal percurso considera os estudos na educação básica, o ingresso na universidade, as formações continuadas, as experiências profissionais e afetivas e a construção de nossas convicções que hoje delineiam nossos caminhos.

Posteriormente apontamos o referencial teórico-metodológico que nos subsidiou na constituição da pesquisa que ora apresentamos. Entre os interlocutores, destacamos nossas apropriações de Michel de Certeau para dialogar sobre a biblioteca escolar como espaço-tempo de formação. Além de Certeau, o qual adotamos como um clássico, apresentamos três estados da arte realizados sob a coordenação de Bernadete Santos Campello que nos permitiram revisitar a produção bibliográfica sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil de 1960 a 2011.

Finalizando o capítulo, apresentamos os percursos metodológicos que nos guiaram na condução desta pesquisa, que se sistematizou num primeiro momento como bibliográfica e posteriormente como pesquisa de campo, sob a orientação da abordagem colaborativa e por meio da observação participante.

### 2.1 ENCONTROS COM A BIBLIOTECA ESCOLAR

Dando continuidade a essa história, poderíamos iniciar seu primeiro capítulo assim:

Era uma vez, há muito tempo...

Mas, neste momento, não pretendo<sup>8</sup> contar uma história como as que conto para as crianças no cotidiano de minhas atividades profissionais na escola, livrarias, festas de aniversários,

---

<sup>8</sup> Nesta seção, uso o verbo na primeira pessoa do singular, pois se trata do relato de trajetória própria e acadêmico-profissional. Em outras seções da dissertação, valho-me da primeira pessoa do plural, pois ocorre a participação de outro(s) no processo de elaboração do trabalho, em especial a da minha orientadora e dos pares que participaram da sua constituição.

feiras culturais, atividades de formação e outras em que sou convidado, e sim um pouco da história que me conduziu a este lugar de pesquisador sedento por conhecer outras complexidades da biblioteca escolar e sua importância no processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental.

Preciso confessar inicialmente que nunca fui considerado em toda minha vida um bom leitor, talvez por falta de estímulo familiar e de estímulo dos professores que tive na educação básica ou por falta de uma estrutura das escolas em que estudei, ainda que todas fossem tidas como boas escolas. Sei que nunca imaginaria ingressar na graduação num curso de Biblioteconomia, e sim no tão sonhado Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Espírito Santo, sonho meu e de meu pai, mas logo frustrado por uma concorrência superior ao curso de Medicina em 1999.

Na segunda vez que prestei vestibular, o sonho da Polícia Militar foi substituído pelo sonho de simplesmente entrar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), embora fosse pelo curso de Geografia, mas novamente não fui aprovado. Na terceira tentativa, a meta era entrar na UFES em qualquer graduação, pois a reopção de curso mais para frente seria certa. Assim, a inscrição foi feita para o curso de Biblioteconomia noturno, que na ocasião deveria ter uma das menores concorrências às vagas do vestibular de 2001.

Finalmente a aprovação veio e com ela a vontade de que o período para solicitar mudança de curso chegasse. Contudo, logo no primeiro semestre, na disciplina Fundamentos de Biblioteconomia fui conquistado pela empolgação da professora Dulcinea Sarmiento Rosemberg que ministrava a disciplina Fundamentos em Biblioteconomia. Encantei-me com a narrativa sobre as diversas possibilidades que a Biblioteconomia me proporcionaria, sendo um profissional dinâmico e reconhecido social e financeiramente. Assim, a decisão de me tornar um bibliotecário estava certa e iniciei a busca por um estágio para conhecer a área e começar a receber meu primeiro salário ou bolsa de estágio.

Minha primeira oportunidade de estágio foi no primeiro semestre do curso e aconteceu na biblioteca da Escola Brasileira no bairro Mata da Praia na cidade de Vitória-ES, onde atuei auxiliando no processo de organização da unidade de informação. Contudo, não me contentei com essa tarefa e comecei a sonhar com possibilidades que pudessem levar as crianças daquela escola à biblioteca e também levassem a biblioteca para o interior das salas de aula.

Recordo-me de abril de 2002, quando encontrei, no Caderno Dois do jornal A Gazeta, o anúncio de uma oficina de contação de histórias a ser realizada na Livraria Paulinas e mediada, no primeiro módulo, pela bibliotecária e contadora de histórias Genilda Quirino e, no segundo módulo, pelo contador de histórias Fabiano Moraes. Foi a partir desse momento que vi uma possibilidade de me aproximar, de maneira mais prazerosa, dos estudantes estimulando a transformação da biblioteca em ponto de encontro, e não apenas de passagem. Desse momento em diante, não me transformei, como num conto de fadas, em um contador de histórias, e sim em um estagiário de Biblioteconomia ansioso por compartilhar aprendizagens. Assim foram meus dois anos de estágio vivendo momentos de aprendizagem mútua com aquelas crianças, professores e funcionários.

Depois desse período, estagiei no Centro de Documentação do jornal A Tribuna e no Instituto Euvaldo Lodi, no setor de Informação Empresarial, que também foram muito importantes para a minha constituição profissional, mas nada que se compare à biblioteca escolar, pois o destino e as oportunidades surgidas logo depois de formado me reconduziram para ela no Colégio São José na cidade de Vila Velha-ES, onde o desejo e a necessidade de buscar a integração aos professores, equipe técnica e estudantes do colégio me reativaram o interesse pela contação de histórias. Busquei especializar-me nessa arte participando de diversos cursos e encontros no Espírito Santo e em outros estados, a ler sobre a área e me aprimorar em suas diversas possibilidades.

Nesse tempo, ainda atuei em duas oportunidades como professor substituto do curso de Biblioteconomia da UFES,<sup>9</sup> além de prestar concurso para o cargo de bibliotecário na PMV, onde trabalho desde julho de 2007. A primeira unidade em que atuei foi a então recém-criada Escola Municipal de Ensino Fundamental Amilton Monteiro da Silva no bairro Santo Antônio, em Vitória-ES, que funcionava em um local improvisado, com a maioria de suas salas de aula construídas em madeira e sem um espaço para biblioteca funcionar, pois tudo era provisório, ainda que tenha permanecido assim por alguns anos. Nesse cenário, meu primeiro desafio foi aprender a ser bibliotecário de uma escola sem biblioteca.

Iniciei minhas tentativas inserindo atividades quinzenais de contação de histórias na matriz curricular de todas as turmas de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> séries do ensino fundamental que aconteciam ora na própria sala de aula, ora no pequeno pátio onde os estudantes ficavam acomodados sobre

---

<sup>9</sup> Atualmente, em 2015, tenho a terceira oportunidade de atuar como professor substituto no curso de Biblioteconomia da UFES.

colchonetes de educação física e a pouca sombra que tínhamos disponível, ora num parque atrás da escola e próximo da Prainha de Santo Antônio e mais onde fosse possível juntar os estudantes para contar, cantar e ouvir histórias. Outra atividade que criamos consistia em identificar as crianças com dificuldades de aprendizagem para brincarmos em grupos menores de aprender a ler. Recordo-me que inicialmente o que era para ser uma atividade para estudantes com dificuldades se tornou em momentos disputados pela maioria da escola.

Depois de seis meses, como me encontrava em localização provisória, escolhi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo de Almeida Neves no bairro São Pedro III, na periferia de Vitória, onde atuei por dois anos. Em apenas quatro meses de atuação, a diversidade de atividades que desenvolvi foi tão significativa, que quase 100% do espaço físico da biblioteca foi ampliado.

Foram muitas histórias contadas, muitas músicas cantadas, muitas danças, jogos de xadrez na hora do recreio, produção de jornal escolar, criação do grêmio estudantil, criação da rádio escolar, prêmios recebidos pela Rede Vitória de Jornalismo e Prefeitura Municipal de Vitória, reportagens na imprensa, documentários realizados com os estudantes, viagens pedagógicas, projetos de prevenção ao câncer, participação no Conselho de Escola, debates e enfrentamentos com a Secretaria Municipal de Educação (SEME) e tantas outras atividades que não consigo descrever em palavras. Tenho certeza de que foram momentos tão intensos para mim quanto para todos que vivenciaram essas experiências em tão pouco tempo, mas que me renderam a certeza de que a biblioteca é, sim, um importante espaço de aprendizagem e construção do currículo escolar.

A oportunidade de atuar nessas duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Vitória me levou, em 2010, a ser convidado para coordenar a rede de bibliotecas escolares do município, o que me despertou a necessidade de buscar compreender melhor outras possibilidades de a biblioteca escolar contribuir no processo de ensino-aprendizagem de nossos estudantes, não somente como um recurso complementar, senão como um dos espaços protagonistas desse objetivo. Durante minha passagem de três anos pela SEME, procurei estimular a atuação do bibliotecário como um educador na escola.

O desejo de estimular essa prática educativa do bibliotecário surgiu com base nas leituras de Bernadete Santos Campello, nas quais observei que a ação educativa do bibliotecário passa por uma ação *organizadora* da biblioteca mantendo o ambiente organizado de forma a

otimizar a localização e manuseio das fontes disponíveis; por uma ação de *palestrante* que adota estratégia de apresentação dos recursos e potencialidades da biblioteca; por uma ação de *instrutor* que esclarece como se dão os usos das mais variadas fontes de informação possíveis; por uma ação de *tutor* que mostra os passos a serem seguidos para execução de uma pesquisa; e por uma ação de *orientador* quando o bibliotecário assume a função de auxiliar o estudante na apropriação das informações considerando as singularidades dos sujeitos (CAMPELLO, 2009).

Principalmente por compreender a função dessa última função, pode perceber que o bibliotecário escolar pode tornar-se um sujeito ativo na escola, um trabalhador que assume sua atividade como profissional da educação, participando do planejamento, da implementação e da avaliação do processo de ensino-aprendizagem na instituição educativa.

Considerando essa perspectiva de atuação do bibliotecário como um educador na escola, remetemo-nos também ao dicionário de verbetes do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG), para subsidiar nossas reflexões, que caminham inclusive para considerar o trabalho desenvolvido pelo bibliotecário escolar como um trabalho docente. Para Oliveira (2010, p.1), o trabalho docente

[...] abarca tanto os sujeitos que atuam no processo educativo nas escolas e em outras instituições de educação, nas suas diversas caracterizações de cargos, funções, tarefas, especialidades e responsabilidades, determinando suas experiências e identidades, quanto as atividades laborais realizadas. Compreende, portanto, as atividades e relações presentes nas instituições educativas, extrapolando a regência de classe. Pode-se, assim, considerar sujeitos docentes os professores, educadores, monitores, estagiários, diretores, coordenadores, supervisores, orientadores, atendentes, auxiliares, dentre outros. O trabalho docente não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação. De forma genérica, é possível definir o trabalho docente como todo ato de realização no processo educativo.

Com base nessas perspectivas, conduzi, ao longo de três anos, minha atuação à frente da coordenação do processo de formação continuada dos bibliotecários, uma das atividades que considerava como uma das mais significativas do meu trabalho, pois, por meio dela, vivia cotidianamente no exercício de incluir o grupo de bibliotecários nas diversas formações oferecidas pela SEME aos professores, propiciando a integração do bibliotecário com demais atores da escola. Nesse contexto, ao mesmo tempo que tinha a função de planejar formações específicas para os bibliotecários, precisava despertar naquele grupo de profissionais o sentimento de que eles faziam parte do quadro de educadores da escola.

Tratava-se de tarefas árduas por um conjunto de fatores, tais como: o cargo de bibliotecário não faz parte do quadro do magistério no município e, por consequência, não goza das condições funcionais peculiares da carreira do professor; a dificuldade de termos vários bibliotecários que não nutriam o desejo de atuar em biblioteca escolar, mas, mesmo assim, mantinham-se nos espaços em razão da estabilidade profissional do quadro efetivo da rede de ensino pública; a fragilidade no processo de formação inicial e continuada dos bibliotecários que pouco contemplava discussões em torno da escola e educação; e a falta de outros profissionais para colaborar na realização das atividades das bibliotecas, acarretando a precarização do trabalho desses bibliotecários.

A condição que trata sobre a precarização do trabalho dos bibliotecários escolares aproxima-se inclusive das situações vivenciadas pelos demais sujeitos da escola que atuam como sujeitos docentes, que, segundo Fernandes e Helal (2010), passam por situações de baixos salários, condições de trabalho desfavoráveis, sobrecarga de tempo de trabalho, tamanho das turmas e outras que são as mesmas vividas pelo professor no exercício da docência.

Nesse período de atuação na SEME, vivenciei trabalhos muito interessantes realizados conjuntamente por bibliotecários e demais constituintes das equipes escolares, o que me evidenciou a diversidade de possibilidades de mediação pedagógica, tendo, como ponto de partida, os espaços da biblioteca escolar e pondo por terra discursos que privilegiam as impossibilidades, as fixações de modelos preconcebidos e os distanciamentos das realidades tecidas pelos sujeitos da escola.

## 2.2 AS REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

No decurso de minha trajetória acadêmica e profissional, tive a oportunidade de deparar várias situações que privilegiam a passividade da biblioteca como um lugar concebido por si só e não para o outro e pelo outro. Ou seja,

Um *lugar* é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num 'lugar' próprio e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1994, p. 201).

Reafirmo a compreensão de biblioteca escolar, assim como toda a diversidade de espaços-tempos da escola, como imprescindível à constituição da subjetividade do estudante, não somente pela organização e disponibilização de acervos, mas também pela viabilização dos fazeres que nele se fazem presentes e dele emergem, subsidiados pela sua existência, tomando por base a realidade da escola, seu projeto político-pedagógico e a cultura que fundamenta os modos de vida dos sujeitos constituintes e constituídos na comunidade escolar.

Em contraponto ao que Certeau (1994) define por lugar, o autor nos traz uma visão do que compreende como espaço, um lugar que passa da condição do vazio ao habitado, que se caracteriza pelo cruzamento de móveis, pela animação de um conjunto complexo de movimentos que se desdobram em ritmos diferenciados, como um efeito que é produzido pelas operações que o orientam em momentos circunstanciais e que, portanto, não é dotado de univocidade nem estabilidade de um “próprio”.

O sentido de lugar sugerido por Certeau (1994) indica uma organização do espaço onde o tempo e as posições dos elementos que o constituem estão submetidos a cerrado controle. A sensação de estabilidade é mantida pelas relações de poder que disfarçam sutilmente suas condições de produção.

A existência de lugares é fundamental, pois não há como prescindir de um acordo sobre as referências e nomes que permitem a organização social. As táticas<sup>10</sup> somente podem operar a partir de um lugar. Os espaços abertos pelas táticas são, na verdade, a prática de um lugar submetido à organização dinâmica e complexa. As táticas não podem ser pensadas sem um lugar, pois, ao utilizarem o tempo como benefício, elas fazem uso do lugar estabelecido para dele tirar vantagens.

Com as provocações que Certeau (1994) nos traz, ficamos a refletir como pode a biblioteca escolar ainda ser compreendida por tantas pessoas como um lugar de ausência de vida, movimentos, contradições, tensões e sentidos. Acreditamos que, desde a infância, o retrato que criamos (incluo-me nesse contexto) em nosso imaginário, ou por vezes influenciados por vivências que tivemos no contato com a biblioteca ao longo de nossa vida escolar, remete-nos

---

<sup>10</sup> O sentido dos termos “tática” e “estratégica” se referirão às perspectivas de Certeau (1994) cujos significados se associam a uma relativa contraposição”. De estratégia Certeau (1994, p. 99) designa “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado.” De tática Certeau (1994, p. 100) designa “[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] É a arte do fraco”.

a uma biblioteca marcada por silêncio, erudição, intenso estudo, local de guarda e empréstimo de livros, lugar de aplicação de castigos, ou seja, desarticulada do currículo escolar, praticamente um anexo à escola.

Uma das marcas que trazemos à discussão neste momento é aquela construída pelo silêncio que muitas vezes se pretende escutar na biblioteca, um silêncio não marcado estritamente pela ausência de sons, barulhos, vozes e vida, como nos traz Bastos (2011), mas também um silêncio que indescritivelmente consegue propagar-se no vácuo de uma política verticalmente instituída, mesmo diante de intensas transformações que vivenciamos nos contextos sociais.

Para Certeau (2012, p. 51), “[...] as palavras, todavia, não são tudo. Na verdade, é o contrário: elas nada são, ou antes um ‘quase nada’ [...]”. Pensando com base nesse autor, compreendemos que as palavras são uma tentativa, entre várias outras possibilidades, de materializarmos ou expressarmos os sentimentos que em nós se constroem por uma diversidade de influências que nos atravessam e deixam suas marcas. Assim, quando elas não são expressas, é um sinal de que algo silenciou ou foi silenciado e precisamos compreender quais motivos levaram a isso.

Certeau (2012) nos provoca a pensar inicialmente com base nos contextos das universidades, quando se constata que os estudantes parecem abrir mão ou desistir de falar, assim o silêncio se espalha, se propaga com ainda mais força, justificado pelo argumento de que não nos ouvimos mais. Expandimos essa reflexão para as escolas e o que nelas habita e acontece, como o reflexo de resignação, desgostos ou a violência cujas formas e justificativas a maioria dos estudantes desaprova, mas ainda assim aceita ou se vê obrigada a submeter-se. “Com efeito, até mesmo naqueles que dizem e repetem que é preciso ‘sustentar’ as verdades ou as instituições de outrora, essa vontade revela o contrário do que pensa ou afirma. Ela desloca a questão” (CERTEAU, 2012, p. 27).

Creemos que essa herança vem de uma sociedade ocidental conservadora que classicamente acredita que o silêncio seja algo primordialmente importante desde sua antiguidade marcada por um forte processo de exclusão em detrimento de privilegiadas pessoas que poderiam ter algum tipo de acesso ao misterioso e sagrado material depositado nas bibliotecas. Nesse período, o papel da biblioteca se sustentava na guarda e preservação do material que ali estava e deveria para sempre continuar depositado, em virtude de sua missão de garantir a preservação da memória de um povo ali materializada por meio de seus escritos, e que, em

qualquer época, poderia ser consultado por uma minoria célebre de pessoas que precisassem rememorar a história da sociedade e o que lhe perpassava no passado.

Certeau (2012, p. 29) nos fala de “[...] monumentos cujos conservadores nomeados julgam guardar a verdade ocupando-os, muitas instituições parecem abandonadas exatamente por aqueles que se querem fiéis a uma exigência da consciência” e assim nossas bibliotecas, inclusive as escolares, tornam-se lugares inacessíveis sob a justificativa da guarda do acervo que já não pode mais ser admitida.

Ainda tratando sobre o silêncio na biblioteca e a maneira como podemos compreender melhor sua origem, pensamos nas bibliotecas da Idade Média, que limitavam seu acesso às pessoas consagradas pela Igreja, as quais tinham o privilégio de adentrar o templo do saber. Para tanto, a esses escolhidos era exigida uma postura respeitosa que garantisse um estreito contato e compreensão do sagrado, ou seja, fundamentalmente a passividade de um profundo e eterno silêncio. Não consideramos que esse silêncio ainda, muitas vezes, imposto à biblioteca e a quem a ela adentra seja comparável literalmente a um mito, mas entendendo-o como algo sem uma origem ou continuidade claramente definidas: o silêncio da biblioteca. Acreditamos, embasados em Certeau (2012, p. 25), que seria

[...] artificial crer que os mitos desapareceram perante a racionalização. Se acreditássemos ter livrado deles as ruas seriam um engano. Ao contrário, eles aí reinam. Exibem em catálogos de imagens os sonhos e a repressão de uma sociedade. Ressurgem por toda parte, mas por vias diferentes das passadas.

A relação da cultura com a sociedade modificou-se, sendo não mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades como religiosos, iluminados, docentes, profissionais liberais. A cultura não é mais estável e definida por código aceito por todos.

Hoje a situação ressurgue por outras maneiras, produzindo outros modos de viver.

O poder cultural não está mais localizado em uma escola ou em uma igreja. Ele infiltra-se em qualquer teto e qualquer espaço, com as telas da televisão. Ele ‘personaliza-se’. Introduce por toda parte os seus produtos. Faz-se íntimo. Isso muda a posição da escola. No passado, representante do Estado pedagogo, ela tinha como contrapartida e adversária a família, que exercia o papel de um controle (CERTEAU, 2012, p. 138).

Acreditamos que somos influenciados por traços passados, mas que se contextualizam de maneira diferente na sociedade atual. Devemos considerar como as palavras foram ditas em

outros momentos sociais, enquanto “[...] outros se tornam inflexíveis, qualificando de diabólica a objeção mais sensata; julgam, portanto, tudo defender, ao se defenderem a si próprios e, literalmente, perdem o senso” (CERTEAU, 2012, p. 31).

Torna-se necessário promover um rompimento com convenções unilaterais, estimulando questionamentos, diversidades de sentidos e desenvolvimento de criticidade. A escola, por vezes, ainda excomunga os grupos e os indivíduos, colocados na posição de marginalizados, coagidos a se defenderem como excluídos e voltados a procurar a si próprios entre os repelidos (CERTEAU, 2012).

A compreensão crítica de biblioteca que Freire (1989) defende trabalha no sentido inverso dessa lógica de marginalização, pois compreende que seja imprescindível sua transformação num espaço popular constituindo-se em meio à polifonia, às falas, aos saberes dos tantos sujeitos aprendentes que somos: professores, alunos, funcionários da escola, familiares, da comunidade escolar e demais membros da comunidade.

O entendimento crítico da biblioteca tem a potencialidade de conduzir não restritamente às práticas e usos desse espaço, mas à interpretação crítica de leitura e de alfabetização defendidas por Freire, que se afirma favorável à conscientização da realidade em que estamos inseridos como protagonistas, seja na condição de ensinantes, seja na de aprendentes.

A relevância da biblioteca popular com relação aos programas de educação e de cultura popular em geral e não apenas de alfabetização de adultos, creio que é apreendida tanto por educadoras e educadores numa posição ingênua, ou astutamente ingênua, quanto por aquelas e aqueles que se inserem numa perspectiva crítica. (FREIRE, 1989, p. 19).

Uma biblioteca verdadeiramente viva sustenta seu trabalho nos sujeitos que a atravessam, tanto professores, estudantes, bibliotecários quanto a comunidade, dinamizando atividades que condigam com a realidade do território em que se insere.

Biblioteca não se limita a um lugar onde se adquirem informações, mas a um espaço potencializador à apropriação das informações que serão transformadas em conhecimento. Temos a função de ajudar os estudantes nesse processo de transformação.

Fala-se quase exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender (FREIRE, 2006, p. 43).

A partir de Freire (2006) ratificamos nosso entendimento de que ensinar não significa transferir conhecimento, mas possibilitar a sua construção singular com os sujeitos. Quando adentramos num espaço educativo, independente de ser formalmente instituído para esta finalidade, devemos estar abertos às indagações e curiosidades dos alunos, aos seus silêncios; sermos críticos e questionadores diante da tarefa de ensinar a qual nos dispomos.

Buscando um parâmetro mais amplo para compreendermos as atribuições dadas a biblioteca escolar em nível nacional, consultamos as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), visto que elas são resultado de um

[...] amplo debate e buscam prover os sistemas educativos em seus vários níveis (municipal, estadual e federal) de instrumentos para que crianças, adolescentes, jovens e adultos que ainda não tiveram a oportunidade, possam se desenvolver plenamente, recebendo uma formação de qualidade correspondente à sua idade e nível de aprendizagem, respeitando suas diferentes condições sociais, culturais, emocionais, físicas e étnicas (BRASIL, 2013, p. 4).

Nas seções deste documento referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, observamos que as funções atribuídas à biblioteca a limitam a um papel coadjuvante, conforme podemos observar a seguir:

Isso abarca mais que o exercício político-pedagógico que se viabiliza mediante atuação de todos os sujeitos da comunidade educativa. Ou seja, efetiva-se não apenas mediante participação de todos os sujeitos da escola – estudante, professor, técnico, funcionário, coordenador – mas também mediante aquisição e utilização adequada dos objetos e espaços (laboratórios, equipamentos, mobiliário, salas-ambiente, biblioteca, videoteca etc.) requeridos para responder ao projeto político-pedagógico [...] (BRASIL, 2013, p. 22).

Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital. Essa distância necessita ser superada, mediante aproximação dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, estimulando a criação de novos métodos didático-pedagógicos. (BRASIL, 2013, p. 25).

Trazendo nossa análise para uma realidade mais próxima, na qual realizamos nossa pesquisa de campo, não identificamos, nas *Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de Vitória* publicadas em 2004, o termo biblioteca, bibliotecário nem sequer pistas que nos remetessem a vislumbrá-los fazendo parte do contexto escolar ou políticas educacionais que norteiem a educação no município capixaba (VITÓRIA, 2004).

Tomando por parâmetro o cenário das políticas educacionais nacionais e municipais (Vitória-ES), deparamos um cenário preocupante que ora reduz a biblioteca a um equipamento

acessório e que ora nem ao menos faz referência a ele. Ainda assim, percebemos que muito se tem feito marginalmente nas práticas cotidianas e por meio das táticas de resistência anteriormente discutidas.

Podemos analisar a biblioteca escolar com seus sujeitos praticantes com base na nomenclatura comumente designada na Biblioteconomia – *usuários* –, ou seja, aqueles que usam o que a biblioteca lhes coloca à disposição, frequentemente de maneira passiva, como se fossem um

[...] corpo que obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se [veem]; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é elemento assinado por muitos outros, escapam a legibilidade (CERTEAU, 1994, p. 171).

Nos remetendo ao sucesso da colonização espanhola sobre o seio das etnias indígenas, Certeau (1994) afirma que essas populações usavam das leis e práticas que lhes eram impostas para outras finalidades, que não as originalmente pretendidas pelos colonizadores. E hoje assim se repete. Não pensemos naqueles que chamamos de usuários como consumidores passivos dos que lhes oferecemos, mas como transformadores daquilo que eles próprios desejam. “[...] poder-se-ia quase afirmar que a produção fornece capital e os usuários, como locatários, adquirem direito de efetuar operações sobre este fundo sem serem os proprietários” (CERTEAU, 1994, p. 96).

É a diversidade de usos que cria uma incontável proliferação de significâncias que conduzem para uma antidisdisciplina que Certeau (1994) enfatiza veementemente. Outro exemplo que talvez aproxime essa ideia para um fato mais próximo ao nosso dia a dia diz respeito à relação que se estabelece entre o morador e sua residência. Esta, quando concebida por um arquiteto sentado diante de sua prancha, é idealizada como um ambiente ideal conforme as intenções deste profissional, ainda que este pretenda atender aos desejos de seu cliente. Todavia, com a ocupação dessa casa pelo morador, são dados outros sentidos que apenas são possíveis a partir desse momento e que não poderiam ser previstos em sua concepção.

Não pretendemos aqui discutir tão somente as deficiências, ausências, descasos e outros problemas que a biblioteca escolar vivencia, mas também as belezas que acontecem em seu cotidiano e nem sempre são visibilizadas como os problemas. Tais belezas passam muitas vezes despercebidas aos nossos olhos, pois são realizadas marginalmente e, conforme Certeau (1994) nos diz, nas relações cotidianas dos sujeitos praticantes desses espaços-tempos.

Pensando nessas relações trazidas por Certeau (1994), remetemo-nos à diversidade de processos de ensino-aprendizagem que acontecem pela ação de sujeitos/educadores que atuam criativamente nos diversos espaços de ensino, visando ao aprendizado dos estudantes numa perspectiva para além do que alguns consideram como menos importante. Cada uma dessas experiências precisa ser compreendida no contexto de sua realização, o qual conspirou para que se tornasse possível acontecer, considerando para isso uma diversidade de fatores que vão desde a história de vida, formação, realidade e experiências dos sujeitos envolvidos nesse processo cotidiano, sejam aprendizes, sejam “ensinantes” (OLIVEIRA; ALVES, 2002).

Como observaremos mais à frente, na análise de estados da arte sobre biblioteca escolar no Brasil, são recorrentes as pesquisas que apontam as dificuldades de atuação do bibliotecário na escola em razão da escassez e inflexibilidade do tempo, necessidade de cumprimento dos conteúdos curriculares, falta de integração entre professores e bibliotecários, precarização das condições de trabalho e outras questões que limitam a realização de vários tipos de projetos que poderiam ser realizados na escola. Mesmo com a existência de tantos fatores impeditivos, a maioria das pesquisas aponta o reconhecimento da importância da biblioteca escolar, o que nos indica um claro desejo de transformação dessas realidades.

Diante disso, surge a necessidade de os profissionais da educação, inclusive o bibliotecário, refletirem sobre outras possibilidades de realização do seu trabalho ante essa diversidade de fatores negativos peculiares à maioria das escolas que conhecemos.

Em face das tensões estabelecidas relativamente a essas questões, os sujeitos-praticantes reinventam formas alternativas de uso que acabam por torná-los produtores/autores que criam, a seu modo, o que se chama de táticas que cotidianamente se inscrevem e se delimitam nas redes relacionais entre o fraco e o forte, entre o tático e o estratégico. Para Certeau (1994), a relevância de estabelecer essa distinção surge na construção de uma nova proposta de compreendermos a realidade social e as ações, de um lado pelos sujeitos praticantes e de outro pelo sistema já instituído.

Pelo lado dos sujeitos praticantes, as táticas são vistas como movimentos que acontecem dentro da linha de atuação do inimigo e no espaço por ele controlado, operando passo a passo e se aproveitando de situações sem a intenção de colecionar benefícios, o que permite maior mobilidade e deslocamento para alçar decolagens ocasionais astuciosamente. Para Certeau (1994), de forma geral, as táticas estão relacionadas a operações que minam um lugar.

O que se chama de movimentos táticos em um lugar controlado por estruturas de poder pode sugerir uma liberdade enganosa para aqueles que estariam em uma posição mais fraca. A valorização das táticas, como uma série de procedimentos que exterminam um lugar, pode transformar-se em uma desculpa em que tudo o que é produzido pelas estruturas de poder é consumido por sujeitos que criam e seguem as próprias regras.

Já pelo lado do sistema instituído, as estratégias se configuram como ações previamente calculadas de um lugar de poder que influenciam nas relações com o outro que, em princípio, se submete ao forte (CERTEAU, 1994). Essas são fundadas sobre um desejo e um conjunto desnivelado de relações de poder.

Certeau (1994) compreende “estratégias” como o cálculo, a manipulação de relações de força, tornadas possíveis pelo isolamento de um objeto. Para o autor, as estratégias organizam, ditam um lugar que pode ser administrado em relação a um contexto externo formado por alvos e perigos.

Ousamos afirmar que todos conhecem, ou em algum momento já vivenciaram na escola, situações em que as regras, normalmente rígidas, foram burladas pelos estudantes que conseguem vencer a vigilância de pedagogos, coordenadores e professores, bem como de educadores que fogem ao controle do sistema instituído. Essa relação com as regras e usos dos espaços da escola se altera em função do lugar que elas ocupam na dinâmica dessas instituições, contudo as subversões se perpetuam em nossas memórias.

Ao adotarmos Certeau (1994) como um de nossos referenciais teóricos para nos subsidiarmos nas discussões sobre usos, lugar, espaço, táticas e estratégias com um olhar relacionado à escola, mais especificamente ao espaço da biblioteca, o fazemos intencionalmente tendo em vista a dimensão política que apreendemos desse autor.

Inspirados em Certeau (1994), compreendemos que o cotidiano escolar é recheado de movimentos de resistência aos mecanismos controladores, disciplinadores e às precariedades do sistema instituído que mormente não tem dedicado a atenção necessária para o potencial papel da biblioteca e do bibliotecário na escola básica, por isso trazemos esse problema à discussão em nossa pesquisa.

Com base no percurso profissional inicialmente relatado, nas possibilidades que vislumbramos a partir da biblioteca escolar e das concepções de atuação do profissional

bibliotecário escolar, emerge o desejo de refletirmos, com ainda mais intensidade, a biblioteca escolar pelas lentes de pesquisadores da educação.

Diante disso, esta proposta de pesquisa pretende compreender a produção acadêmico-científica sobre biblioteca escolar no Brasil e vivenciar as práticas educativas de uma bibliotecária escolar em seus momentos de atuação com os estudantes e professores, seus planejamentos e as diversidades de atividades formativas no cotidiano de sua atuação no espaço-tempo de uma biblioteca escolar.

### 2.3 ESTADOS DA ARTE SOBRE BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

Para realizarmos esse levantamento bibliográfico com base na análise da produção científica sobre a biblioteca escolar, buscamos apropriar-nos de estudos do tipo estado da arte produzidos sobre essa área no Brasil.

A importância de realizarmos uma análise de estados da arte sobre a biblioteca escolar justifica-se pela necessidade de mapearmos o conhecimento já elaborado nessa área que aponte os enfoques, os temas pesquisados e as lacunas existentes, possibilitando-nos contribuir na análise dessa área e indicar as possíveis contribuições de pesquisa que vislumbrem rupturas sociais já consolidadas (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Para que tivéssemos as condições necessárias de traçar um cenário das pesquisas sobre biblioteca escolar do Brasil nesta última década, delimitamos como bases de dados publicações em periódicos nacionais e trabalhos apresentados em eventos entre 2003 e 2013, considerados como referências nessa área, em virtude de suas qualificações pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e continuidade das suas edições ao longo dos anos.

Em seguida, utilizamos uma consulta minuciosa à base de dados da Literatura sobre Biblioteca Escolar (LIBES) do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), na qual estão reunidos os principais textos sobre o tema “biblioteca escolar no Brasil”. Nesse processo de busca, lançamos mão dos seguintes descritores: “estado da arte”, “estado do conhecimento”, “arte”, “conhecimento”, “levantamento”, “bibliográfico” e “documental”.

No processo de recuperação desses trabalhos, identificamos três estudos bibliográficos caracterizados como estados da arte que tiveram, em sua autoria, a participação da professora Bernadete Santos Campello da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenadora do GEBE.

Os estudos analisados foram os seguintes:

- A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento, de autoria de Bernadete Santos Campello;
- Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras, de autoria de Bernadete Santos Campello, Márcia Milton Vianna, Paulo da Terra Caldeira, Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, Maria da Conceição Carvalho e Adriana Costa e Silva Benigno;<sup>11</sup> e
- Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte, de autoria de Bernadete Santos Campello, Paulo da Terra Caldeira, Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, Carlos Alberto Ávila Araújo, Maria da Conceição Carvalho, Mara Eliane Fonseca Rodrigues e Laura Valladares de Oliveira Soares.

Com base nesses estudos de mapeamento e análise da produção acadêmica sobre a biblioteca escolar, objetivamos uma visão mais aprofundada sobre o tema, tendo em vista o período abrangido pelas pesquisas que resulta em um recorte temporal de 51 anos e as fontes investigadas, o que permitiu que tivéssemos uma compreensão sobre a evolução dessas pesquisas, suas características e focos, bem como a identificação das lacunas ainda existentes.

### **2.3.1 Análise dos estudos adotados sobre biblioteca escolar no Brasil**

Buscamos identificar e dialogar com o que foi produzido sobre o tema biblioteca escolar no Brasil mapeando o conhecimento materializado pelos autores e vislumbrando reflexões sobre essa área que ainda podem ser desenvolvidas em futuras pesquisas.

---

<sup>11</sup> Optamos por indicar a integralidade do nome dos autores dos trabalhos adotados à vista da significância desses estudos para nossa pesquisa.

O primeiro estudo de que lançamos mão para nos auxiliar a compreender as pesquisas relacionadas à biblioteca e ao bibliotecário escolar no Brasil foi apresentado por Campello (2003) no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), em Belo Horizonte, intitulado “A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento”. Nesta pesquisa, a autora trata do papel da biblioteca escolar no debate sobre sua ação pedagógica nas instituições de educação básica tendo como apoio textos publicados em periódicos e anais de encontros da área da Biblioteconomia no Brasil entre 1960 e 2003.

Em sua fundamentação teórica, Campello (2003) cita Lourenço Filho (1946, p. 1), que já aponta uma preocupação sobre o papel da biblioteca no processo de ensino-aprendizagem na escola que é trazido à tona há bastante tempo:

Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas ideias, felizmente, a vigorar entre nós.

Campello (2003) delimita a *Leitura*, a *Pesquisa Escolar* e a *Ação Cultural* como eixos que compõem um tripé que dá embasamento à defesa da biblioteca escolar como um espaço de ação pedagógica na escola, por meio do qual elabora suas análises e reflexões tomando por referência textos publicados e apresentados no período de 1960 e 2003.

No eixo *Leitura*, observam-se fortes marcas da não existência de uma visão homogênea sobre a participação e possibilidades da biblioteca escolar na potencialização da prática leitora na escola, ainda que esse seja tema de destaque nas abordagens dos pesquisadores da área, pois consideram que essa era a função primordial da biblioteca escolar e caberia a ela, quase que exclusivamente, a responsabilidade de formar, incrementar e apreciar o hábito de leitura, tornando-a um bom passatempo entre outras diversas funções.

Campello (2003) aponta a falta de profundidade com que a biblioteca escolar era tratada na década de 1960, quando identifica, nos textos analisados, que somente são apresentadas propostas de listas de atividades que poderiam ser realizadas na biblioteca, como dramatizações, projeções, palestras e entrevistas, e não discussões mais aprofundadas, problematizadoras e reflexivas, dando-nos a sensação da formação de um entendimento restrito sobre o papel da biblioteca escolar.

Desde 1980, passa a tomar corpo uma discussão sobre a forma como a leitura era imposta aos alunos, visando tão somente ao cumprimento de exigências avaliativas desconectadas de seus desejos e necessidades. Nesse período, passou-se a discutir que importância tem a biblioteca escolar como um espaço de liberdade de escolhas, crítica e inclusive abandono da leitura.

Concomitantemente a isso, surge uma crítica à formação do bibliotecário, haja vista sua postura muitas vezes alienada ante as diferentes histórias de contato dos estudantes com a leitura. Campello (2003) percebe um posicionamento defendendo que o bibliotecário deve assumir uma postura mais educativa, tornando-se um sujeito que potencialize a transformação e criação com base na realidade em que esteja inserido. A autora percebe que alguns defendem ações para tornar a biblioteca mais democrática e próxima das necessidades de seus usuários e maior envolvimento em projetos e programas integrados ao coletivo escolar.

Por outro lado, Campello (2003) indica um avanço nas discussões em torno da biblioteca escolar apresentando um embasamento teórico mais consistente nas pesquisas e apontando práticas em que o bibliotecário passa a atuar de maneira mais sistematizada e em cooperação com professores de todas as áreas curriculares, incluindo a biblioteca em ações mais proativas no que diz respeito à leitura.

Analisando o eixo *Pesquisa Escolar*, que toma como ponto de partida uma perspectiva de ensino que considera o estudante como o responsável pela construção do conhecimento, a biblioteca abre uma importante possibilidade para tornar-se um “laboratório de aprendizagem” onde estudantes e professores possam ter acesso a orientações e interpretação de diferentes fontes de informação.

Santos (1973) apud Campello (2003, p. 12) ressalta que

A biblioteca deve ser o lugar onde os alunos se sirvam diariamente para complementar os conhecimentos adquiridos em classe. Aí eles devem realizar os trabalhos não impostos e uniformes, mas propostos pelos professores e selecionados por eles mesmos, realizando assim um trabalho pessoal.

Pesquisadores já defendiam, na década de 1970, a ideia de que o bibliotecário deveria transformar-se em um especialista da pedagogia nas áreas da pesquisa e da leitura, relacionando-se com gestores, pedagogos e professores para que pudessem atender aos novos objetivos pedagógicos, sem perder de vista que o centro de sua proposta é o estudante e suas necessidades específicas.

Campello (2003, p. 14) compreende que

A percepção que havia, por parte dos praticantes da área, da responsabilidade – da escola em geral e da biblioteca em particular – com a formação de alunos pesquisadores, cidadãos críticos e responsáveis, não foi suficiente para levá-los a propor algo além de atividades que fizessem o aluno conhecer a biblioteca e seus recursos informacionais. A visão dos praticantes era restrita ao ambiente da biblioteca, carecendo de contextualização mais ampla.

Campello (2003) indica que, no processo de referência em bibliotecas públicas, no atendimento à realização de pesquisas escolares, há uma passividade de estudantes que chegam com assuntos delimitados por professores e, quando atendidos pelas equipes dessas bibliotecas, esses estudantes normalmente recebem um livro com a página marcada em que se encontra tal assunto, bastando que se faça a cópia do trecho indicado sem que haja nenhuma tentativa de diálogo sobre outras possibilidades de fontes de informação.

Ao analisar *Cultura e Ação Cultural*, observamos nesse eixo algumas perspectivas da década de 1980 e 1990 que defendiam que a biblioteca deveria “reduzir a distância cultural entre o educando e seu meio social” ou “cooperar com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar”, ou “desenvolver o gosto pelo contínuo aperfeiçoamento educacional e cultural”. Ou seja, já havia uma tentativa de rompimento com a ideia de biblioteca como depositária de livros, ao passo que Campello (2003) destaca que as obras analisadas ainda não abandonam o papel da biblioteca como depositária e garantia de transmissão dos conteúdos culturais para as futuras gerações. Tal perspectiva é pouco aceita e logo suplantada pelo conceito de ação cultural, que propõe o bibliotecário como um agente cultural que estimula a ideia de transformação e emancipação por meio da expressão.

Por fim, Campello (2003) considera que, para a biblioteca escolar exercer uma função pedagógica, é necessário que os eixos *Leitura, Pesquisa Escolar e Ação Cultural* deixem de ser tratados fragmentadamente e que o foco do trabalho da biblioteca escolar esteja voltado para um movimento integrador e valorizador da aprendizagem.

O segundo estado da arte que tomamos para expandir nossa compreensão sobre biblioteca escolar é intitulado “Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras”, foi escrito por Campello e outros (2007). Inicialmente os pesquisadores deixam clara a intenção em não se debruçarem sobre questões de falta ou precariedade de estrutura das bibliotecas escolares, e sim em reflexões acerca da falta de embasamento teórico que sirvam de sustentação às práticas pedagógicas e à fragilidade do

discurso de profissionais que, por vezes, não conseguem explicar, em seus discursos, o papel do bibliotecário e da biblioteca na escola, potencializando, assim, certo isolamento da biblioteca e enfraquecimento das relações dialógicas com os demais educadores.

Campello e outros (2007) utilizaram o recurso de estabelecer relações textuais por meio de citações dos trabalhos analisados traçando estruturas, caminhos, padrões e relações entre áreas, temas e autores sem que fosse necessário realizar uma análise dos conteúdos dos textos. Assim, o estudo objetivou fazer uma análise das citações de 23 dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado de diversos programas de pós-graduação do Brasil que tiveram por objeto de estudo a biblioteca escolar até 2005 e que estavam disponíveis nos bancos de dados das universidades: UFMG, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCampinas) e, Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPR). Além dessas universidades, foram consultados também o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Programa de Informação para Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação do IBICT e o catálogo de teses e dissertações da base do Scielo. Nesses 28 trabalhos que formaram o *corpus* bibliográfico desse estudo (Tabela 1), foi identificado um total de 2.091 trabalhos citados.

Os 28 trabalhos estudados foram defendidos entre 1975 e 2002, período em que se encontrou uma predominância de publicações em 1998, fato esse não analisado pelos autores, mas que coincide com o período próximo da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação (MEC) ocorrida em 1997, podendo ser esse um fator importante em mover a atenção dos pesquisadores, visto que esse documento compreende que a biblioteca escolar é a primeira das condições favoráveis para a formação de leitores.

**Tabela 1 – Quantidade de teses e dissertações analisadas a cada ano**

Ano de defesa	nº de teses e dissertações	Ano de defesa	nº de teses e dissertações
1975	1	1995	1
1983	2	1997	3
1985	1	1998	6
1987	2	1999	2
1988	1	2000	2
1989	2	2001	1
1990	1	2002	1
1991	2	Total:	28

Fonte: Campello e outros (2007).

Quanto às instituições em que essas pesquisas foram realizadas, Campello e outros (2007) observaram uma concentração de dez trabalhos na UFMG e Universidade de São Paulo (USP) e os demais 18 trabalhos distribuídos em outras dez instituições. Essas 28 dissertações e teses foram orientadas por 25 professores diferentes, o que indica uma dispersão muito grande entre professores orientadores que se interessem em pesquisar as questões relacionadas à biblioteca escolar no Brasil, além da não consolidação dessa linha de pesquisa nos programas de pós-graduação.

Já no que diz respeito aos programas de pós-graduação em que as pesquisas foram desenvolvidas,<sup>12</sup> a quantidade de citações variou bastante entre os trabalhos analisados, mas, segundo Campello e outros (2007), a média de citações ficou em 73,7 citações por dissertação de mestrado e 79,2 citações por tese de doutorado. No que diz respeito à autoria dos textos citados, a maioria deles (87,9%) foi produzida por um autor único, o que indica a provável falta de grupos de trabalho ou núcleos de pesquisa que se dedicassem, de forma coletiva, ao estudo de questões relativas à biblioteca escolar no período estudado.

O ano de maior concentração de publicação dos documentos citados está no período entre 1971 e 1997, perfazendo um total de 1.132 trabalhos citados e publicados nesse período. Nessa mesma época, nota-se que houve um total de citações de 144 trabalhos em 1982, ano que coincide com a realização do 11.º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que teve como tema de debate “Biblioteca e educação permanente”. Do total dessas 144 citações, 30 são oriundas de trabalhos apresentados nesse congresso.

A seguir trazemos a Tabela 2 que nos mostra os 15 periódicos mais citados nos trabalhos, dos quais os cinco primeiros são nacionais e representam um total de 35,7% do total de 2.091 documentos analisados.

---

<sup>12</sup> Constatou-se que 13 trabalhos são originários de Programas de Educação, dez de Programas de Biblioteconomia, quatro de Programas de Ciência da Informação e um de Programa de Ciência da Computação.

Tabela 2 – Periódicos mais citados nas pesquisas analisadas

Periódicos	nº de ref.	%
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	70	13,8
Revista de Biblioteconomia de Brasília	43	8,4
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	34	6,7
Boletim ABDF Nova Série	20	3,9
Ciência da Informação	15	2,9
Library Trends	15	2,9
Cadernos do CED	14	2,8
Leitura: Teoria & Prática	14	2,8
Presença Pedagógica	8	1,6
Transinformação	8	1,6
Canadian Library Journal	7	1,4
Revista Leia	7	1,4
Amae Educando	6	1,2
Drexel Library Quarterly	5	1,0
Releitura	5	1,0

Fonte: Campello e outros (2007).

O estudo de Campello e outros (2007) revela que 81 autores foram citados mais de três vezes, dos quais os dez autores mais citados e as respectivas áreas de atuação foram os mostrados na Tabela 3.

Tabela 3 - Autores mais citados nas pesquisas analisadas<sup>13</sup>

Nome do autor	Área de atuação	nº de citações	%
Ezequiel Teodoro da Silva	Educação	50	2,15
Luiz A. Milanesi	Ciência da Informação	25	1,08
Regina Zilberman	Educação	23	0,99
Paulo Freire	Educação	21	0,90
Walda de Andrade Antunes	Ciência da Informação	20	0,86
Edson Nery da Fonseca	Biblioteconomia	16	0,69
Raimunda Augusta de Queiroz	Biblioteconomia	16	0,69
Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul	-	16	0,69
Edmir Perrotti	Ciência da Informação	15	0,65
Mary Peacock Douglas	Biblioteconomia	13	0,56

Fonte: Campello e outros (2007).

O estudo de Campello e outros (2007) conclui, com base no *corpus* bibliográfico analisado, que o volume de pesquisas realizadas, tendo como objeto a biblioteca escolar, tanto era muito pequeno para permitir uma redução da fragilidade conceitual do tema quanto era disperso o número de professores orientadores dessas pesquisas. A incidência de citações de uma mesma referência também foi pequena, já que 90% delas foram citadas menos de sete vezes cada

<sup>13</sup> Destacamos, neste quadro de autores, a presença da professora Raimunda Augusta de Queiroz, que foi a primeira docente do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Espírito Santo, a qual atuou de forma decisiva para a criação do curso e seu reconhecimento no Conselho Federal de Educação em 1974. (ROSEMBERG; CORRÊA, 1997).

uma, ou seja, não havia “clássicos” da área que permitissem a formação de um quadro de referência teórica da área. Um dado importante encontrado pelo estudo é a influência da educação nas pesquisas relacionadas à biblioteca escolar, visto que 14 professores orientadores dos trabalhos são da área da educação e, das 15 revistas mais utilizadas pelos autores, seis também são do campo da educação.

O terceiro e último estado da arte que utilizamos é intitulado “Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte”, realizado por Campello e outros (2013), e nos apresenta uma análise com base nos relatos de pesquisas acerca da biblioteca escolar publicados no Brasil. O estudo abarcou um total de 91 trabalhos entre 1975 e 2011, oriundos da base de dados LIBES, excetuando-se 18 diagnósticos que analisaram especificamente a situação de bibliotecas. Dos 91 trabalhos constantes na base, Campello e outros (2013) tiveram acesso na íntegra a 70 e esses se caracterizaram por apresentar um perfil de relato de pesquisa com objetivos, hipóteses ou objetos de pesquisa claros, metodologia, apresentação de discussão dos resultados obtidos, diálogo com outras pesquisas, discussões sobre o trabalho e uma lista de referências. Mediante a análise desses elementos, foram estabelecidas seis categorias de relatos com a distribuição apresentada na Tabela 4.

**Tabela 4 – Distribuição de estudos por categorias**

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade de estudos</b>
Biblioteca escolar como espaço e aprendizagem	11
Integração professor/bibliotecário	8
Estudos de usos e usuários	13
Coleção	6
Leitura	17
Pesquisa escolar	15

Fonte: Campello e outros (2007).

Nota: Tabela elaborada pelo autor.

Na categoria *Biblioteca Escolar como Espaço de Aprendizagem*, uma característica encontrada por Campello e outros (2013), na maioria dos trabalhos, é a defesa da dimensão educativa da biblioteca. Para tanto, os pesquisadores buscaram destacar de que modo ela pode

contribuir no processo de ensino-aprendizagem. Observou-se como pressuposto que a biblioteca ainda vem sendo pouco reconhecida e utilizada como um *locus* de ensino-aprendizagem pela comunidade escolar.

Dos 11 estudos, sete trabalharam construindo um panorama sobre como as bibliotecas pesquisadas funcionam e quatro trouxeram algumas especificidades da biblioteca influenciando diretamente nas práticas educativas. Como referencial teórico, uma preocupação recorrente foi delimitar o conceito de biblioteca escolar. Oito pesquisas trabalharam com base em perspectivas ligadas diretamente à área da biblioteca atravessada pela educação, analisando inclusive o papel do bibliotecário como um educador na escola. Em conclusão, esses estudos observaram a presença de duas tendências opostas: uma confirma os problemas que historicamente afetam as bibliotecas e a outra revela a efetiva atuação da biblioteca como um potente espaço de atuação pedagógica.

Na categoria *Integração Bibliotecário/Professor*, foram encontrados oito estudos apontando a percepção que há entre esses sujeitos no fazer cotidiano de seus trabalhos e a maneira como se dá a cooperação entre eles. Desse total de estudos, seis são dissertações de mestrado (cinco de Programas de Pós-Graduação em Biblioteconomia ou Ciência da Informação e uma de Programa de Pós-Graduação em Educação), um artigo de periódico e um trabalho apresentado em evento.

Na revisão de literatura, foi evidenciado que muito se discute sobre a importância de integração e cooperação entre bibliotecário e professor, mas ainda pouco se faz para efetivar essa integração entre esses profissionais. Dois trabalhos verificaram que o processo formativo desses profissionais não os prepara para atuar integradamente na escola. Em outros, foi analisado como se dava na prática a percepção dos professores sobre a função educativa dos bibliotecários, e, na percepção dos bibliotecários, como ocorriam seu papel educativo e as parcerias com a equipe pedagógica.

Os trabalhos também identificaram que tanto bibliotecários quanto professores têm dificuldades em trabalhar cooperativamente. Constatou-se um *déficit* no processo de formação dos bibliotecários, que, segundo os profissionais participantes da pesquisa, não os prepara nem para o diálogo nem para as atividades práticas fundamentadas nas teorias da educação. Por fim, as pesquisas constatarem que raramente se percebe um efetivo trabalho integrado entre

professor e bibliotecário, ressaltando-se os poucos casos de sucesso que se restringem à formação do hábito de leitura.

Na categoria *Estudos e Usos e Usuários*, foram encontrados 13 estudos, dos quais oito apresentados em eventos, dois artigos de periódicos e três dissertações de mestrado. Campello e outros (2013) constataram, com base na análise dos textos, que os usuários têm um alto grau de satisfação com a biblioteca, ressaltando-se as reclamações sobre escassez de investimentos em acervos, espaços físicos e computadores. Nessa categoria, pouco se observou uma preocupação com a dimensão pedagógica da biblioteca, restringindo-se as discussões principalmente em torno da existência ou não do bibliotecário nesse espaço. Maior aproximação entre a biblioteca e a educação ocorreu em um ponto negativo, ou seja, a precarização tanto da escola como um todo quanto da biblioteca especificamente.

A quarta categoria estabelecida foi a *Coleção* cuja quantidade de estudos chegou a seis, dos quais quatro artigos de periódicos, um trabalho apresentado em evento e uma dissertação de mestrado. Quatro estudos analisaram as condições dos acervos das bibliotecas, dois analisaram os aspectos que influenciam na formação das coleções, dos quais um ligado à produção editorial nacional e o outro relacionado à formação das coleções, considerando os Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Infantil e Ensino Fundamental. Nessa categoria, foi observado que o referencial teórico utilizado operou com conceitos ligados à educação como ação pedagógica da biblioteca, espaço que propicia aprendizagem, construção do conhecimento do estudante, entre outros. Conclusivamente, nessa categoria os estudos apontaram, entre outras questões, a necessidade de um trabalho integrado entre professores e bibliotecários para a formação de acervos que atendam às necessidades dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Na categoria *Leitura*, foram encontrados 17 estudos, dos quais oito dissertações de mestrado (das quais cinco defendidas em programas de educação), duas teses de doutorado (todas defendidas em programas de educação) e sete trabalhos apresentados em eventos. Nesses estudos, privilegiou-se a análise por meio de estudos de casos nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio e foi verificado se os professores e bibliotecários estavam preparados para serem incentivadores do gosto pela leitura.

Desde 2000, as pesquisas categorizadas como de leituras passaram a se debruçar sobre a influência exercida pela *internet* nas práticas de leitura. Segundo Campello e outros (2013), a

maioria dos trabalhos consta de um aprofundamento nas teorias de Vygotsky, Bakhtin, Geraldi e Kramer, ou seja, esses trabalhos defendem uma perspectiva de interação social e de compartilhamento, cabendo a professores e bibliotecários serem potenciais mediadores da aprendizagem daquilo que os estudantes ainda não sabem. Além dessa perspectiva, destacam-se também estudos sobre o letramento que é desenvolvido no Brasil pela professora Magda Soares. Conclusivamente, os estudos de Campello e outros (2013) revelam ainda insucessos na tentativa de a escola promover tanto a leitura informativa quanto a literária.

A categoria *Pesquisa Escolar* é composta de 15 relatos de pesquisas realizadas entre 1989 e 2010, incluindo oito dissertações, uma tese, três trabalhos apresentados em eventos e três artigos publicados em periódicos. Esses trabalhos analisaram a atuação do bibliotecário na atividade de auxílio à pesquisa escolar contemplando análises que consideraram o olhar do estudante e de professores acerca dessa categoria. No que tange ao tipo de pesquisa, foram encontradas pesquisas bibliográficas que não evidenciaram o referencial adotado.

Campello e outros (2013) ressaltam que os pesquisadores analisados têm convicção da potência da biblioteca escolar contribuindo no processo de ensino-aprendizagem, bem como a necessidade de o bibliotecário, desempenhando sua função educativa, trabalhar com o professor em função dos objetivos pretendidos pela escola. A falta de clareza quanto ao referencial teórico adotado pelos autores tem-se reduzido, mas esse ainda é um problema recorrente em várias das pesquisas analisadas, o que, conforme Campello e outros (2013), aponta certa indefinição no que diz respeito a base teórica adotada.

Com base na análise desses três estados da arte, observamos que a biblioteca vem sendo compreendida como um importante espaço escolar com funções pedagógicas peculiares a ela, envolvendo atividades de aprendizagem, incentivo à leitura, pesquisas escolares ou ação cultural. Contudo, a área necessita deixar de encarar esses campos de atuação de maneira fragmentada em detrimento de um espaço de trabalho voltado para movimentos que integrem e valorizem fundamentalmente a potencial importância que a biblioteca exerce na aprendizagem dos estudantes, integrando professores, equipe pedagógica, bibliotecários.

Quando analisado o trabalho de Campello e outros (2007), que se debruçam sobre as pesquisas que originaram dissertações e teses realizadas entre 1975 e 2002, ou seja, um período de 27 anos de pesquisa sobre o tema biblioteca escolar, fica notória a inconsistência teórica desses estudos em torno da biblioteca escolar como indicado pela dispersão de autores

adotados para embasamento dessas pesquisas, bem como a dispersão de orientadores de pesquisas sobre a área. Observamos que é necessário que se estabeleçam mais grupos de pesquisa comprometidos com campo da biblioteca escolar, para que se consolide esse campo de pesquisa no Brasil, principalmente nos programas de pós-graduação vinculados à Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que a maioria das pesquisas analisadas é originária de programas de pós-graduação vinculados à educação.

O último estudo de Campello e outros (2013) revela que as pesquisas publicadas têm apontado recorrentemente a biblioteca escolar como fundamental para a aprendizagem na escola, o que demanda a necessidade de maior aproximação entre bibliotecário e professor, seja nas atividades de formação, planejamento, avaliação, implementação de projetos, seja em parceria contínua e permanente, para que a biblioteca exerça plenamente sua função educativa no contexto escolar.

Revela-nos ainda, diferentemente do estudo de Campello e outros (2007), que nesse período houve uma relativa redução da inconsistência teórica das pesquisas sobre a biblioteca escolar, mas ainda indica que há o que se consolidar na literatura da área da Biblioteconomia Escolar no Brasil, inclusive quando pensamos na formação inicial dos profissionais da educação, entre os quais incluímos professores, pedagogos, bibliotecários escolares e todos os atores que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

## 2.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista os contextos que orientam a proposição de investigar o comportamento da temática Biblioteconomia Escolar em meio à produção do conhecimento da área e compreender o trabalho de uma bibliotecária escolar em suas atividades cotidianas, apresentamos os percursos metodológicos que sistematizam essa pesquisa em dois momentos distintos.

O primeiro caracterizou-se por uma pesquisa bibliográfica que denominamos “Estado do conhecimento sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil”, que adotou, como fonte de

informação, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação em suas cinco edições realizadas entre 2005 e 2013.

O segundo momento se deu com a imersão no campo de pesquisa, quando acompanhamos as atividades realizadas na relação biblioteca-escola-bibliotecário em uma unidade de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Vitória-ES, orientando-nos pela perspectiva de pesquisa colaborativa.

#### **2.4.1 A pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica é de fundamental importância para nós, pois analisa um conjunto de documentos com a finalidade conhecer contribuições científicas sobre um determinado tema. Para Witter (1990, p. 26), esse é “[...] um tipo de pesquisa centrada na análise de suportes bibliográficos (textos), diferindo-se da revisão de literatura pela especificidade de objetivos e procedimentos”.

Para Ventorim (2005, p. 56), a pesquisa bibliográfica possibilita-nos um diálogo com as fontes e permite que elas expressem uma importante dinamicidade, não cabendo uma relação mecanicista com os documentos, mas uma “[...] pluralidade de ações, condições e lógicas que constituem tanto o processo de produção de conhecimento como a organização de um evento”, como é o caso do CBBDD.

A leitura de textos que usualmente é associada à passividade, na qual o leitor é apenas um consumidor, segundo Certeau (1994, p. 49) se apresenta de maneira bem diferente:

De fato, a atividade leitora, apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. [...] Ele [o leitor] insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação do texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como ruídos do corpo.

Com base nos textos produzidos e apresentados em um evento científico, construímos um estado do conhecimento sobre a biblioteca escolar para que nos apropriássemos das reflexões dos seus autores, pois estes expressam teorias e práticas que se transformarão em mensagens que nos subsidiarão na produção de novos textos por meio de nosso olhar.

#### 2.4.1.1 *Elaboração do estado do conhecimento sobre a biblioteca escolar a partir dos CBBDs*

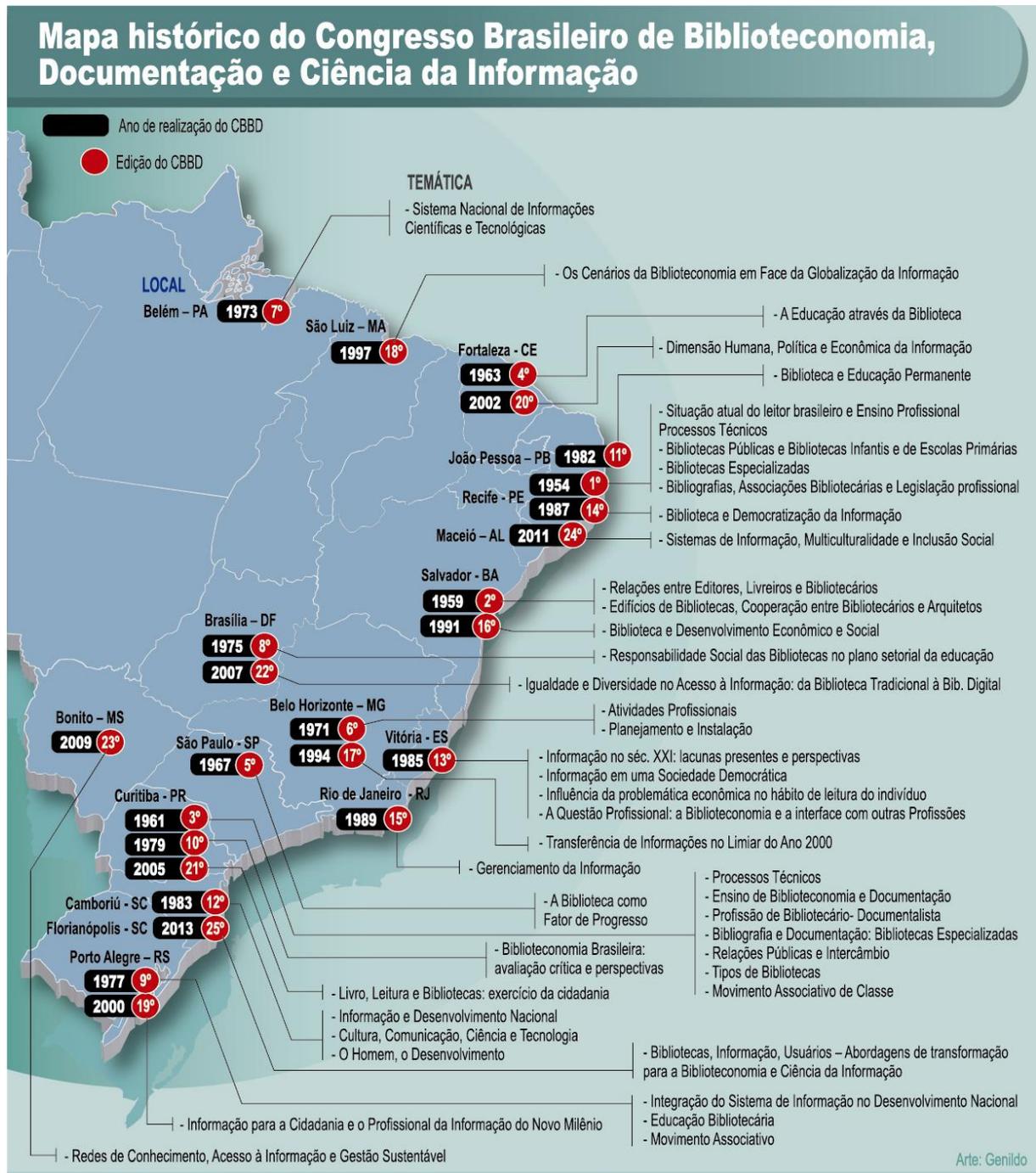
O estado do conhecimento, por se tratar de um estudo ainda pouco realizado no Brasil, traz consigo uma série de dúvidas acerca de sua definição, caracterização e, por vezes, certa imprecisão na distinção entre estado do conhecimento e estado da arte. Para Romanowski e Ens (2006), os estados da arte se propõem a sistematizar a produção de uma área do conhecimento visando apreender amplamente o que vem sendo produzido abrangendo uma área do conhecimento. Para tanto, não se restringem a estudar resumos de dissertações ou teses; eles abrangem produções apresentadas em congressos, artigos de periódicos, ensaios e outras fontes de registro da produção do conhecimento.

O estado do conhecimento também se caracteriza por inventariar a produção científica de determinada área do conhecimento, mas restringindo sua abrangência às fontes de um determinado tipo de publicação, ou seja, teses, dissertações, artigos científicos, anais de eventos, trabalhos em formato pôster, trabalhos apresentados oralmente ou outros ao longo de uma determinada região, instituição ou evento. Com base no exposto, definimos que o CBBD, em suas cinco últimas edições, seria o nosso *locus* para a produção desse estado do conhecimento abrangendo o recorte temporal entre 2005 e 2013, por considerá-lo quantitativamente representativo, uma vez que nesse período encontramos o número de 91 textos discutindo a Biblioteconomia Escolar.

O CBBD, promovido desde 1954, é considerado, segundo a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) (FEDERAÇÃO..., 2013), atual detentor dos direitos de realização do evento, como uma atividade consolidada no cenário nacional, e configura-se em um espaço para apresentação de experiências, práticas e difusão da produção técnico-científica relacionada às bibliotecas, unidades de informação, ensino e pesquisa, sendo uma importante oportunidade de atualização dos profissionais atuantes na área.

No decurso de 59 anos de realização do CBBD, foram realizadas 25 edições desse congresso tratando de diversos temas, conforme especificados no Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Mapa histórico do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**



Fonte: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Por se tratar de um evento, e não de uma comunidade científica, o CBBD possui um caráter abrangente que permite a participação e apresentação de pesquisas ou relatos de experiências realizadas por uma diversidade e pluralidade de sujeitos – estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores, docentes e profissionais – imprimindo assim um perfil amplo e de

diversos interesses e tendências relacionados aos campos da Biblioteconomia, inclusive em interface com diversas áreas do conhecimento, o que foi determinante na sua escolha como fonte de pesquisa.

A busca por compreender a produção científica do CBBB pela pesquisa bibliográfica significa assumi-la como fonte inesgotável e flexível de mensagens, pois essas pesquisas são o testemunho de vastas experiências humanas e a marca de um devir histórico. A produção científica apresentada nos CBBBs fomenta, ao longo de sua trajetória de 59 anos de existência, um campo fértil ao debate sobre a Biblioteconomia no Brasil em sua diversidade de perspectivas que se transformam permanentemente (VENTORIM, 2005).

Assim como a autora, não vislumbramos diagnosticar, de maneira definitiva, os textos analisados, e sim compreender melhor, mediante os trabalhos apresentados nos CBBBs, os interesses políticos, sociais e culturais da Biblioteconomia Escolar no Brasil e as discussões realizadas pela comunidade científica, acadêmica e profissional dessa área.

Com base na caracterização do CBBB, iniciamos a busca pelos anais desse congresso por meio do *site* da FEBAB e constatamos que somente as últimas três edições disponibilizavam esses documentos para consulta *on-line*. Diante disso, buscamos o auxílio em *sites*, bibliotecas, professores do Departamento de Biblioteconomia da UFES e de outros bibliotecários que pudessem nos ceder os CDs-ROM ou os impressos com o registro dos anais que necessitávamos. Com esse movimento de busca, tivemos acesso aos trabalhos publicados nas edições de 2013, 2011 e 2009 do CBBB por meio do *site* da FEBAB e nas edições de 2007 e 2005 por meio de CDs-ROM.

O *corpus documental* dos cinco últimos CBBBs realizados de 2005 a 2013, o que representa significativas discussões realizadas ao longo dos últimos dez anos em torno da Biblioteconomia e suas diversas linhas de discussão, pesquisa e atuação profissional,<sup>14</sup> é composto de 1.570 trabalhos apresentados, conforme detalhamento na Tabela 5.

---

<sup>14</sup> Além do CBBB, outro evento referência para a área da Biblioteconomia no Brasil, mais especificamente na Ciência da Informação, é o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) realizado há treze edições pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Contudo, ao buscarmos analisar os possíveis bancos de dados que adotaríamos em nossa pesquisa, constatamos que as discussões em torno do tema Biblioteca Escolar nesse encontro são quantitativamente bem reduzidas e restritas às pesquisas realizadas no contexto da pós-graduação em Ciência da Informação, e que pouco se debruçam sobre a discussão em torno da Biblioteca Escolar, se comparado ao quantitativo de textos disponíveis nos CBBBs.

Tabela 5 – Quantitativo de trabalhos apresentados nos CBBDs (2005-2013)

Ano de realização do CBBd	Quantidade de trabalhos sobre biblioteca escolar no CBBd	Quantidade total de trabalhos apresentados no CBBd
2005	15	206
2007	16	258
2009	7	226
2011	19	422
2013	35	458
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>1570</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2005; 2007; 2009; 2011; 2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Com o aprofundamento nas discussões realizadas nesses dez anos de congresso, pretendemos apropriar-nos, dentro desse recorte temporal, dos diálogos estabelecidos em torno do tema Biblioteconomia Escolar no Brasil para nos aproximarmos do estado do conhecimento desse campo e nos associarmos aos estados da arte produzidos por Campello (2003) e Campello e outros (2007, 2013), tendo com isso mais subsídios para realização de nossa pesquisa de campo.

#### 2.4.1.2 Procedimentos de análise dos anais dos CBBDs

No intuito de compreendermos como têm transcorrido as discussões acerca do tema Biblioteconomia Escolar, elaboramos para cada uma das cinco últimas edições dos CBBDs um quadro geral com as principais palestras, eventos simultâneos ou paralelos e sessões temáticas apresentadas ao longo da programação geral, destacando aquelas atividades que, explicitamente pelo seu título, dissessem respeito à Biblioteconomia Escolar (Apêndices A e B). No transcurso desse processo investigativo, verificamos que o congresso apresentou uma diversificação na organização da programação ou linhas temáticas ao longo dos anos. Assim, em cada edição, observaremos uma formatação específica.

Quanto à análise dos trabalhos apresentados, optamos por estruturar quadros que os tipificassem de maneira quantitativa, explicitando seu tipo e comparando-os também quantitativamente às demais linhas temáticas que nortearam a amplitude de atividades do congresso. No caso de edições que não contemplaram uma linha temática que se dedicasse

exclusivamente às discussões em torno da biblioteca escolar, buscamos analisar todos os trabalhos aprovados no congresso desde seu título, definindo como termos “Escola”, “Escolar”, “Educa” e “Educação”. Quando um desses termos era encontrado no título, realizamos a análise do seu resumo para que pudéssemos constatar se se tratava de questões relativas à biblioteca escolar. Quando não se aproximava da área, desconsiderávamos o trabalho para fins quantitativos e de análise de seu conteúdo.

Ainda com relação ao processo analítico dos trabalhos selecionados, não só nos limitamos ao título, resumo e palavras-chave, mas também buscamos compreender a integralidade do texto, principalmente por meio das partes de introdução, referencial teórico e conclusões, o que nos permitiu uma compreensão mais detalhada desse material, visto que nem sempre os elementos pré-textuais (título, sumário, resumo e palavras-chave) nos garantem uma adequada descrição do que o trabalho se propõe a discutir. Também percebemos a pouca informação dos textos quanto ao tipo de estudo, contexto e técnicas de pesquisa e outras questões que implicam a compreensão mais detalhada do estudo realizado (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Com esse mergulho mais profundo nos textos, pretendemos nos apropriar deles ou, como nos indica Certeau (1994), vislumbramos uma “reapropriação no texto do outro”. Ventorim (2005) vai além e nos indica a possibilidade de tecermos, como leitores, uma rede de relações entre o que lê e o que é lido, caracterizada por tensões, e não pelo reflexo imediato, direto e passivo. Desse modo,

Locados por mim, transformados em minha propriedade, no lugar desta [dissertação], esses textos se transfiguraram em outros textos a serem tomados por empréstimos, a serem habitados, caçados e transformados por outros leitores. O leitor desperta e habita textos adormecidos, mas não será o seu proprietário (VENTORIM, 2005, p. 58).

Para concretizarmos a sistematização das análises do estado do conhecimento sobre bibliotecas escolares, adotamos inicialmente as seis categorias temáticas estabelecidas por Campello e outros (2013) (Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem; Integração professor/bibliotecário; Estudos de usos e usuários; Coleção; Leitura; Pesquisa escolar) sem nos “restringirmos” a elas, mas tomando-as como categorias iniciais que nos auxiliaram no estabelecimento de outras categorias temáticas que emergiram da análise dos trabalhos apresentados nos CBBDs (Ação cultural; Acervo; Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem; Cidadania; Competência informacional; Educação de usuários; Estrutura de bibliotecas; Estudo de usuários; Implementação de bibliotecas; Leitura; Letramento

informacional; Parceria entre bibliotecários e professores; Perfil do bibliotecário escolar; Pesquisa escolar; Tecnologias; e Tipologias de bibliotecas).

Destacamos a importância de delimitar categorias nesse tipo de estudo, pois, conforme Romanowski e Ens (2006), elas nos auxiliam a identificar de forma mais explícita, nos textos e em seu conjunto, as diferentes facetas pelas quais o fenômeno, ou o tema em questão, vem sendo analisado.

#### **2.4.2 A pesquisa colaborativa**

Tendo em vista os referenciais teóricos e perspectivas do nosso estudo, esse momento da investigação se orientou pela perspectiva colaborativa, ou seja, realizada com a escola, em especial no acompanhamento do trabalho da bibliotecária. Para Ibiapina (2008), a implementação da abordagem de pesquisa colaborativa possibilita formas de reflexão muito úteis para que os educadores analisem mais criticamente suas ações.

Não pretendemos colocar-nos como especialistas sobre o assunto, indicadores dos rumos exatos que esta pesquisa tomaria, tampouco aspiramos designar aos atores da escola a posição de objetos estáticos e passivos nesse processo. Acreditamos numa pesquisa constituída na parceria e na corresponsabilidade dos sujeitos envolvidos, tomando as decisões com base em processos de reflexão-ação.

Esse tipo de abordagem metodológica tem por objetivo construir, nas escolas, uma cultura analítica das práticas lá realizadas, para que os educadores, em parceria com os pesquisadores, transformem suas práticas e impulsionem o estabelecimento ou fortalecimento de relações de colaboração e parceria entre a universidade e a escola, qualificando os processos formativos dos trabalhadores docentes e as práticas pedagógicas por eles desenvolvidas (GARRIDO; PIMENTA; MOURA, 2000).

Inspirados em Ibiapina (2008), sabemos que o potencial de uma pesquisa colaborativa está em possibilitar aos sujeitos nela envolvidos a construção de conhecimentos desveladores de relações de poder, estimulando-os a reconhecer ainda mais os conflitos e disputas existentes na escola e os limites condicionantes das ações dos educadores que nela atuam. A autora

indica que a pesquisa colaborativa é uma “[...] atividade de coprodução de saberes, de formação, reflexão e desenvolvimento profissional, realizada interativamente por pesquisadores e professores com o objetivo de transformar determinada realidade educativa” (IBIAPINA, 2008, p. 31).

Entre as características mais marcantes desse tipo de pesquisa, Ibiapina (2008) aponta as quatro principais, a saber: a) foco no trabalho coletivo e nas questões teóricas e práticas da realidade escolar; b) respeito e crescimento entre todos os participantes; c) ênfase no processo de investigação de problemas reais e na implementação de resultados; d) busca de aproximação entre mudanças na escola e desenvolvimento do educador.

Destacamos que nossa pretensão foi a de colaborar ativamente nas atividades planejadas e realizadas pela bibliotecária no período em que estivéssemos presentes na escola, configurando a nossa na observação, acompanhamento e colaboração como vivência da pesquisa.

Apoiados em Haguette (1987), observamos que existem três concepções diferentes sobre a observação participante. A primeira é vista pelo autor como a mais completa e considerada como um instrumento que não apenas pretende captar dados, mas que também se propõe a modificar o meio pesquisado. Admite tanto a presença do observador no contexto observado quanto a interação como pré-requisito à sua realização.

A segunda concepção defende a ideia de que esse observador participante necessita compartilhar as atividades de vida e sentimento das pessoas na relação face a face, para que haja um compartilhamento consciente e sistemático das atividades e, por via de regra, dos interesses e afetos de um grupo de pessoas.

A terceira define a observação participante como um processo em que a presença do observador se faz em função da investigação científica. Ainda assim, esse sujeito é parte do contexto, pois, ao mesmo tempo que potencializa modificações no meio, este também o modifica.

Podemos interpretar que o “calcanhar de Aquiles” da observação participante sustenta-se

- a) na relação observador/observados e na ameaça constante de obliteração da percepção do primeiro em consequência do seu envolvimento na situação pesquisada, envolvimento este inerente à própria técnica, que lhe confere a natureza que a distingue de outras técnicas; b) na impossibilidade de generalização de

resultados; por ser uma técnica que busca mais os sentidos do que aparências das ações humanas, ela coloca seus próprios limites [...] (HAGUETTE, 1987, p. 67).

Compreendemos que a alteração metodológica ocorrida quando da imersão no campo nos indica que não é o pesquisador quem determina unilateralmente a dinâmica do campo, mas o próprio campo, objeto, sujeitos e seus acontecimentos que são os principais responsáveis por nos dar ou apontar os rumos a serem tomados na realização da pesquisa.

### **2.4.3 Identificação do *lócus* e sujeito da pesquisa de campo**

Escolhemos uma unidade de ensino fundamental da PMV como nosso *lócus* de investigação, não somente por fazermos parte dessa rede de ensino no cargo de bibliotecário escolar, mas também por se tratar de uma Rede de Bibliotecas Escolares, a qual possui bibliotecários que atuam em cada uma das 52 das 53 unidades de ensino fundamental existentes no município.

A entrada de bibliotecários no Sistema de Ensino de Vitória ocorreu em 2005, por meio do concurso público de Edital n.º 001/2005 (VITÓRIA, 2005), fruto de um trabalho experimental realizado nas escolas do município, entre 1997 e 2005, o qual consistia em envolver bibliotecários, professores de diferentes áreas do conhecimento e estagiários que se mobilizaram em um programa de reestruturação dos espaços escolares. Das diversas ações desenvolvidas por essas equipes, o trabalho com as bibliotecas escolares constituiu a ação que obteve maior destaque e permanece ativa até os dias de hoje.

Entre as 52 unidades de ensino possíveis, optamos por delimitar uma que contemplasse o atendimento a todas as etapas do ensino fundamental nos três turnos e contasse com a atuação de um bibliotecário desenvolvendo práticas que estimulassem o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, na condição de pesquisadores, visitamos algumas escolas para identificar bibliotecários efetivos que tivessem interesse em participar de nossa pesquisa e atendessem aos critérios estabelecidos. Chegamos ao consenso de que realizaríamos o trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão (EMEF ABL),

fundamentalmente em razão de conhecermos o relevante trabalho desenvolvido pela bibliotecária dessa unidade de ensino.

A EMEF ABL fica localizada na Avenida Vitória, 2010, Bento Ferreira, Vitória. Foi criada em 20 de dezembro de 1983, por meio da Resolução n.º 797/83 do Conselho Estadual de Educação. Trata-se de uma escola que atende estudantes do 1.º ao 9.º ano do ensino fundamental no ensino regular nos turnos matutino e vespertino e Educação de Jovens e Adultos no período noturno. Ademais, conta com um espaço de biblioteca que atende os estudantes, servidores e comunidade do entorno da escola.

A bibliotecária que trabalha nessa unidade chama-se Marcela Mendonça Amorim,<sup>15</sup> possui dois cursos de graduação, sendo o primeiro em Serviço Social e o segundo em Biblioteconomia em 2004, além de atuar nessa escola como servidora efetiva desde 2005. Seu trabalho é voltado principalmente para o incentivo à leitura em suas diversas vertentes, lançando mão principalmente de atividades relacionados às artes e à música. Em 2013, a bibliotecária foi vencedora do IV Prêmio Carol Kuhlthau, promovido pelo GEBE/UFMG e pela Editora Autêntica, como reconhecimento nacional das atividades por ela realizadas na escola.

Fomos motivados a tomar a atuação dessa profissional como constitutiva de investigação devido à sua trajetória ao longo da atuação na EMEF ABL, principalmente mediante o contato que estabelecemos com ela no período de 2010 a 2012, quando atuei na coordenação da Rede de Bibliotecas Escolares de Vitória e ela teve a oportunidade de apresentar trabalhos significativos descrevendo suas experiências na escola.

Diante desse quadro, compreendemos que o trabalho da referida bibliotecária se configurava em um “campo” importante de análise para que pudéssemos acompanhar colaborativamente as suas práticas educativas nos momentos de atuação com os estudantes e professores, nos seus planejamentos e nas diversas atividades formativas no cotidiano da biblioteca escolar.

---

<sup>15</sup> A explicitação do nome e dos demais dados de identificação da bibliotecária Marcela Mendonça Amorim foi autorizada por meio de documento próprio, cujo formulário se encontra disponível para consulta no Apêndice B.

#### **2.4.4 Os procedimentos da pesquisa de campo: a observação participante**

Com base na proposta de observarmos participativamente as atividades que tivessem o envolvimento da bibliotecária com os estudantes, professores nos planejamentos individuais e coletivos, formações continuadas e outras situações que entendêssemos como significativas ao seu trabalho pedagógico, realizamos um encontro com representantes da equipe da EMEF ABL no qual definimos quais seriam os melhores procedimentos a serem adotados com esta finalidade.

No andamento da pesquisa e em razão das dinâmicas da escola, o período total da pesquisa de campo se estendeu ao longo de 90 dias, durante os quais estivemos presentes na escola 21 vezes, incluindo reuniões de apresentação da pesquisa à direção, equipe pedagógica e bibliotecária, assinatura dos termos de consentimento de participação na pesquisa, acompanhamento das atividades diárias e aplicação de entrevistas.

No primeiro encontro com a bibliotecária, convidamos o diretor e pedagogos da escola para apresentar-lhes nosso projeto, dialogar sobre nossos objetivos, concepções teóricas e metodológicas e tratar de outros pontos relevantes para que a escola compreendesse de que modo pretendíamos atuar naquele período de imersão. Infelizmente o diretor não pôde participar, pois estava envolvido em outro compromisso fora da escola, mas deixou a cargo de uma pedagoga e da bibliotecária a sua representação.

Após a exposição e discussão do projeto, solicitamos que os profissionais envolvidos assinassem o termo de consentimento de realização da pesquisa para que garantíssemos o estabelecimento desse período de parceria, o que nos pressupõe compromissos éticos, acadêmicos e profissionais imprescindíveis a um bom trabalho conjunto.

Em seguida realizamos uma entrevista (Apêndice B) com a bibliotecária para levantarmos alguns elementos constitutivos da identidade da bibliotecária, formação, trajetória de vida, concepções sobre educação e biblioteca escolar, organização do trabalho diário, relacionamento profissional com os professores, a estrutura da escola e da biblioteca, acervo, equipamentos, dificuldades e potencialidades do trabalho na escola, perspectivas de futuro e outros pontos que entendemos como necessários à composição do perfil do sujeito e do *locus* da pesquisa.

Ao final do período de 90 dias, realizamos uma nova entrevista com a bibliotecária para fazermos um levantamento final de algumas impressões que porventura não observamos ao longo dos nossos encontros. Nesse momento, optamos por não sistematizar um roteiro prévio de entrevista, e sim permitir que a bibliotecária narrasse algumas das atividades avaliadas como as mais marcantes ao longo de sua atuação naquela escola e aquelas que ocorreram no desdobramento de nossa pesquisa.

Entre os recursos que utilizamos para observar, acompanhar e registrar essas atividades, o principal foi o diário de campo, em que registramos as atividades relevantes ao trabalho, nossas impressões, observações, ideias e dificuldades. Complementarmente ao diário, fizemos a captação de áudios que foram transcritos ao final do acompanhamento diário para que tivéssemos acesso e condições de recuperar a integralidade das falas nos momentos relevantes ao nosso trabalho. Lançamos mão também da máquina fotográfica e câmera filmadora de pequeno porte para que tivéssemos condições de registrar a materialização das atividades, evitando ao máximo que esses recursos desviassem o foco do trabalho e a atenção das atividades que estávamos vivenciando.

### **3 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR NO BRASIL NOS CBBDS**

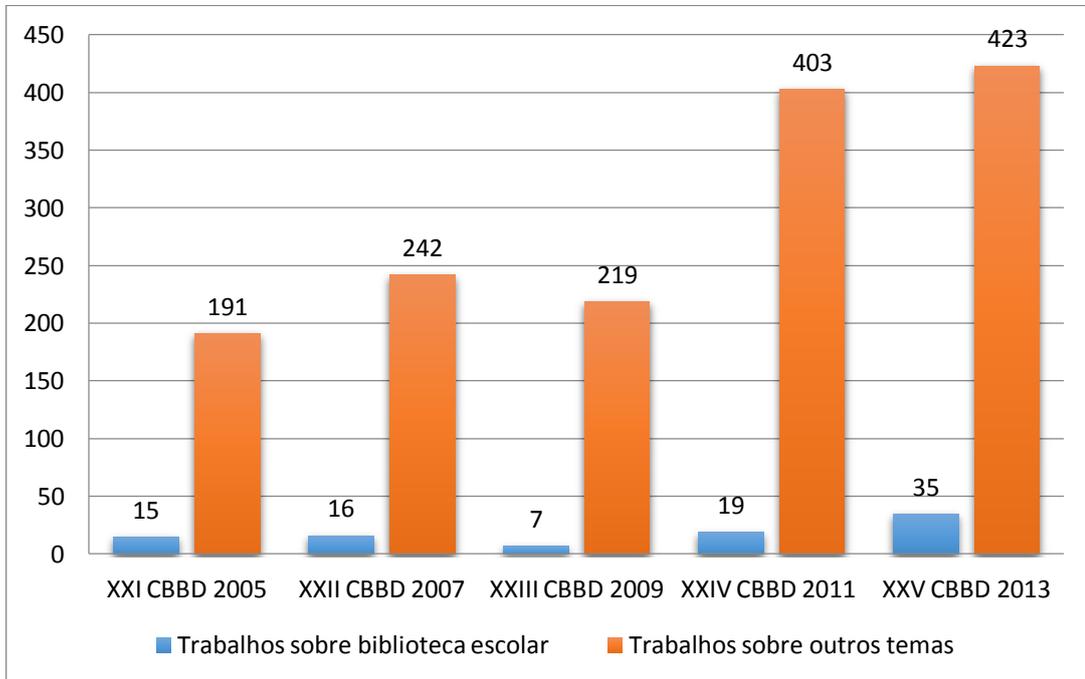
Apresentamos, neste capítulo, a produção de um estado do conhecimento sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil, tomando como fonte de informação os trabalhos apresentados nas cinco últimas edições do CBBDD, realizadas no período entre 2005 e 2013, e categorizando-as tematicamente com base nas discussões promovidas pelos autores e em nossas análises.

Inicialmente elaboramos um inventário ano a ano de todos os trabalhos apresentados segundo o seu tipo (pôster, relato de experiência e apresentação oral) especificando as temáticas abordadas, que variaram em cada edição. Em seguida, apresentamos uma análise dos trabalhos que abordaram a temática Biblioteconomia Escolar em suas diferentes vertentes.

Depois de identificarmos esses trabalhos, os analisamos por meio dos elementos pré-textuais, introdução, referencial teórico e conclusões e os agrupamos conforme as categorias que emergiram dessas análises e dos enfoques dados pelos seus autores mediante nossa leitura. Nesse processo de análise e construção de categorias, consideramos como ponto de partida a categorização proposta por Campello e outros (2013) sem nos limitarmos a elas, mas nos inspiramos nelas para estabelecer as nossas categorias que são as seguintes: ação cultural; acervo; biblioteca no processo de ensino-aprendizagem; cidadania; competência informacional; educação de usuários; estrutura de bibliotecas; estudo de usuários; implementação de bibliotecas; leitura; letramento informacional; parceria entre bibliotecários e professores; perfil do bibliotecário escolar; pesquisa escolar; tecnologias; e tipologias de bibliotecas.

Numa análise inicial, considerando o quantitativo de trabalhos apresentados ao longo dos últimos dez anos, observamos que houve uma ampliação do interesse de pesquisa sobre a biblioteca escolar, conforme demonstra o Gráfico 2.

**Gráfico 2 – Quantidade de trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar x outros temas entre 2005 e 2013**



Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2005; 2007; 2009; 2011; 2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

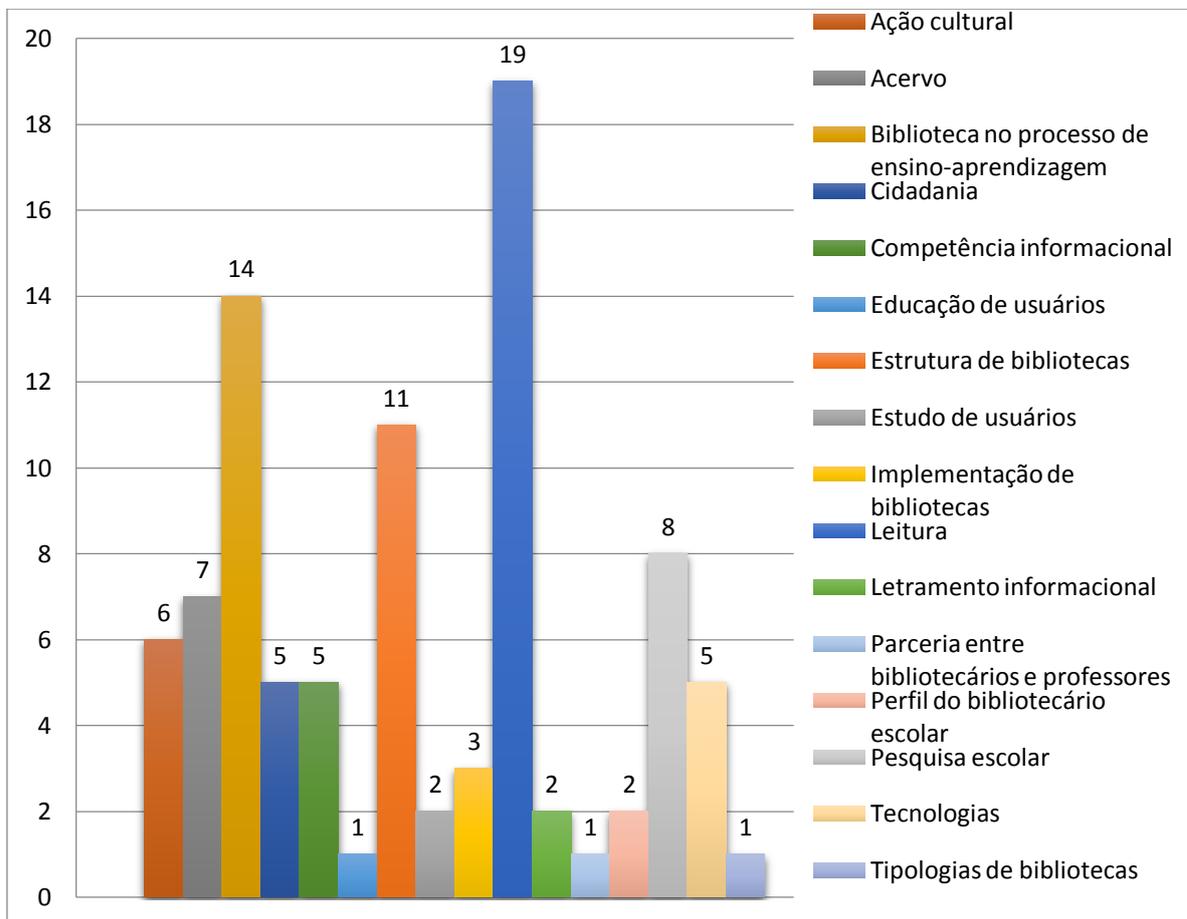
Se compararmos o quantitativo de trabalhos sobre a biblioteca escolar ao conjunto das demais temáticas, poderemos interpretar que é um quantitativo reduzido, o que ratificaria as constatações do estudo de Campello e outros (2013), no qual os autores, ao longo do período de 1975 a 2011, detectaram a publicação de 91 teses e dissertações defendidas, revelando em termos quantitativos um desinteresse dos pesquisadores e profissionais da Biblioteconomia em pesquisar e apresentar trabalhos sobre biblioteca escolar.

Ao analisarmos mais detalhadamente como tem sido o interesse pela realização de pesquisas relacionadas à biblioteca escolar, constatamos que esse tema vem sendo a preocupação constante na Biblioteconomia, pois, ainda que, em três das cinco edições do CBBBD que analisamos, não tenha sido dedicada uma linha temática exclusivamente à biblioteca escolar, ela foi discutida dentro de outras linhas, o que reforça nossa convicção sobre a importância da biblioteca escolar.

Trazendo nosso olhar para as discussões sobre a biblioteca escolar e adotando como norteadores as 16 categorias temáticas que estabelecemos em nossa pesquisa, observamos, no Gráfico 3, que o maior interesse de pesquisa foi sobre leitura com 19 trabalhos, seguido de

biblioteca no processo de ensino-aprendizagem com 14 trabalhos, estrutura de bibliotecas com 11 trabalhos, pesquisa escolar com 8 trabalhos, acervo com 7 trabalhos, ação cultural com 6 trabalhos e cidadania e competência informacional com 5 trabalhos cada uma. Mais isoladamente outras categorias emergiram de nossas análises, mas de maneira mais tímida e dispersa das demais, a saber: estudo de usuários, letramento informacional e perfil do bibliotecário escolar com 2 trabalhos cada um e educação de usuários, parceria entre bibliotecários e professores e tipologias de bibliotecas com 1 trabalho apresentado em cada uma dessas categorias temáticas, considerando pôsteres, relatos de experiência, trabalhos científicos e apresentações orais.

**Gráfico 3 – Total de trabalhos apresentados por categoria temática entre 2005 e 2013**



Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2005; 2007; 2009; 2011; 2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Com base nesses dados quantitativos, observamos que a preocupação com o incentivo à leitura, principalmente aquela deflagrada pelas bibliotecas escolares, tem sido a principal preocupação dos autores da área da Biblioteconomia. A maioria desses trabalhos se

caracteriza como relatos de experiências realizadas nas escolas, nos quais se pretendeu incentivar principalmente a leitura literária.

A segunda é o reconhecimento da necessidade de a biblioteca escolar se configurar como um espaço de ensino-aprendizagem na escola. Ainda assim, identificamos que a maioria das discussões transita em torno não das potencialidades dessa corresponsabilidade, e sim das barreiras que se estabelecem para que esse objetivo seja alcançado. Entre esses fatores, destacamos a necessidade que os professores têm em cumprir um currículo que não contempla a biblioteca como sua integrante, a falta de profissionais especializados atuando nas bibliotecas, a precarização das bibliotecas e de suas equipes de trabalho e outros fatores que observaremos mais adiante na análise dos textos apresentados.

Diante dessa quantidade de produção, acreditamos que é necessário tratarmos especificamente das cinco edições do CBBB, para que compreendamos a maneira como as categorias que emergiram de nossas análises se expressam na configuração do debate acadêmico acerca da Biblioteconomia Escolar no Brasil, tendo em vista a relevante contribuição que esse evento científico tem para a área como locus de socialização de pesquisas concluídas ou em andamento e nos relatos de experiências sobre os quais nos debruçamos.

### 3.1 XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2005<sup>16</sup>

O XXI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ocorreu em Curitiba, no Paraná, de 17 a 22 de julho de 2005, e teve como tema geral “Livro, leitura e biblioteca: exercício da cidadania”. Nessa ocasião, os trabalhos apresentados foram distribuídos nas seguintes linhas temáticas, conforme dados evidenciados na Tabela 6.

---

<sup>16</sup> Dentro da programação geral do XXI CBBB, foi realizada uma palestra sobre o tema “Biblioteca Escolar: tratando sobre as tendências internacionais e desenvolvimento em bibliotecas escolares” pela a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anne Clyde, Faculdade de Ciência Social da Universidade da Islândia, Chefe da Seção de Bibliotecas Escolares e Centros de Pesquisa da International Federation of Library Associations (IFLA). Também houve o lançamento do livro “Biblioteca Escolar Brasileira em Debate: da memória profissional a um fórum virtual”, da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neusa Dias de Macedo da Universidade de São Paulo.

Tabela 6 – Distribuição de trabalhos conforme temática e tipo - XXI CBBB

Temática	Tipos de trabalho			TOTAL
	Pôster	Relato de experiência	Apresentação oral	
Bibliotecas públicas	7	0	19	26
Bibliotecas escolares	10	0	5	15 <sup>17</sup>
Bibliotecas especiais (arte, jurídica, hospitais, centros culturais, outros)	13	0	20	33
Telecentros	1	0	0	1
Políticas e projetos de incentivo à leitura	6	0	19	25
Projeto para desenvolvimento de competência em informação	16	0	15	31
Uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC)	21	0	41	62
Projetos de construção e implantação de bibliotecas	5	0	8	13
<b>TOTAL</b>	79	0 <sup>18</sup>	127	206

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2005).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Ao compararmos os tipos de trabalhos desta edição do CBBB, verificamos que a maioria deles se refere às apresentações orais, o que representa 61,42% dos trabalhos, seguidas de pôsteres com 38,57%. Não houve classificação de trabalhos como relatos de experiência, mas, na análise daqueles relacionados à biblioteca escolar, pudemos identificar vários alguns relatos de experiência.

O número total de trabalhos do evento, incluindo pôsteres e apresentações orais, chegou a 210. Nessa edição do congresso, houve uma linha temática tratando exclusivamente sobre a biblioteca escolar com uma frequência de 15 trabalhos, o que representa 9% de todos os trabalhos do evento. A temática que atraiu maior interesse dos autores nessa edição do evento discutiu questões relacionadas aos usos da tecnologia da informação e comunicação, com 62 trabalhos, representando 29,5% do total geral.

<sup>17</sup> O XXI CBBB contou, de acordo com os anais do evento, com 19 trabalhos sobre o tema biblioteca escolar. Contudo, acessando os anais para analisarmos seus conteúdos, identificamos que não era possível acessar um deles por problemas do arquivo e outros três não tratavam de fato sobre o tema biblioteca escolar. Assim, optamos por manter, para fins estatísticos no quadro de distribuição de trabalhos, conforme tipo e temática, a quantidade de trabalhos indicados pelos anais. Contudo, para fins qualitativos e analíticos, optamos por analisar apenas os 15 trabalhos que possuem seu texto na íntegra, disponível nos anais, e que realmente tratam sobre o tema objeto de nossa pesquisa: a biblioteca escolar.

<sup>18</sup> Consideramos a tipologia dos trabalhos conforme especificado nos anais do evento, por isso não constam nesta tabela explicitamente relatos de experiência; porém, na análise dos trabalhos, observamos que os relatos de experiência foram enquadrados como pôsteres ou apresentações orais.

### 3.1.1 Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXI CBBB<sup>19</sup>

Apresentamos na Tabela 7 a distribuição dos 15 trabalhos que tratam sobre biblioteca escolar, classificados conforme as categorias temáticas estabelecidas em nossa pesquisa.

**Tabela 7 – Distribuição de trabalhos por categorias – XXI CBBB**

<b>Categorias de trabalhos</b>	<b>Distribuição de trabalhos por categorias XXI CBBB</b>
Ação cultural	0
Acervo	0
Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem	5
Cidadania	1
Competência informacional	0
Educação de usuários	0
Estrutura das bibliotecas	0
Estudo de usuários	0
Implementação de bibliotecas	0
Leitura	3
Letramento informacional	0
Parceria entre bibliotecários e professores	0
Perfil do bibliotecário escolar	1
Pesquisa escolar	3
Tecnologias	1
Tipologias de bibliotecas	1
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2005).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

- **Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem**

Cavalcante (2005) procura evidenciar a importância que a biblioteca escolar tem na escola, sendo um diferencial potencializador do processo de ensino-aprendizagem. Adota como parâmetro de análise da pesquisa a visão de alunos, professores e bibliotecários de diversas redes de ensino público e particular do Ceará. No seu desenvolvimento, a autora aborda secundariamente a pesquisa escolar e a formação de leitores como elementos que tornam a biblioteca um diferencial da escola. Além disso, é realizada uma análise da importância de o

<sup>19</sup> Os trabalhos apresentados nos CBBBs e por nós analisados, encontram-se listados na seção REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS CBBBs.

bibliotecário educador desenvolver competências pedagógicas para dinamizar a biblioteca em sua plenitude educativa.

Silva (2005) e Palma (2005) elencam, em seus relatos de experiência, uma série de atividades práticas que pretendem auxiliar bibliotecários para a atuação no ambiente escolar e alunos no processo de aprendizagem. Nas escolas onde essas ações foram desenvolvidas, alcançou-se uma ampliação do número de empréstimos de livros e melhoria da aprendizagem dos alunos atendidos, conforme a avaliação dos autores.

Ely (2005) objetiva compreender como as bibliotecas da rede pública estadual de Porto Alegre-RS contribuem na formação dos alunos do ensino fundamental, caracterizando esses espaços e verificando possibilidades de usos por parte dos alunos e a forma pela qual os professores utilizam a biblioteca como recurso pedagógico. Conclusivamente indica que os alunos pesquisados são considerados bastante críticos e que os professores da 1.<sup>a</sup> série são os principais responsáveis pela inserção dos alunos como usuários mais assíduos das bibliotecas.

Correia e Mannala (2005) apresentam um relato de experiência sobre como a biblioteca escolar contribui no desenvolvimento do currículo escolar e na aprendizagem dos alunos da rede de escolas adventistas do Paraná. Destacam algumas das principais atividades desenvolvidas e indicadores do retorno obtido com esse trabalho.

- **Cidadania**

Anbinder e outros (2005), por meio de uma breve revisão de literatura, buscam identificar algumas abordagens de definições e da importância da cidadania na formação dos indivíduos. Além disso, indicam como a biblioteca escolar pode contribuir nesse processo de constituição dos cidadãos utilizando como principal recurso o estímulo à leitura.

- **Leitura**

Lima e Pinheiro (2005) apresentam o relato de uma pesquisa-ação realizada em escola pública municipal que pretendeu promover a formação de leitores. Adotando como base o cenário encontrado em que o projeto foi desenvolvido, propõem o desenvolvimento de atividades para transformar esse quadro. Segundo as autoras, houve, por parte dos alunos, uma grande

receptividade e melhoria no interesse pela leitura, além da interação entre professores, bibliotecários e alunos.

Ribeiro (2005) traz o relato de experiência de um projeto de incentivo à leitura, realizado com alunos da alfabetização de uma escola de ensino fundamental pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. O projeto utilizou como recurso didático para o incentivo à leitura e à escrita a “adoção” semanal, por parte das crianças, de um animal de pelúcia e a descrição escrita e oral do relacionamento estabelecido entre as crianças, o animal e as famílias.

Ferreira (2005) trata sobre a importância da contação de histórias como recurso para a formação do indivíduo e incentivo à leitura, principalmente entre alunos das séries iniciais do ensino fundamental. No decurso do texto, tece algumas críticas à adoção da literatura como um recurso didático e a defende como forma de apresentação a novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. No texto, relata a experiência desse tipo de atividade realizada com os alunos de uma escola vinculada à Universidade Estadual de Feira de Santana-BA.

- **Perfil do bibliotecário escolar**

Sales (2005) apresenta um estudo realizado na cidade de Florianópolis-SC no intuito de conhecer de quais maneiras os bibliotecários que atuam na rede municipal de ensino dessa cidade influenciam na criticidade dos alunos por eles atendidos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com os bibliotecários do município. Os resultados revelaram fragilidade nos recursos físicos, humanos e informacionais nas unidades em que esses sujeitos atuam. Contudo, o artigo procura destacar não as fragilidades encontradas, e sim o pioneirismo das práticas implementadas pelos profissionais pesquisados.

- **Pesquisa escolar**

Gaspar (2005) traz um relato de experiência sobre a implantação de um serviço *on-line* para auxiliar na realização de pesquisas escolares dos alunos do ensino fundamental e médio, principalmente das Regiões Norte e Nordeste do Brasil. Na metodologia de pesquisa proposta, as demandas de informação dos usuários são feitas por meio de um *e-mail* da biblioteca que

indica as fontes disponíveis em seu acervo ou os remete para consulta em outras fontes disponíveis na *internet* que possuam qualidade.

Santos, Amaral e Passos (2005) propõem neste artigo a criação da biblioteca escolar digital no cotidiano da escola. Em seu desenvolvimento, os autores descrevem a função social da biblioteca e seu papel na formação dos indivíduos no ambiente escolar. Propõem ainda o estabelecimento de uma parceria permanente entre bibliotecários e professores, com a finalidade de ensinar os alunos a se apropriarem de metodologias de pesquisa por meio do uso das tecnologias da informação.

Passos e Santos (2005) abordam questões relacionadas às ferramentas utilizadas na recuperação de informação no contexto escolar e a maneira como o bibliotecário pode assumir um papel de mediador, facilitador e formador nesse processo de busca e uso de informações junto a professores e alunos. No texto, consideram que a ampliação do acesso às fontes de informações eletrônicas, principalmente a *internet*, que disponibiliza informações com baixa confiabilidade, traz mais um campo de atuação para o bibliotecário orientar seus usuários na seleção e uso dessas informações. Conclusivamente enfatizam o papel do bibliotecário como um educador na escola e a necessidade de que este assuma projetos nessa vertente de atuação.

- **Tecnologias**

Oliveira (2005) apresenta um relato de experiência sobre a implantação de um sistema automatizado de gestão de acervos de uma biblioteca escolar incluindo o processo de seleção do *software* que mais se adequava ao perfil da unidade, passando por sua implantação e aplicabilidade dos recursos disponíveis.

- **Tipologias de bibliotecas**

Blattmann e Cipriano (2005) trazem neste artigo uma reflexão sobre as bibliotecas denominadas pelas autoras como “mistas” e a maneira pela qual essas unidades de informação e bibliotecários que nelas atuam devem planejar seus recursos e serviços para atender às demandas peculiares desse público diversificado. Além disso, fomentam uma discussão sobre a importância da leitura para a clientela atendida por esse tipo de biblioteca.

### 3.2 XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2007

O XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ocorreu em Brasília, no período de 8 a 11 de julho de 2007, e teve como tema geral “Igualdade e diversidade no acesso à informação: da biblioteca tradicional à biblioteca digital”.

Dentro da programação geral do congresso, foram apresentados trabalhos conforme descrito na Tabela 8.

**Tabela 8 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática – XXII CBBD**

Temática	Tipos de trabalho				Relacionados à biblioteca escolar
	Pôster	Trabalhos científicos	Relatos de experiência	TOTAL	
<b>Gestão</b>	18	76	29	123	<b>7</b>
<b>Comunicação</b>	17	55	21	93	<b>9</b>
<b>Tecnologia da informação</b>	10	21	11	42	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	45	152	61	258	<b>16</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2007).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Ao analisarmos as tipologias dos trabalhos, constatamos que a maioria deles se caracteriza como trabalhos científicos, o que equivale a 58,91%, seguidos respectivamente de relatos de experiência com 23,64% e pôsteres com 17,44% do total de trabalhos dessa edição do CBBD.

O número total de trabalhos apresentados, incluindo pôsteres, trabalhos científicos e relatos de experiência, foi de 258. Nesse congresso não houve a inclusão de uma linha temática tratando exclusivamente sobre a biblioteca escolar. Assim, os trabalhos referentes a essa área foram apresentados nas linhas temáticas denominadas Gestão da Informação e Comunicação, que, apesar de terem sido as mais procuradas pelos autores para apresentação de seus trabalhos (47,6% e 36% do total de 258 trabalhos de todo o evento), a quantidade de 16 trabalhos relacionados à biblioteca escolar foi inferior se comparada ao total de trabalhos apresentados nas três linhas, representando somente 6,6% desse universo.

Analisando cada linha temática, observamos que, em Gestão da Informação e Comunicação, os trabalhos relacionados à biblioteca escolar representam 6,5% de um universo de 123 trabalhos apresentados e, na linha Comunicação, aqueles relacionados à biblioteca escolar representam 9,7% de um universo de 93 trabalhos. Na linha de Tecnologia da informação, não houve nenhum trabalho apresentado abordando o tema biblioteca escolar.

### 3.2.1 Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar - XXII CBBB

No XXII CBBB foram apresentados 16 trabalhos ligados à temática biblioteca escolar, conforme demonstramos na Tabela 9.

**Tabela 9 - Distribuição de trabalhos por categorias – XXII CBBB**

<b>Categorias de trabalhos</b>	<b>Distribuição de trabalhos por categorias XXII CBBB</b>
Ação cultural	2
Acervo	1
Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem	1
Cidadania	1
Competência informacional	0
Educação de usuários	0
Estrutura das bibliotecas	3
Estudo de usuários	0
Implementação de bibliotecas	0
Leitura	4
Letramento informacional	2
Parceria entre bibliotecários e professores	0
Perfil do bibliotecário escolar	1
Pesquisa escolar	1
Tecnologias	0
Tipologias de bibliotecas	0
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2007).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

- **Ação cultural**

O trabalho intitulado “Biblioteca escolar” (2007) realizou uma pesquisa bibliográfica que analisa as possibilidades de realização de ações culturais na biblioteca escolar visando à

dinamização e aproximação com seus usuários. Ao longo do texto, defende os objetivos indicados pelo Manifesto IFLA/UNESCO para as bibliotecas escolares. Traz ainda uma relação de atividades culturais que podem ser realizadas pela biblioteca escolar para atingir os objetivos propostos pelo Manifesto da IFLA/UNESCO.

Trindade (2007) compartilha a experiência de criação de um “clube da biblioteca” em um colégio militar na região de Curitiba-PA que teve como propósito a promoção de uma diversidade de ações e a ressignificação do espaço da biblioteca. No relato, a autora detalha o sistema de classificação do acervo e afirma a importância educativa do espaço e das atividades nele desenvolvidas (xadrez, cinemateca, recepção dos alunos e informativo) com vistas a atingir seus objetivos educacionais.

- **Acervo**

Vitorino e outros (2007) trazem um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um projeto de extensão que pretende promover a abertura do mercado de trabalho para o profissional de informação. Demonstra-se a importância desse sujeito para a dinamização da biblioteca escolar como um recurso didático-pedagógico essencial à escola. O projeto de extensão na etapa relatada visou à organização e ao tratamento do acervo disponível na escola, colocando-o à disposição da comunidade escolar. Além disso, essa foi mais uma possibilidade de aprendizagem para os alunos de Biblioteconomia participantes desse projeto de extensão.

- **Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem**

Cartaxo, Cardillo e Lima (2007) relatam o trabalho realizado pelas bibliotecas no projeto “Escolas do Futuro” do município de São Carlos-SP. No texto são descritos a estrutura das bibliotecas, a integração das bibliotecas ao projeto político-pedagógico das escolas e subprojetos nas áreas de incentivo à leitura, o acesso à informação, a inclusão digital, a diversidade cultural, a gestão e políticas por meio da biblioteca.

- **Cidadania**

Pereira, Arruda e Sayago (2007) apresentam um relato de experiência da implantação de minibibliotecas escolares na região do semiárido brasileiro. O artigo disponibiliza os resultados desse projeto que faz parte de um conjunto de ações que pretendem disseminar informações e melhorar a gestão tecnológica das comunidades por meio das escolas da área rural. Como resultados alcançados, as autoras destacam que essas minibibliotecas já se incorporaram ao dia a dia dos alunos e familiares, mas ainda precisam ser expandidas para a população em geral.

- **Estrutura das bibliotecas**

Pinheiro e Silva (2007) buscaram identificar as condições arquitetônicas, administrativas, informacionais, tecnológicas e os acervos das bibliotecas nas escolas de educação infantil em Rondonópolis-RO. Apesar de, no referencial teórico, as autoras adotarem perspectivas de atuação do bibliotecário como mediador no espaço escolar, o estudo se ateu a analisar, no que diz respeito aos recursos humanos das bibliotecas, a atuação dos estagiários, e não a dos bibliotecários, o que nos leva a crer que, na rede pesquisa, não há bibliotecários atuando. Chegou-se à conclusão de que, após a implantação do projeto de estágio nas escolas, houve um incremento na frequência dos alunos nesse espaço, mas ainda constata-se diversas precariedades no que diz respeito à estrutura física e dos acervos dessas unidades.

Santos (2007) relata a experiência de reestruturação física, estrutural, organizacional e de recursos humanos na biblioteca de uma unidade do CEFET de Goiás. Segundo o relato, os alunos afirmaram que o conforto das instalações melhorou e que, em razão disso, houve ampliação da frequência do uso da biblioteca.

Freire e outros (2007) relatam as atividades de um projeto que teve a finalidade de empreender com os alunos dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UFF ações com vistas a diagnosticar os recursos informacionais disponíveis numa unidade de informação da cidade de Niterói, disponibilizando para a comunidade da escola pesquisada as informações produzidas na pesquisa. Além de colaborar com a comunidade escolar, os graduandos tiveram a oportunidade de vivenciar uma ação concreta com base nos conhecimentos teóricos desenvolvidos na academia.

- **Leitura**

Bernardino (2007) analisa a maneira como a audição de histórias por crianças da educação infantil pode auxiliar na descoberta dos significados dos textos e na construção de sentidos. Ainda que o autor percorra vários caminhos aos quais a contação de histórias pode levar, como o desenvolvimento do senso crítico, criatividade, imaginação e outros sentidos, notamos maior ênfase dessa atividade como potencializadora do processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e compreensão das palavras.

Becker e Grosch (2007) investigam como as leituras realizadas ou mediadas pela biblioteca escolar contribuem para a formação do leitor. No texto consideraram-se outros fatores relevantes, tais como a história de leitores dos alunos e as evidências da influência da biblioteca na constituição dessa história. O *lôcus* de estudo foi a biblioteca escolar de uma escola agrotécnica de Rio do Sul-SP. Conclusivamente foi observado que não há evidências significativas de que a biblioteca tenha influência na formação dos alunos como leitores.

Cançado (2007) relata a experiência de um projeto de incentivo à leitura em escolas da rede pública do Distrito Federal, no qual se pretendeu fazer que os próprios alunos se tornassem multiplicadores de leitura na escola, nas famílias e na comunidade.

Bernardino (2007) apresenta como ocorreram as atividades do projeto de “Círculo de leitura da biblioteca do SESC de Juazeiro do Norte” no Ceará. O texto relata a trajetória de seus participantes nesse projeto e a forma como a leitura influenciou na vida desses sujeitos antes e depois de participarem dessa ação.

- **Letramento informacional**

Gasque e Tescarolo (2007) promovem uma discussão sobre o letramento informacional na educação básica e os desafios a serem superados em sua implementação no cotidiano escolar. Para os autores, é necessário que se pense em uma abordagem multidisciplinar que transcenda concepções fragmentadoras que normalmente atribuem exclusivamente ao bibliotecário a responsabilidade de formar o estudante para tornar-se um pesquisador. No texto, são apresentadas algumas conceituações de letramento informacional e os principais desafios para sua implementação na educação básica, como: dificuldade em mudar a cultura pedagógica; formação inadequada dos professores; concepção equivocada do processo de ensino e

aprendizagem; organização do currículo; e ausência de infraestrutura adequada à disseminação e uso da informação.

Vitorino (2007) objetiva construir um discurso sobre a concepção de competência informacional mediante a perspectiva do profissional da informação que atua na biblioteca escolar. A autora traz um panorama geral do reconhecimento do discurso desses profissionais e as suas práticas pedagógicas no que diz respeito à construção do conhecimento por meio da oralidade. Conclusivamente aponta a impossibilidade de o profissional bibliotecário reunir todas as habilidades necessárias ao desenvolvimento da competência informacional, apontando com isso a necessidade de formação de equipes interdisciplinares para essa finalidade.

- **Perfil do bibliotecário escolar**

Gerlin (2007) traz um estudo em que apresenta as narrativas de bibliotecárias e professoras que atuam no sistema municipal de ensino de Vitória-ES para discutir os trabalhos desenvolvidos por elas. Os dados foram coletados por meio da observação e de entrevistas para que se compreendessem os movimentos instituintes e de resistência no fazer cotidiano dessas profissionais.

- **Pesquisa escolar**

Castro e Souza (2007) analisam a importância da pesquisa escolar para o processo de ensino-aprendizagem focando a pedagogia de projetos por meio da biblioteca escolar e em parceria com os professores na sala de aula. Com essa prática, os autores esperam ressignificar a biblioteca tornando-a um espaço verdadeiramente de aprendizagem.

### 3.3 XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2009

O XXIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ocorreu em Bonito, Mato Grosso do Sul, no período de 5 a 8 de julho de 2009, e teve como tema geral “Redes de conhecimento, acesso à informação e gestão sustentável”.

A Tabela 10 apresenta a distribuição de trabalhos nesse CBBB.

**Tabela 10 - Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXIII CBBB**

Temática	Tipos de trabalho				Relacionados à biblioteca escolar
	Pôster	Trabalhos científicos	Relatos de experiência	TOTAL	
Gestão sustentável	5	14	5	24	0
Redes de conhecimento	18	24	6	48	0
Acesso à informação	24	93	37	154	7
<b>TOTAL</b>	47	131	48	226	7

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2009).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

Nesta edição do congresso, a maioria dos trabalhos caracterizou-se, quanto ao tipo, como trabalhos científicos, equivalendo a 58,1% do total, seguido de relatos de experiência com 21,23% e pôsteres com 20,79%. O número total de trabalhos apresentados no evento, incluindo pôsteres, trabalhos científicos e relatos de experiência, equivaleu a 226 trabalhos.

Nessa edição do congresso também não houve a inclusão de uma linha temática tratando exclusivamente sobre a biblioteca escolar. Assim, os trabalhos referentes a essa área foram apresentados dentro da linha temática denominada Acesso à Informação. Apesar de essa linha ter sido a mais procurada pelos autores para apresentar seus trabalhos, representando 68% (em números absolutos, 154 trabalhos) do total de 226 apresentados em todo o evento, a quantidade de trabalhos relacionados à biblioteca escolar foi bastante reduzida, pois, se analisada dentro da linha temática Acesso à Informação, representa somente 4,5% dos trabalhos e, se analisado ante o total de 226 trabalhos apresentados no congresso, representa apenas 3,1%.

### **3.3.1 Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar – XXIII CBBB**

Nesse evento, observamos um número reduzido de trabalhos apresentados relacionados à temática biblioteca escolar, conforme mostra a Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição de trabalhos por categorias - XXIII CBBB

Categorias de trabalhos	Distribuição de trabalhos por categorias XXIII CBBB
Ação cultural	0
Acervo	0
Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem	3
Cidadania	1
Competência informacional	1
Educação de usuários	0
Estrutura das bibliotecas	0
Estudo de usuários	0
Implementação de bibliotecas	0
Leitura	1
Letramento informacional	0
Parceria entre bibliotecários e professores	0
Perfil do bibliotecário escolar	0
Pesquisa escolar	1
Tecnologias	0
Tipologias de bibliotecas	0
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2007).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

- **Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem**

Wagner (2009) apresenta um estudo em que é problematizado o enquadramento da biblioteca escolar ora como um setor administrativo, ora como um setor pedagógico. A autora deixa claro seu posicionamento de que a biblioteca tem como principal objetivo o atendimento ao aluno por meio de atividades educativas e culturais, sem perder de vista as etapas de organização que podem ser consideradas como administrativas ou atividades-meio. Conclusivamente destaca os problemas recorrentes em muitas bibliotecas escolares, por exemplo, os relacionados às questões de recursos humanos desabilitados e de bibliotecários que não possuem perfil de atuação para o ambiente escolar.

Martins e Alvares (2009) apresentam um relato de experiência de uma biblioteca pertencente a um colégio universitário do Rio de Janeiro descrevendo os trabalhos de otimização dos serviços oferecidos à comunidade acadêmica. Relacionam os principais serviços oferecidos pela unidade, como orientação ao uso da biblioteca, iniciação à pesquisa escolar e promoção cultural. As autoras avaliam que esses trabalhos influenciam diretamente na dinâmica da escola, na autonomia dos alunos, no que diz respeito às pesquisas, e na integração entre biblioteca e professores.

Pereira e Pereira (2009) discutem a materialização da biblioteca no contexto escolar e as relações estabelecidas entre professores e bibliotecários visando à formação de uma visão da biblioteca como um espaço de entretenimento e lazer, e menos pragmático ou formal. No decorrer do texto, os autores trazem algumas reflexões sobre o distanciamento entre o bibliotecário e a equipe pedagógica da escola e as complicações que surgem em razão dessa situação. Conclusivamente aponta alguns desafios, considerando principalmente o descaso de muitos governos com relação às políticas públicas efetivamente voltadas para as bibliotecas escolares. Diante disso, defendem a importância de uma militância constante por parte de bibliotecários para que se modifique esse quadro e se estreitem as relações com os professores.

- **Cidadania**

Cardillo e outros (2009) relatam a experiência de implementação de programas de acesso à informação e inclusão digital, desenvolvidos pelo Sistema Integrado de Bibliotecas de São Carlos-SP. O programa teve como objetivo minimizar a exclusão social da informação oferecendo programas de inclusão social e acesso à informação, inclusive para pessoas com necessidades especiais.

- **Competência informacional**

Varela e Barbosa (2009) trazem no seu texto uma discussão sobre o papel das bibliotecas públicas e escolares para o desenvolvimento de competências informacionais que podem subsidiar o processo de ensino-aprendizagem. As autoras constatarem que há um descompasso entre os novos paradigmas globais e a realidade brasileira, cabendo, diante desse cenário, às bibliotecas locais assumir um compromisso de ampliar a base intelectual da população. Para tanto, aponta a necessidade de melhoria da formação dos profissionais que atuam nesses espaços, bem como a reestruturação de suas políticas de gestão.

- **Leitura**

Mendes, Silva e Mendes (2009) apontam ações desenvolvidas na formação de leitores da biblioteca escolar de um colégio universitário do Maranhão, identificando as ações desenvolvidas com essa finalidade e enfatizando que o processo educativo também se pode

dar por atividades prazerosas como exemplificado por atividades temáticas realizadas nas férias, próximas ao Natal, e brincadeiras voltadas à dinamização das bibliotecas.

- **Pesquisa escolar**

Lamon (2009) traz o relato de uma experiência desenvolvida na biblioteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural da USP onde se pretende estimular a prática da pesquisa escolar desde o princípio do processo educativo, fazendo uma reflexão sobre o uso da *internet* como ferramenta de busca e considerando suas potencialidades e obstáculos.

### 3.4 XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2011

O XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ocorreu em Maceió, Alagoas, no período de 7 a 10 de agosto de 2011, e teve como tema geral “Sistemas de informação, multiculturalidade e inclusão social: direcionando sua atenção à centralidade do sujeito contemporâneo nos domínios do planejamento, da organização, da disponibilização e do uso dos sistemas de informação”.

Os trabalhos como um todo foram distribuídos da seguinte maneira (Tabela 12):

**Tabela 12 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXIV CBBDD**

Temática	Tipos de trabalho			Relacionados à biblioteca escolar
	Pôster	Trabalhos científicos e relatos de experiência	TOTAL	
Informação, conteúdos e conhecimentos na sociedade da informação	58	130	188	02
Direito à informação, acesso à informação e inclusão social	55	128	183	14
Políticas de informação, multiculturalidade e identidade cultural	1	36	52	03
<b>TOTAL</b>	130	294	423	<b>19<sup>20</sup></b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2011).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

<sup>20</sup> Dois trabalhos não puderam ser analisados, pois o arquivo relacionado a eles encontrava-se com problemas e não foi possível acessá-los; assim, optamos por não contabilizá-los.

Quanto aos tipos de trabalho, observamos que a maioria se caracterizou como científicos e relatos de experiência, o que equivale a 69,33% dos trabalhos, enquanto os pôsteres representaram 30,66%, ou seja, menos da metade.

Ao analisarmos a distribuição dos trabalhos com base em suas linhas temáticas, observamos que o maior número de publicações foi em Informação, conteúdos e conhecimentos na sociedade da informação com 188 trabalhos apresentados entre pôsteres, trabalhos científicos e relatos de experiência, o que corresponde a 44,33% do total de 424 trabalhos apresentados no evento. Com 183 trabalhos apresentados, o que corresponde a 43,16% dos trabalhos apresentados, vem a linha de Direito à informação, acesso à informação e inclusão social. A linha temática menos procurada foi a de Políticas de informação, multiculturalidade e identidade social com 53 trabalhos apresentados, o que corresponde a 12,51% do total.

Nessa edição do CBBBD também não houve uma linha temática dedicada exclusivamente à discussão acerca da biblioteca escolar, assim o tema foi abordado com base em suas especificidades nas linhas temáticas propostas pelo congresso. Mediante a análise dos títulos de 424 trabalhos apresentados, buscamos indícios que nos remetessem ao tema biblioteca escolar e encontramos um total de 21 trabalhos, o que corresponde a somente 4,95% dos trabalhos apresentados.

Analisando o quantitativo em cada linha, identificamos 16 trabalhos apresentados na temática de Direito à informação, acesso à informação e inclusão social, perfazendo 8,74% na linha; três apresentados em Políticas de informação, multiculturalidade e identidade social, o que representa 5,66% dos trabalhos apresentados; e dois apresentados na linha temática de Informação, conteúdos e conhecimentos na sociedade da informação.

### **3.4.1 Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar – XXIV CBBBD**

Nesta edição do CBBBD, percebemos uma ampliação do número de trabalhos sobre biblioteca escolar, bem como a ampliação das categorias temáticas abordadas pelos autores (Tabela 13). Atribuímos esse aumento em 2011 em virtude da publicação da Lei Federal 12.244/2010, que trata sobre a universalização das bibliotecas escolares.

Tabela 13 - Distribuição de trabalhos por categorias - XXIV CBBB

Categorias de trabalhos	Distribuição de trabalhos por categorias XXIV CBBB
Ação cultural	3
Acervo	2
Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem	3
Cidadania	1
Competência informacional	2
Educação de usuários	0
Estrutura das bibliotecas	4
Estudo de usuários	0
Implementação de bibliotecas	0
Leitura	1
Letramento informacional	0
Parceria entre bibliotecários e professores	0
Perfil do bibliotecário escolar	0
Pesquisa escolar	2
Tecnologias	1
Tipologias de bibliotecas	0
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2011).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

- **Ação cultural**

Rosa e Nunes (2011) tratam sobre a utilização da contação de histórias como um recurso para auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos, estimulando seu imaginário de forma prazerosa. Enfatizam ainda a importância da integração do bibliotecário à equipe pedagógica da escola para que ele participe ativamente da formação dos alunos.

Amorim (2011) apresenta atividades desenvolvidas pela biblioteca do Senac do Amazonas na área de educação ambiental com os seus funcionários, professores e alunos, no que diz respeito à responsabilidade socioambiental. São apresentadas as atividades lúdicas desenvolvidas nas salas de aula para estimular a interação dos atores envolvidos nesse processo de conscientização socioambiental, para que se tornem multiplicadores nos seus círculos de convivência social.

Vilela (2011) trata, em seu artigo, da possibilidade de utilização da ação cultural como uma possibilidade de atuação do bibliotecário no processo de interação entre a sociedade da informação, alunos da Educação de Jovens e Adultos e a biblioteca escolar.

- **Acervo**

Wagner (2011) traz uma proposta de implementação de classificação lúdica de acervo voltada para atender às necessidades das bibliotecas escolares de educação infantil, visando à viabilização do acesso desse público no mundo da literatura disponível na biblioteca escolar.

Cardillo e outros (2011) apresentam o trabalho realizado pelas bibliotecas participantes do sistema integrado de bibliotecas do município de São Carlos-SP, que visa otimizar os recursos e compartilhar acervos, produtos e serviços do sistema por meio de uma metodologia de trabalho que pretende padronizar o processamento técnico e informatização das unidades de informação. O texto traz reflexões sobre a inclusão digital como ferramenta de acesso à informação, mas foca principalmente as atividades de disponibilização do acervo das bibliotecas à comunidade atendida.

- **Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem**

Borba (2011) apresenta algumas reflexões sobre a atuação do bibliotecário educador e a importância de suas ações no planejamento e nas avaliações das práticas educativas. No decorrer do texto, o autor traz questões que estimulam a reflexão sobre o verdadeiro papel da biblioteca e do bibliotecário no contexto escolar, caracterizando-os, respectivamente, como espaço e sujeito educadores na escola.

Oliveira, Souza e Carvalho (2011) fazem uma discussão sobre a importância da biblioteca escolar como recurso de enriquecimento ao aprendizado do aluno, demonstrando que a leitura chamada de didática pode ser desestimulante para os alunos. Para as autoras, cabe aos professores a responsabilidade de serem mediadores entre os alunos e esse tipo de literatura. O texto enfatiza que os alunos que se apropriam da leitura de histórias em quadrinhos têm resultados de aprendizagem superiores aos dos demais alunos, principalmente no que diz respeito à interpretação de textos.

Brandão e Rocha (2011) descrevem a história da biblioteca escolar situando-a na evolução do processo de ensino-aprendizagem. Propõem que esse espaço se insira como promotor de práticas educativas por meio da leitura que refletirá na aprendizagem dos alunos. Contudo, as autoras partem da hipótese de que o sistema de ensino formal desprivilegia o uso da biblioteca escolar como possibilidade educativa e que, por esse motivo, a frequência dos alunos nesse espaço ainda é menor do que se espera.

- **Cidadania**

Lima (2011) analisa em seu texto a atuação das bibliotecas escolares da rede pública de ensino fundamental de Manaus-AM, qualificando-as como estratégias político-ideológicas influenciadas pela produção capitalista. Na revisão de literatura, o autor procura entender como a biblioteca escolar se inter-relaciona com as áreas cultural e educativa. Conclusivamente as discussões do texto indicam que a biblioteca escolar apenas se tornará um equipamento emancipatório quando houver marcos reguladores não alienantes que permitam a emancipação daqueles que a utilizam.

- **Competência informacional**

Santos e outros (2011) relatam a experiência do projeto de extensão “Literacia: competência informacional nas escolas” desenvolvido pelo sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Ceará. O projeto tem como objetivo mostrar a maneira pela qual a educação está relacionada aos processos de criação, coleta, disseminação e gestão da informação, além de destacar a importância da extensão universitária para o desenvolvimento da sociedade.

Santana e Villalobos (2011) fazem uma investigação conceitual e empírica sobre a competência informacional pautada na abordagem digital. O objetivo dos autores foi analisar a competência informacional com foco no acesso e uso das TICs em escolas públicas e privadas de Salvador-BA. Para isso, os autores analisaram as ações das escolas pesquisadas para o fomento da competência informacional, o debate sobre o papel da biblioteca nesse processo e as intervenções que professores e bibliotecários executam para essa finalidade. Preliminarmente os autores constataram atitudes isoladas de professores e a falta de ações do bibliotecário para a promoção da competência informacional nas unidades de ensino pesquisadas.

- **Estrutura das bibliotecas**

Martins e Trindade (2011) apresentam uma pesquisa que visou conhecer o perfil das bibliotecas escolares do município de São José dos Pinhais-SP no que se refere aos seus serviços, acervos e estrutura. No decurso do referencial teórico, os autores tipificam as bibliotecas segundo suas finalidades e salientam as principais características que elas precisariam ter. Conclusivamente os autores percebem que os espaços descritos como

bibliotecas escolares são pouco qualificados para serem considerados como tais, principalmente no que se refere aos recursos humanos, estruturas e acervos.

Xavier (2011) descreve o trabalho realizado em uma unidade informação de escola municipal de educação infantil em Porto Alegre-RS no que diz respeito à organização do acervo, informatização, inclusão digital, formação de leitores e atividades culturais. A autora aponta a necessidade de um trabalho coletivo envolvendo toda a equipe da escola para que essas atividades se qualifiquem.

Coppola Junior e Castro Filho (2011) apresentam a situação das bibliotecas escolares na rede de ensino fundamental de Ribeirão Preto-SP, considerando a publicação da Lei 12.244/2010, que determina a obrigatoriedade de funcionamento de bibliotecas escolares nas escolas de educação básica. Tratam ainda sobre a importância da atuação dos bibliotecários nesses espaços e propõem um padrão mínimo para que a biblioteca funcione com qualidade no contexto escolar, integrando-a às ações educativas e culturais da instituição. Constatam, ao final da pesquisa, que as unidades pesquisadas demandam a contratação de profissionais qualificados e melhoria da infraestrutura disponível.

Furtado (2011) apresenta uma análise sobre a situação das bibliotecas escolares de São Luiz do Maranhão com ênfase nas políticas públicas de informação e a atuação do bibliotecário escolar nesse estado. Por meio de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, o autor conclui que as unidades pesquisadas se encontram em condições precárias no que diz respeito à estrutura, acervo e recursos humanos. No que diz respeito à atuação dos profissionais que atuam nesses espaços, verificou-se que falta parceria entre bibliotecários e professores e que a inserção da biblioteca e bibliotecário escolar nas políticas públicas somente ocorre quando há vontade política da escola.

- **Leitura**

Bari e Vergueiro (2011) discutem a implantação de bibliotecas escolares e gibitecas escolares com base na promulgação da Lei 12.244/2010, que trata sobre a universalização da biblioteca escolar. No decorrer do texto, os autores enfatizam a importância das histórias em quadrinhos como recurso importante no processo de formação de leitores, visto que sua linguagem e formato se aproximam do gosto de crianças, adolescentes e jovens. Sugerem metodologias de implantação das gibitecas considerando os recursos estruturais necessários e perfil dos alunos.

- **Pesquisa escolar**

Serafim e Tertulino (2011) apresentam o relato de uma ação voluntária realizada na casa do menor trabalhador de Natal-RN, cujo objetivo foi promover a inclusão das crianças pelo projeto por meio do acesso e desenvolvimento do conhecimento. Os autores destacam a importância do bibliotecário como um mediador da informação capaz de formar sujeitos para a realização de pesquisas escolares autonomamente.

Correia (2011) apresenta um projeto desenvolvido em uma rede de escolas adventistas do Paraná que objetivou desenvolver as habilidades informacionais de seus alunos desde a educação infantil até o ensino médio, preparando-os para o uso dos recursos informacionais disponíveis nas escolas e na realização de trabalhos acadêmicos mais bem elaborados.

Passos e outros (2011), diante da preferência que os alunos têm tido pelo uso de fontes de informações eletrônicas nas pesquisas escolares, apresentam um relato de experiência no qual se pretendeu conscientizar alunos do ensino fundamental e médio da cidade de São Carlos-SP sobre a relevância da pesquisa escolar no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a importância das fontes eletrônicas e impressas. Os autores realizaram uma série de atividades com os alunos das escolas pesquisadas visando à concretização dos objetivos traçados no projeto.

- **Tecnologias**

Oliveira (2011) apresenta a metodologia de implantação do *software* livre Biblivre nas escolas da rede estadual do Espírito Santo e a forma como ocorreu o envolvimento de professores, bibliotecários e alunos nesse processo piloto, que foi inicialmente desenvolvido em duas escolas, para que posteriormente fosse implantado nas demais.

### 3.5 XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2013<sup>21</sup>

A XXV edição do CBBDD ocorreu em Florianópolis, Santa Catarina, no período de 7 a 10 de julho de 2013, com o tema central “Bibliotecas, informação, usuários: abordagens de transformação para a biblioteconomia e ciência da informação”. Seu objetivo foi oportunizar a reflexão e análise em torno dos avanços científicos e tecnológicos e seus impactos sobre o fazer do profissional e sobre a sustentabilidade das bibliotecas e unidades de informação.

Os trabalhos foram distribuídos em pôsteres, relatos de experiência e trabalhos científicos em cinco temáticas propostas para o congresso, conforme demonstra a Tabela 14.

**Tabela 14 – Distribuição de trabalhos conforme tipo e temática - XXV CBBDD**

Temática	Tipos de trabalho			
	Pôster	Relato de experiência	Trabalho científico	TOTAL
<b>Tecnologias de informação e comunicação – um passo à frente</b>	27	45	90	162
<b>Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação</b>	10	15	76	101
<b>Bibliotecas, serviços de informação &amp; sustentabilidade</b>	17	26	50	93
<b>Bibliotecas Públicas</b>	3	7	20	30
<b>Bibliotecas Escolares</b>	3	8	24	35 <sup>22</sup>
<b>TOTAL</b>	61	101	259	423

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

<sup>21</sup> Em 2013, a realização do I Fórum de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática contou com a seguinte programação:

Apresentação dos vencedores do IV Prêmio Carol Kuhlthau/2013.

Apresentação das ações da Comissão Brasileira de Bibliotecas Escolares.

Mesa-redonda: Sistemas, redes e programas de bibliotecas escolares no Brasil: desafios e perspectivas.

Mesa-redonda: Políticas de indexação em bibliotecas escolares.

Palestra: O impacto da biblioteca na aprendizagem: evidências de estudos e pesquisas recentes.

Apresentações de trabalhos.

Encerramento do 1.º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática (Síntese das recomendações e redação do documento final).

<sup>22</sup> A organização do CBBDD indicou, nos anais do evento, que foram 36 trabalhos relacionados à biblioteca escolar, um dos quais não tratava sobre essa temática. Assim, optamos por não considerá-lo.

Quanto ao tipo, observamos que, do total de 422 apresentações, houve uma importante prevalência de trabalhos científicos equivalendo a 61,46% do total, seguidos de relatos de experiência que representaram 24,11% e pôsteres com 14,43%.

Analisando as temáticas, constata-se que a mais procurada foi a de Tecnologias de informação e comunicação – um passo à frente, que representou 38,55%, seguida de Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação com 23,87%, Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade com 21,98%, Bibliotecas Escolares com 8,51% e Bibliotecas Públicas com 7,09%.

### 3.5.1 Análise dos trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar – XXV CBBB

Das cinco edições do CBBB que analisamos, o ano de 2013 obteve maior frequência de trabalhos sobre a temática biblioteca escolar. Atribuímos esse aumento considerável em razão das repercussões em torno da Lei Federal 12.244/2010 e também da criação Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática neste ano.

**Tabela 15 – Distribuição de trabalhos por categorias - XXV CBBB**

<b>Categorias de trabalhos</b>	<b>Distribuição de trabalhos por categorias XXV CBBB</b>
Ação cultural	1
Acervo	4
Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem	2
Cidadania	1
Competência informacional	2
Educação de usuários	1
Estrutura das bibliotecas	4
Estudo de usuários	2
Implementação de bibliotecas	3
Leitura	10
Letramento informacional	0
Parceria entre bibliotecários e professores	1
Perfil do bibliotecário escolar	0
Pesquisa escolar	1
Tecnologias	3
Tipologias de bibliotecas	0
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>

Fonte: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2013).

Nota: Dados produzidos pelo autor.

- **Ação cultural**

Duarte, Silva e Gottschalg-Duque (2013) apresentam atividades culturais e educativas realizadas no colégio La Salle Núcleo Bandeirante que se propuseram a proporcionar vivências marcantes e agradáveis aos alunos com o objetivo de aproximá-los da biblioteca por meio da criação de vínculo emocional cultivado por esses momentos. Entre as atividades apresentadas, destacam-se semana do livro e da biblioteca, semana da arte; Kombi da leitura e hora do conto. Conclusivamente os autores apontam a responsabilidade da biblioteca no processo educativo e, diante disso, indicam a necessidade de desenvolver atividades que aproximem as crianças desse espaço que precisa se caracterizar como democrático, agradável e agregador de conhecimento.

- **Acervo**

Haum e outros (2013) fazem a apresentação do programa de bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte-MG, descrevendo e contextualizando as ações até então realizadas. Como foco principal do trabalho, as autoras descrevem o processo de pesquisa e desenvolvimento do documento orientador da política de desenvolvimento de acervo das bibliotecas pertencentes a essa rede.

Lima e Cardoso (2013) buscam compreender o papel das bibliotecas escolares do município de São José-SC por meio da análise de seus acervos que são utilizados como recursos de disseminação de uma cultura de diversidade e promoção de igualdade étnico-racial. Os autores observaram que ainda há um distanciamento importante entre as propostas da legislação que trata sobre as questões étnico-raciais na escola e o que se encontra disponível nos acervos das bibliotecas escolares pesquisadas e a maneira como esse pouco material disponível é utilizado, tendo em vista a inexistência de pessoal habilitado atuando nessas unidades.

Steindel e outros (2013) apresentam um mapeamento dos acervos didáticos das escolas da rede estadual de ensino de Florianópolis-SC. Objetivou-se, com esse estudo, verificar se os acervos didáticos existentes revelam alguma possibilidade de fonte de pesquisa e memórias para a biblioteconomia e educação. Constatou-se que existem poucas pesquisas sobre livro didático, mas que elas vêm crescendo desde a década de 70.

Scurachio e Zafalon (2013) realizaram um estudo sobre a organização e uso do acervo de bibliotecas escolares públicas e privadas da cidade de São Carlos-SP. O objetivo da pesquisa foi identificar se as formas de organização do acervo e a constituição do ambiente físico das bibliotecas têm relação com o acesso por parte do público infantil. Concluiu-se que a forma como o acervo é organizado não influencia o público infantil, contudo o interesse pelo uso da biblioteca depende diretamente da oferta de produtos, serviços e atividades diferenciadas que atraíam o interesse dessa clientela.

- **Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem**

Silva e Moraes (2013) apresentam reflexões sobre a biblioteca escolar considerando-a como um espaço de reinvenções curriculares. Os autores utilizam como caso a rede de bibliotecas escolares de Vitória-ES para refletir sobre os desafios relacionados ao reconhecimento da biblioteca como constituinte do currículo escolar e a construção do bibliotecário como um sujeito educador. São apresentadas análises de movimentos de fuga da biblioteca escolar para que esta possa estabelecer, a seu modo, o currículo da escola.

Félix e Duarte (2013) analisaram o conceito de cultura escolar e sua influência no desenvolvimento da ação pedagógica em bibliotecas escolares. Essa análise foi realizada com base em uma seleção de artigos apresentados no XXIV CBBB que tiveram com temática experiências bem-sucedidas em bibliotecas. O conceito de cultura escolar utilizado pelos autores é o proposto por Ross Todd e lista nove níveis de colaboração em que escola e biblioteca estejam envolvidas para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Com base na análise dos artigos, os autores concluem que as bibliotecas escolares são um espaço em que situações de ensino-aprendizagem se concretizam e que, em todos os trabalhos relatados, houve a preocupação de afirmar o caráter educativo desse espaço.

- **Cidadania**

Burin e Lima (2013) trazem o relato de experiência da execução do projeto “Arte e cultura na biblioteca” realizado no Instituto Federal de Santa Catarina, cujos resultados obtidos foram importantes para o exercício da cidadania e inclusão social dos alunos. As atividades (xadrez, exposições, oficinas literárias) foram realizadas de maneira lúdica e colorida proporcionando reflexões sobre arte, cultura e política e fazendo da biblioteca um espaço dinâmico na escola.

- **Competência informacional**

Correia (2013) descreve o desenvolvimento e um projeto de formação em competência informacional realizados com alunos do 3.º ano do ensino médio do colégio adventista de Curitiba-PR. O projeto visa desenvolver nos alunos habilidades informacionais para a realização de trabalhos acadêmicos fortalecendo com isso o papel educativo da biblioteca. Identificou-se que a dificuldade de os alunos desenvolverem as habilidades necessárias à compreensão e ao desenvolvimento dessa metodologia de trabalho ocorreu devido à falta de habilidade leitora. Constatou-se que houve resistência dos professores em aderir ao desenvolvimento da competência informacional, pois seria uma sobrecarga de trabalho. Por parte dos alunos, estes não tiveram tanto interesse, pois têm como objetivo apenas o cumprimento das tarefas e a obtenção da nota.

Pereira e Dutra (2013) apresentam um trabalho em forma de pesquisa descritiva que objetivou verificar em que medida a utilização de bibliotecas escolares da Prefeitura Municipal de Vitória-ES contribui no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Os resultados indicaram que o apoio do bibliotecário na identificação das necessidades de informação em suas pesquisas é muito importante. Além disso, observou-se que os alunos participam de atividades de leitura na biblioteca e se sentem apoiados pelos bibliotecários escolares nesses momentos. Conclusivamente enfatiza-se a necessidade de um trabalho conjunto entre todos os educadores da escola para que se concretize a proposta de desenvolvimento de competência informacional no ambiente escolar.

- **Educação de usuários**

Costa e Oliveira (2013) descrevem a experiência de elaboração de uma cartilha em formato de *mangá*, cujo objetivo foi incentivar a comunidade escolar a otimizar o uso da biblioteca de uma escola de ensino fundamental do município de Belém-PA. A cartilha nesse formato propiciou maior aproximação com a linguagem dos alunos, tornando sua aceitação e assimilação dos procedimentos de uso da biblioteca bem mais compreensíveis e interessantes para os alunos.

- **Estrutura das bibliotecas**

Mello (2013) apresenta estudo de caso realizado em uma biblioteca escolar do município de Palhoça-SC que teve o objetivo de identificar as políticas públicas existentes nesse espaço, no que diz respeito a aspectos físicos, acervo, pessoal, usuários, serviços oferecidos e gestão. Com base nessas identificações, a autora sugere o desenvolvimento de políticas públicas de informação e educação para que a biblioteca analisada alcance os parâmetros ideais de uma biblioteca escolar. Conclusivamente a autora constata a emergência de implementação de políticas públicas nessa unidade em face das condições precárias da estrutura física. Foram identificadas políticas públicas voltadas à promoção do livro e da leitura, contudo sem uma aplicação adequada à realidade da escola analisada.

Rodrigues (2013) apresenta um trabalho que foi resultado do trabalho conjunto de bibliotecários e colaboradores que atuam nos Centros de Educação Unificados (CEUs) da cidade de São Paulo. O estudo apresenta um quadro atual do sistema no que diz respeito a espaço físico, acervos, pessoal, hierarquias, público atendido, entre outros. Com base nesse levantamento, foram feitas indicações tanto para o aprimoramento dessas questões quanto de alternativas de organizar as bibliotecas visando à autonomia informacional dos seus usuários. Além disso, pretendeu-se liberar os bibliotecários para que pudessem dedicar-se a atividades estruturantes dos serviços e projetos futuros dessas unidades.

Pinto e Oliveira (2013), considerando que a realidade das bibliotecas escolares e da educação no Brasil é bem distante do que se considera como as ideais, realizaram um estudo bibliográfico e indicaram como esses espaços deveriam ser tratados para que os educadores tivessem as condições necessárias para orientar seus alunos. Identificou-se que as condições estruturais, financeiras e de recursos humanos desses equipamentos estão aquém do que deveriam estar. Diante disso, indicam a necessidade de elaborar e implementar políticas públicas que valorizem essas instituições tão necessárias ao processo formativo de nossa sociedade.

Silva e Barbalho (2013) apresentam um diagnóstico das bibliotecas escolares estaduais da zona leste de Manaus-AM com o objetivo de dar mais qualidade ao ensino público por meio da oferta de informação de qualidade nas escolas. Com base no depoimento de gestores, professores, alunos e bibliotecários ou responsáveis pelas bibliotecas, chegou-se à conclusão de que as bibliotecas pesquisadas se encontram precárias quanto aos serviços de informação oferecidos aos seus usuários, quanto ao desenvolvimento de suas funções pedagógicas que

praticamente inexistem e também quanto aos profissionais que nelas atuam, visto que não foi identificado, em nenhuma das unidades pesquisadas, bibliotecário atuando nesses espaços.

- **Estudo de usuários**

Pereira e outros (2013) apresentam uma pesquisa cujo objetivo foi conhecer o perfil e verificar o grau de satisfação dos usuários de uma biblioteca escolar do município de João Pessoa-PB. Com essa pesquisa, espera-se melhorar a imagem da biblioteca perante os estudantes dessa escola e atrair novos usuários potenciais. Constatou-se que a maioria dos usuários desconhece os serviços oferecidos pela biblioteca. O acesso à *internet* é o mais demandado e, de forma geral, a maioria dos usuários considera satisfatórios os serviços oferecidos.

Araújo (2013) apresenta e discute resultados de estudos de usuários no contexto da biblioteca escolar. Seu quadro referencial indica a emergência do estabelecimento de um modelo social pragmático como fundamento para o campo de estudo de usuários. Como objetivo, pretende apresentar algumas contribuições que estudos de usuários desenvolvidos com base no paradigma da Ciência da Informação podem trazer para o desenvolvimento da biblioteca escolar. Conclui que o desenho metodológico do estudo de usuários na perspectiva social ainda está em processo de consolidação e, por esse motivo, pesquisas exploratórias nessa área são importantes para seu desenvolvimento e aprimoramento.

- **Implementação de bibliotecas**

Amaro (2013) apresenta um relato de experiência sobre implantação da biblioteca da escola do SESC Ensino Médio no Rio de Janeiro e suas perspectivas de atuação. No texto, o autor enfatiza a dimensão educativa, social e cultural da biblioteca. Reflete sobre a função pedagógica do bibliotecário nesse contexto e afirma que as atividades dessa biblioteca são realizadas em conjunto com professores e equipe técnica da escola, visando propiciar uma ambiência que atraia os alunos para biblioteca, que é entendida como um espaço tanto de estudo quanto para outras atividades, como a exibição de filmes, jogos e reuniões.

Freitas (2013) apresenta um projeto de estudo sobre bibliotecas escolares na rede de ensino fundamental e médio de Ribeirão Preto-SP, considerando a publicação da Lei 12.244/2010, que trata sobre a universalização das bibliotecas escolares. Apresenta um provável modelo

norteador para as instituições de ensino viabilizarem a implantação de bibliotecas em suas estruturas. Conclusivamente indica a existência de precariedade na infraestrutura das unidades pesquisadas, a ausência de profissionais capacitados e a possibilidade de realização de contratação de profissionais habilitados para atuar na rede, o que pode melhorar a qualidade dos serviços prestados.

Fialho e outros (2013) apresentam uma proposta de criação da rede estadual escolar de Goiás que foi coordenada pelo curso de Biblioteconomia da UFG. O trabalho é composto de uma etapa diagnóstica e outra propositiva. Foram utilizados nesse processo os parâmetros propostos pelo GEBE/UFMG que incluem indicativas para formação acervo, espaço físico, tecnologias, equipe, serviços e atividades. Além desses aspectos, será contemplada a indicação de implementação do letramento informacional para essas bibliotecas.

- **Leitura**

Oliveira (2013) faz um relato de experiência da realização da 1.<sup>a</sup> feira de troca de livros, que pretendeu possibilitar que os usuários da biblioteca escolar do Colégio São Francisco Xavier ampliassem o repertório de leitura sem que houvesse a necessidade de investimento financeiro por parte da instituição. A intenção do projeto foi despertar o gosto pela leitura e atrair usuários potenciais à biblioteca.

Ferreira e Santana (2013) apresentam o relato de experiência de atividades realizadas na biblioteca do Centro de Educação Básica vinculado ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. O objetivo das ações desenvolvidas foi tornar o espaço da biblioteca mais atraente e desmitificar a visão de que a biblioteca se limita a um local de resolução de tarefas escolares, mas também é uma importante possibilidade de formação de leitores críticos e participantes.

Santos e Santos (2013) apresentam uma experiência desenvolvida na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, chamada de “Indicação de Leitura”, que tem como objetivo apresentar aos usuários da escola oportunidades de leituras disponíveis no acervo. O projeto consiste em fazer a publicação mensal de uma obra literária que, durante todo o mês, será divulgada aos alunos, docentes e técnicos da escola.

Mota e Passos (2013) relatam a experiência de atividades de incentivo à leitura do projeto “A biblioteca vai à escola: uma proposta pedagógica” realizado pela biblioteca universitária da Unisul por meio principalmente de atividades de contação de histórias e outras atividades artísticas e culturais. O objetivo do projeto é congregar atividades pedagógicas já desenvolvidas pela escola, com as literaturas infantil e infanto-juvenil existentes na biblioteca visando à ampliação do acervo cultural dos alunos.

Silva e outros (2013) descrevem um trabalho desenvolvido na biblioteca de uma escola de ensino fundamental de Belo Horizonte com a proposta de trabalhar o ensino da leitura e escrita, tendo o teatro como recurso para tornar esse processo mais lúdico, prazeroso e atraente às crianças do 1.º e 2.º ciclos do ensino fundamental. Além do teatro, foi criado um clube de leitura e diário de bordo elaborado pelos alunos participantes do projeto, para que estes registrassem suas experiências como as atividades de que eles participavam. Conclusivamente as autoras apontam que a realização desse trabalho conseguiu promover uma transformação da rotina de trabalho da escola, envolvendo todos os atores, direta ou indiretamente, responsáveis pelo processo educativo dos alunos daquela instituição.

Almeida e Bortolin (2013) apresentam a biblioterapia como uma possibilidade de trabalho multidisciplinar que pode ser realizado com pessoas de quaisquer idades. Aponta a necessidade de o bibliotecário perceber essa metodologia de trabalho como um campo de atuação que pode auxiliá-lo no desenvolvimento de atividades como o incentivo à leitura e formação de leitores.

Leite e outros (2013) abordam a importância da Lei 12.244/2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares. Contextualizam as atividades do bibliotecário escolar e fazem algumas reflexões sobre o incentivo à leitura. Além disso, apresentam os resultados e análises de uma pesquisa de campo realizada em 15 bibliotecas escolares da rede pública de Rondonópolis-MT. Constatam que a maioria das escolas pesquisadas desenvolve atividades de incentivo à leitura, principalmente por meio da contação de histórias. Além disso, observou-se que apenas quatro bibliotecas já cumprem as determinações da lei em questão.

Oliveira e Souza (2013) apresentam projeto de sarau literário realizado no colégio São Francisco Xavier envolvendo atividades de música, dança e teatro. O objetivo principal do sarau foi resgatar e desenvolver o hábito de leitura entre os alunos. Após a realização da

atividade, foi oportunizado que os alunos fizessem uma avaliação para manifestarem suas opiniões sobre o trabalho realizado.

Moreira e Duarte (2013) compartilham um estudo preliminar sobre práticas educativas de bibliotecários na formação de leitores considerando a óptica do trabalho colaborativo. Fazem ainda uma discussão sobre mediação e trabalho colaborativo e como esses influenciam nas práticas educativas. Os autores indicam os níveis do trabalho colaborativo que passam pela coordenação, cooperação, instrução integrada e currículo integrado. Foi identificado que nenhum dos bibliotecários se caracterizou em seu trabalho no nível de currículo integrado, mas a maioria se adequou ao perfil de colaboração nos níveis de cooperação e instrução integrada.

Gonçalves e Rodrigues (2013) tratam sobre a literatura infanto-juvenil em formato de livro-jogo, que permite unir o lúdico e a leitura com uma grande potencialidade de interatividade em seu uso. Sugere-se que esse tipo de livro seja trabalhado pelos mediadores de leitura, não estritamente como indicação de leitura para jovens, mas também em ações desencadeadas pela biblioteca na discussão de sua potencialidade na conscientização do processo de leitura literária.

- **Parceria entre bibliotecários e professores**

Russo e Souza (2013), observando o distanciamento entre bibliotecários e pedagogos que atuam no ambiente escolar, realizaram essa pesquisa com o intuito de identificar possíveis conexões e pontos comuns no currículo de graduação desses profissionais. Por meio de pesquisa documental realizada em três universidades públicas federais do Rio de Janeiro, observaram que não existem conexões entre os currículos desses cursos. Para os autores, essa situação deveria ser repensada para cumprir a Lei 12.244/2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares, e também para haver maior parceria entre esses profissionais, o que propiciaria melhorias no processo de aprendizagem dos alunos.

- **Pesquisa escolar**

Sanchez (2013) apresenta uma pesquisa realizada na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Ao conceituar a pesquisa escolar e as ferramentas utilizadas nesse processo, o autor analisa as escolhas e preferências por

determinadas ferramentas de pesquisa por parte dos usuários. Conclusivamente são indicadas propostas de melhorias que podem ser implementadas para a realização de pesquisas escolares nas unidades pesquisadas. Entre essas propostas, destaca-se a necessidade de um trabalho conjunto entre professores e bibliotecários, investimento na diversificação dos acervos e maior envolvimento dos alunos nos processos de escolha do material a ser adquirido pelas bibliotecas.

- **Tecnologias**

Oliveira e Almeida Filho (2013) procuram demonstrar a necessidade da biblioteca na escola e o seu papel ante os impactos causados pelas novas tecnologias disponibilizadas na *internet*, principalmente no que diz respeito às pesquisas escolares. Além disso, o estudo verifica como os alunos executam suas pesquisas ante esse cenário de novas tecnologias e como os professores avaliam esse processo, que, por vezes, tem tornado a biblioteca em coadjuvante na realização dessas pesquisas. Os autores concluem que a *internet* não é uma vilã, e sim uma ferramenta essencial às bibliotecas. Nesse cenário, cabe a essas unidades de informação o oferecimento de serviços de mediação entre as informações disponíveis na *internet* e o uso por parte dos alunos.

Furtado (2013) aborda as relações estabelecidas entre a nova geração e as tecnologias da informação e comunicação ante o potencial da biblioteca escolar no trabalho com as literaturas digital e informacional de seus alunos. O texto aponta que a biblioteca escolar necessita planejar sistemas de organização e recuperação da informação de maneiras mais simples e condizentes com a realidade tecnológica de seu público, além de oportunizar o acesso à literatura digital.

Mello (2013) apresenta uma proposta de implantação de serviços de referência tradicional e *online* para bibliotecas escolares. Acredita-se que, com essa implantação, os serviços de disseminação da informação nas bibliotecas se tornarão mais atrativos e capacitarão seus usuários no processo de busca e avaliação das fontes de informação que eles necessitam.

### 3.6 POSSÍVEIS SÍNTESES SOBRE A BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR COM BASE NOS CBBDS

Consideramos que a quantidade de trabalhos apresentados nessas cinco edições do CBBBD é extremamente significativa e vem sendo ampliada a cada ano, considerando tanto os trabalhos sobre a biblioteca escolar quanto as demais temáticas propostas pelo congresso.

A diversidade de categorias temáticas relacionadas à biblioteca escolar por nós estabelecidas em função de nossas interpretações desses trabalhos também se ampliou ao longo dos anos, revelando-nos a diversidade de abordagens de estudos e experiências que podem ser desenvolvidas com base nesse tema.

A leitura, um dos principais e tradicionais objetivos da escola, foi o centro das discussões promovidas no CBBBD no que tange à biblioteca escolar. Essa categoria temática encontra-se evidenciada na escola e na maioria de seus fazeres realizados tanto na biblioteca quanto fortemente na sala de aula, nas tecnologias educacionais, nas atividades. No entanto, hoje discutimos que a função da escola se expande para outras finalidades, como a formação cultural, e não restritamente ao histórico processo de transmitir conteúdos curriculares básicos verticalmente determinados aos estudantes. Diante disso, acreditamos que o interesse por esse tema é reflexo dessa cultura já instituída.

Os trabalhos que se debruçaram sobre a leitura nos dão indícios de que a principal preocupação dos autores girou em torno da leitura literária. Mas quais leitores pretendemos formar? Leitores literários, de textos informativos, críticos, de mundo, de imagens, da vida, cidadãos, funcionais, alienados? Que leitores queremos estimular num país onde a média anual de livros lidos é de 1,85 *per capita*? (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011). Essa complexidade de possíveis “tipos de leitores” que poderíamos pensar em formar em uma nação onde ainda se lê tão pouco nos traria inclusive a possibilidade de realizar uma nova pesquisa mais detalhada e exclusivamente por esse prisma.

Percebemos, nos seis trabalhos cujo foco foi a realização de ações culturais, que houve um importante atravessamento relacionado ao incentivo à leitura que se pretendeu deflagrar com base nessas atividades. Entre os 13 trabalhos em que os autores trouxeram como principal análise a maneira que biblioteca e o bibliotecário escolar participam do processo de ensino-

aprendizagem dos alunos, percebemos que, em vários momentos, a leitura foi indicada como fundamental para que se alcance esse objetivo.

Nos dez trabalhos que trataram sobre a estrutura das bibliotecas, constatamos que há uma preocupação relacionada principalmente à estrutura física e, em seguida, a aspectos relacionados às questões organizacionais, de recursos humanos e dos acervos. Atribuímos essa preocupação em pesquisar ou relatar experiências a esse respeito, ao histórico de precarização das bibliotecas escolares às quais tradicionalmente se destinava uma localização pouco acessível, reduzida, improvisada, que não privilegiava seu uso. Hoje, como a concepção sobre a biblioteca escolar vem demonstrando fortes sinais de transformação, acreditamos que profissionais e pesquisadores têm se debruçado sobre esse aspecto pretendendo que as estruturas sejam repensadas para que condigam com as perspectivas que têm sido ampliadas no meio acadêmico, científico e profissional.

Destacamos ainda a preocupação com relação à pesquisa escolar no que diz respeito à promoção da autonomia dessa prática com os alunos, ensinando-os a buscar e recuperar as informações que necessitam, não restritamente no acervo físico das bibliotecas, mas principalmente fazendo uso das novas tecnologias da informação.

A categoria de trabalhos relacionados ao tratamento do acervo se deteve mais às questões de organização do que ao uso desse material. Consideramos essa como uma função-meio, principalmente no âmbito da biblioteca escolar, e por isso é necessário que também se dedique uma atenção a essa questão.

A competência e o letramento informacional foram categorias ainda pouco trabalhadas se considerarmos sua importância para a formação dos estudantes. Contudo, por se tratar de uma perspectiva de trabalho relativamente recente<sup>23</sup> na Biblioteconomia Escolar brasileira, acreditamos que, nos próximos anos, essas deverão ter um destaque maior.

As demais categorias – como cidadania, educação de usuários, estudo de usuários, parceria entre bibliotecários e professores, perfil do bibliotecário escolar, tecnologias e tipologias de bibliotecas – tiveram uma frequência de trabalho inferior a cinco no decurso de dez anos.

---

<sup>23</sup> No que diz respeito ao Brasil, a produção bibliográfica sobre letramento informacional encontra-se em estágio inicial. O termo e o conceito foram introduzidos no país por Caregnato, em 2000, e vêm sendo, desde então, trabalhados por diversos autores (CAMPELLO, 2009, p. 35).

Compreendemos que todas essas categorias são fundamentais aos saberes biblioteconômicos, contudo têm sido menos exploradas nas pesquisas relacionadas à biblioteca escolar.

#### **4 TRAJETÓRIAS E ACONTECIMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO NA EMEF ARISTÓBULO BARBOSA LEÃO**

A trajetória que me conduziu ao desejo de concretizar esta pesquisa se iniciou com minha entrada na PMV como bibliotecário em 2007, momento em que atuei em uma escola que não contava, em sua estrutura física, com uma biblioteca. Essa experiência que poderia ter deflagrado um processo de frustração, lamentação, ou até mesmo desistência, me moveu a buscar alternativas de atuação para o contexto em que me encontrava.

Além da experiência formativa desenvolvida nos estágios do período de graduação e da minha atuação anterior àquela na PMV, numa escola particular durante um ano e meio e também em outros segmentos da Biblioteconomia que não a escolar, senti a necessidade de buscar ajuda de bibliotecários que já atuavam nas escolas da PMV, pois esses talvez pudessem ter passado por situações semelhantes.

Essa tentativa ocorreu por intermédio da professora Suely Santos Souza e da bibliotecária Edilene Simões (*in memoriam*) que atuavam na coordenação das bibliotecas escolares de Vitória em 2007. Numa conversa com as duas, recordo-me que elas me informavam sobre outros bibliotecários que desenvolviam uma prática interessante e poderiam ajudar-me naquele momento. Dentre essas pessoas, lembro-me vagamente de Marcela, bibliotecária da EMEF ABL, que foi lembrada como uma profissional de referência para que eu conhecesse seus fazeres.

Nos momentos formativos de que participei de 2007 a 2009, na PMV, tive a oportunidade de conhecer relatos de experiências de vários bibliotecários, entre os quais o trabalho de Marcela me chamava a atenção, pois as marcas dos sons e expressões que ela realizava na escola e compartilhava conosco me remetiam a bons encontros.

Em 2010, quando iniciei minhas atividades na condição de coordenador da rede de bibliotecas escolares de Vitória, na alegre companhia e intensa parceria da professora Suely Santos Souza (a mesma que me recebeu em 2007 e, até 2012, se manteve nesse setor), pude começar a conhecer um pouco mais intensamente alguns trabalhos que Marcela realizava na EMEF ABL, visto que uma das minhas funções era acompanhar os trabalhos realizados pelos bibliotecários nas escolas. Assim, sempre que novos bibliotecários chegavam à rede, minha

indicação era para que eles tivessem como uma de suas “fontes de inspiração” o trabalho de Marcela, ou seja, o mesmo conselho que recebi em 2007.

Chegado o ano de 2013, surgiu minha oportunidade de ser aprovado e iniciar o mestrado em Educação na UFES, e o desejo era que minha pesquisa pudesse ter como lócus de análise a EMEF ABL e principalmente o trabalho lá desenvolvido por Marcela. Agora, aqui estou neste processo de pesquisa tão significativo à constituição de minha história como bibliotecário escolar, educador e pesquisador.

Assim, constituímos uma experiência de pesquisa que se expressa neste momento pela apresentação e análise dos dados coletados ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro de 2015, na EMEF ABL, pela perspectiva colaborativa de pesquisa. Nosso relatório de pesquisa busca articular diferentes e diversas fontes no diálogo entre os processos vividos no trabalho cotidiano da bibliotecária e entre os referenciais teórico-metodológicos deste estudo.

A organização das próximas sessões em categorias de análise, buscou não seguir uma linearidade temporal dos fatos que acompanhamos, mas sim uma organização segundo a relevância que atribuímos aos acontecimentos que tivemos a oportunidade de acompanhar e registrar, e que se aproximaram das nossas inquietações de pesquisa fomentadas pela nossa trajetória de pesquisadores e pelo desenvolvimento da nossa pesquisa bibliográfica. Temos certeza que com esse exercício, não esgotamos as possibilidades de análises dos trabalhos desenvolvidos pela bibliotecária da EMEF ABL, mas damos início a um processo analítico de grande amplitude que tem potencialidade de reverberar-se em outros momentos e contextos.

#### 4.1 PERCURSOS DE ENCONTROS DA PESQUISA

O primeiro encontro formal de pesquisa na EMEF ABL ocorreu em 11 de setembro de 2014, data em que estabelecemos para apresentar à bibliotecária Marcela, aos pedagogos do turno matutino e ao diretor<sup>24</sup> da escola a nossa proposta de pesquisa. No horário marcado, estávamos lá, com a cabeça tomada de dúvidas e expectativas do que fazer e como fazer o que havíamos planejado para os estudos de campo, especialmente sobre nossas orientações

---

<sup>24</sup> O diretor não pôde participar da reunião, pois estava envolvido em outro compromisso fora da escola.

metodológicas que têm como pressuposto a perspectiva colaborativa entre os sujeitos envolvidos na situação de pesquisa.

Inicialmente fiz questão de enfatizar que a definição sobre minha pesquisa naquela escola se deu em razão do trabalho realizado por Marcela na biblioteca, tendo em vista toda a trajetória que já apresentamos, e de a sua dinâmica de trabalho se aproximar das perspectivas que defendemos nesta pesquisa e dos interlocutores teóricos que dialogamos neste espaço-tempo. Deixamos bem claro que nossa pesquisa não pretendia analisar a estrutura da biblioteca ou sua organização, mas inventariar as práticas produzidas pela bibliotecária Marcela no seu dia a dia e o que ocorreria nessas tramas e realizações que dele emergiriam.

Após a apresentação da proposta de pesquisa, a pedagoga responsável pela segunda etapa do Ensino Fundamental I matutino fez questão de enfatizar que eu realmente havia escolhido a bibliotecária “ideal” para analisar seu trabalho, pois eu estava diante de uma profissional que fazia a diferença como bibliotecária naquela escola e talvez na rede de ensino do município de Vitória.

Depois da apresentação da proposta de pesquisa à pedagoga e à bibliotecária, tive a alegria de ser formalmente autorizado a iniciar a pesquisa daquele momento em diante, por isso fomos até a biblioteca, eu e Marcela, para que pudéssemos definir quais os melhores dias e horários para acompanharmos suas atividades.

Logo que entramos na biblioteca, um indício que me chamou a atenção positivamente foi o fato de a biblioteca estar desarrumada. Exatamente, fui positivamente tocado por entrar numa biblioteca desarrumada. O que para a maioria das pessoas pode ser encarado como algo negativo, para nós tem um viés que pode ser considerado positivo, pois indica que ali há vida, que há pessoas que utilizaram aquele material recentemente e que a bibliotecária não prioriza a arrumação das estantes e a guarda do acervo ali acondicionado.

Observei também que, num *flipchart* onde estavam fixadas várias folhas de papel cenário branco, a primeira folha estava escrita em letras maiúsculas verticalmente a frase VITÓRIA ILHA DO SOL. Diante dessa cena aparentemente simples, ativei meu olhar de pesquisador que se debruçou sobre os mais simples sinais e me pus a imaginar ao que se propunha aquela frase, se seria a base de um acróstico, se seriam os primeiros versos de uma música, um *hip-hop*... Mas preferi aguardar o transcurso de nosso diálogo sobre a possibilidade de surgir algo que nos conduzisse para aquela frase que sorrateiramente saltou aos meus olhos.

Sentamos à mesa e Marcela retirou de sua gaveta um caderno estilizado com uma capa confeccionada a partir do bolso de uma calça ou bermuda jeans (Foto 1), ou seja, mais um sinal visual da criatividade que imprimia a marca dos acontecimentos daquele espaço. Nesse caderno, Marcela procura sistematizar as anotações pessoais, registros de reuniões e controle das atividades realizadas na biblioteca.

Foto 1 – Caderno de planejamento e anotações de Marcela



Marcela inicialmente nos informou que as segundas-feiras não seriam dias bons para realizarmos a pesquisa, pois esse dia havia sido reservado, desde o início do ano letivo, para o atendimento aos alunos do Programa de Educação em Tempo Integral. Mas, com a chegada dos “oficineiros” do programa, esse dia havia ficado sem atividades programadas e ela lançava mão desses momentos para desenvolver algumas atividades, como a organização da biblioteca, o registro e catalogação de livros novos, a preparação das atividades da semana e outros fazeres que demandassem uma dedicação mais reflexiva. No entanto, ao longo da pesquisa, ficou claro que esse planejamento de atividades internas às segundas-feiras não se concretizou como esperado por Marcela, pois, em diversas vezes, as demandas da escola surgiram e ocuparam esse tempo diferentemente do que ela esperava.

Questionei Marcela sobre a maneira de trabalhar com crianças do Programa de Educação em Tempo Integral, pois, muitas vezes, elas são consideradas como problemáticas. Marcela reconheceu que era realmente uma turma às vezes complexa de trabalhar, principalmente

devido à diferença de idade de crianças num mesmo grupo, ou seja, cada uma delas tem preferências específicas principalmente em função da idade, mas, mesmo assim, por restrição de espaço na biblioteca, praticamente todos participavam de uma mesma atividade simultaneamente. Além disso, Marcela destacou que o tempo em que os alunos permaneciam na biblioteca era muito estendido, pois ela é acostumada a realizar atividades dentro dos 50 minutos de uma aula, mas com os alunos do Integral era diferente, pois eles permaneciam na biblioteca por um período mais extenso, o que dificultava assim a realização das atividades da maneira a que Marcela estava habituada.

Pude observar, nas entrelinhas do nosso diálogo, certo alívio de Marcela com a interrupção do trabalho com os alunos do Integral em razão das questões do comportamento e do tempo estendido, mas simultaneamente percebi também certa frustração por ter iniciado uma atividade com esses alunos e não ter conseguido concluí-la. Ou seja, apesar das dificuldades apontadas por Marcela, isso não sucumbiu o desejo de realizar e concluir um trabalho iniciado.

Na sistematização do cronograma de atividades semanais que estabeleceríamos dali em diante, Marcela enfatizou que desenvolve um trabalho quinzenal com as turmas do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental. O principal motivo para que esse intervalo de tempo para o atendimento às turmas seja de 15 dias, é o fato de não haver outro funcionário ou estagiário que atue com Marcela, com exceção de uma professora que atende o turno noturno, com quem praticamente Marcela não dialoga em razão de trabalhar exclusivamente nos turnos matutino e vespertino.

Diante de toda a potencialidade que uma biblioteca tem para oferecer à escola, e especialmente no caso da EMEF ABL onde a bibliotecária atua de maneira tão intensa, percebe-se que, ainda assim, não se disponibilizam as condições necessárias, em recursos tanto humanos quanto materiais e estruturais, para que o trabalho realizado seja estendido a um quantitativo maior de estudantes em todos os turnos atendidos pela escola e de maneira que seja possível realizar um trabalho mais intenso.

Essa situação, reflexo de um processo amplo de precarização do trabalho docente, atinge tanto professores quanto todos os sujeitos que atuam no ambiente escolar, inclusive o bibliotecário que atua como um trabalhador docente, lidando cotidianamente com estudantes e contribuindo, de modo corresponsável, no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Para Fernandes e Helal (2010), “[...] a própria situação de trabalhador escolar precarizado traz graves comprometimentos para a organização do ensino. A precarização do trabalhador escolar acarreta graves consequências na estruturação e nas práticas docentes.”

Na continuidade da organização dos tempos da pesquisa, Marcela tomou a iniciativa de comentar um pouco sua relação profissional com algumas professoras. Uma das que Marcela destacou, por exemplo, é a regente de uma das turmas do 1.º ano vespertino, pois ela sempre procura dar continuidade em sala de aula às atividades realizadas na biblioteca.

Ela [a professora] sempre fala que o trabalho que a gente faz aqui é uma aula de verdade e não pode ser largado pela metade (MARCELA).

Em contraponto, Marcela também narrou a dificuldade de estabelecer uma relação de trabalho mais intensa com alguns professores. Sem indicar a professora e turma às quais se referia, Marcela relatou que é muito raro que essa professora leve os alunos à biblioteca no horário agendado. Ela fez várias tentativas, mas não obteve o resultado esperado, e no máximo o que conseguiu articular foi que os alunos visitassem a biblioteca em grupos reduzidos para fazerem a troca dos livros que estão emprestados.

Acreditamos que, ao não priorizarem a frequência sistematizada na biblioteca, fica revelado que esses professores não a incluem entre os espaços educativos da escola, o que vai de encontro às perspectivas de trabalho que Marcela busca consolidar.

Mesmo com essas dificuldades de estabelecer algumas parcerias mais intensamente, Marcela justifica que

Realmente ela faz um trabalho muito intenso com os alunos e por vezes fica complicado mesmo parar para vir à biblioteca (MARCELA).

Essa situação nos levou a problematizar acerca da responsabilidade pela concretização das parcerias que parecem recair isoladamente sobre Marcela ou sobre professores. No entanto, acreditamos que esse processo deveria ser norteado pela pelas diretrizes da escola.

Ao buscarmos o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o plano de ação da escola relativo a 2014, constatamos que a escola não possui o seu PPP registrado em forma de documento. No plano de ação que nos foi apresentado, existem duas ações que poderiam envolver potencialmente a biblioteca, a saber: “Projeto aprender mais: alfabetização” e “Literatura: batendo um papo com o autor”. Contudo, a estrutura do plano de ação não explicita os

responsáveis pelas atividades, tampouco dá indícios da inserção da biblioteca no desenvolvimento dessas atividades ou como colaboradora com os professores.

Campello e outros (2013) constatam a mesma dificuldade expressada por Marcela no que diz respeito ao afastamento entre bibliotecários e professores, principalmente quanto ao estabelecimento efetivo de parcerias pedagógicas. Muito se tem discutido sobre essa dificuldade, mas, segundo alguns pesquisadores, as ações ainda são tímidas para que se reverta esse quadro que se estabelece não apenas na realidade da EMEF ABL, mas ainda em várias outras realidades anteriormente pesquisadas por vários dos autores analisados por Campello e outros (2013).

Duas das pesquisas analisadas por Campello e outros (2013) apontaram que essa questão não passa exclusivamente pelos fazeres constituídos por bibliotecários e professores, mas também pelo processo de formação inicial desses profissionais que não os subsidia com os fundamentos teórico-práticos necessários para que eles atuem de forma integrada e dialógica, salvo em experiências exitosas que se tornam referência para a área.

Ao observar com mais cuidado, percebi que inexistiam na planilha de atividades de Marcela agendamentos com as turmas do 6.º ao 9.º ano e questionei o motivo por que eles também não tinham a dinâmica de trabalho previamente agendado. A justificativa foi que normalmente a maioria dos professores desse segmento não possui tempo para ir à biblioteca com os alunos em virtude da limitação do tempo das aulas de 50 minutos e, concomitantemente a isso, ainda precisam cumprir o conteúdo indicado do currículo. Além disso, Marcela confessa que tem uma relativa limitação metodológica para trabalhar com os adolescentes.

Até que na igreja eu consigo trabalhar com adolescentes, mas aqui na escola eu não sei porque acho tão complicado. Eu gosto mesmo é dos pequenos sabe! Mas quando os grandes vêm com os professores a gente trabalha com eles também, é só o professor trazer a ideia da atividade que eu dou um jeito de ajudar quando é preciso (MARCELA).

Sugeri a Marcela que experimentasse fazer o trabalho dos poemas transformados em *hip-hop* que ela desenvolve com as demais turmas de 1.º a 5.º anos, mas ela argumentou que já tentou algumas vezes, mas não obteve o resultado que esperava. Outra tentativa foi trabalhar com acrósticos, pois, segundo ela, apesar de muitos terem gostado, não conseguiu concluir a atividade conforme foi planejado, principalmente devido à falta de tempo e disponibilidade de uma equipe atuando com ela na biblioteca e à indisponibilidade de a maioria dos professores darem prosseguimento à atividade proposta por ela ao longo de um período mais estendido.

Eles [professores de 6º ao 9º ano] não têm tempo, o dia a dia da sala de aula sufoca, ocupa muito o tempo. Se eu marco um horário semanal ou quinzenal, não vai dar pra eles fazerem isso, porque vai comprometer o cumprimento do conteúdo deles. Na verdade é a visão que eu tenho, não sei se eu to certa. Talvez eu tenha que vencer essa barreira, não sei direito. Mas se o professor tiver junto, assim, com uma atividade ligada a sala de aula é diferente. Porque eu vejo toda a diferença aqui quando o professor se encanta também com o que a gente ta fazendo, o aluno reage diferente, porque o professor é o modelo dele (MARCELA).

A falta de tempo dos professores, principalmente os do 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental, no que concerne à ocupação da biblioteca como um espaço integrante do currículo escolar, é um reflexo contrário às várias afirmações dos autores com os quais dialogamos em nosso estudo. Roca (2012) vincula a biblioteca ao planejamento escolar e justifica sua existência como um recurso fundamental à prática docente e a implementação do currículo.

Exemplificando a importância da biblioteca articulada ao currículo escolar, ainda que ela não esteja formalmente prescrita por ele, citamos o trabalho apresentado por Correia e Mannala (2005) em que foi demonstrada a contribuição da biblioteca escolar no desenvolvimento do currículo escolar e na aprendizagem dos alunos de escolas adventistas do Paraná, bem como os diversos resultados positivos, fruto dessa parceria.

Isso nos leva a pensar na biblioteca escolar como um espaço de reinvenções curriculares e nos faz acreditar que é possível, sim, mediante a reflexão e as práticas cotidianas, tornar biblioteca e bibliotecário escolar, respectivamente, em espaço e sujeitos educadores na escola (SILVA; MORAES, 2013).

Dessa maneira, a ida sistemática à biblioteca, não apenas pelas turmas do 1.º ao 5.º ano, mas da escola como um todo, deixaria de ser um empecilho ao cumprimento do trabalho do professor, mas se configuraria numa parceria em prol tanto da integralização do currículo quanto da formação de novos conhecimentos.

No transcorrer de nosso diálogo, vários alunos adentravam a biblioteca para tomar emprestados livros ou devolvê-los, e Marcela dedicava alguma atenção às crianças garantindo que elas pudessem fazer a devolução ou empréstimo dos livros. A meu ver, a atitude de não restringir aos alunos o acesso aos livros mesmo no decurso de alguma outra atividade, é um sinal de compromisso com a função de dar acesso à informação.

Quando nos referimos às táticas criadas por Marcela, fazemo-lo intencionalmente considerando os conceitos de Certeau (1994), pois esses movimentos táticos se operam a

partir de um lugar, transformando-os em espaços praticados que buscam romper com formalismos instituídos sem participação desses sujeitos praticantes.

Depois de muita conversa e histórias, definimos que realizaríamos a pesquisa na biblioteca nos dias em que o fluxo de atividades com os alunos fosse maior, permitindo um acompanhamento mais intenso da relação com os alunos e professores.

Destaquei que seria importante, para uma análise mais integral das práticas de Marcela, que também pudéssemos estar presentes nos momentos de reuniões pedagógicas, formações e outras atividades de que ela viesse a participar ao longo do período de nossa convivência. Marcela concordou, mas adiantou que sua participação em reuniões pedagógicas da escola e conselhos de classe seria muito esporádica, salvo nas situações em que algum assunto diretamente relacionado à sua atividade fosse ser discutido ou naquelas em que o diretor a convocasse.

Ficou definido que nossos encontros seriam iniciados desde o dia 15 de setembro, pois havia uma intensa programação prevista para os próximos dias. Ao final de cada semana, definiríamos os próximos dias em que estaríamos juntos, mas perseguiríamos a meta de realizar ao menos 15 dias de acompanhamentos presenciais. Na realidade, a previsão se ampliou para 21 dias de acompanhamento, conforme está detalhado no Apêndice C.

#### 4.2 A IDENTIDADE DA BIBLIOTECÁRIA MARCELA

Tendo em vista as perspectivas que assumimos neste estudo, compreendemos que era de fundamental importância conhecermos mais detalhadamente a profissional com a qual iríamos conviver. Com esse objetivo, realizamos uma entrevista inicial por meio da qual identificamos alguns elementos do perfil profissional de Marcela. Para esse desafio, recorreremos a um roteiro de entrevista (Apêndice B) para guiar nosso diálogo, o qual será apresentado não linearmente conforme a sequência do nosso roteiro, tampouco numa mesma seção, e sim numa organização que nos permitiu tecer nossos diálogos e as percepções surgidas desse movimento investigativo inicial e também ao longo da pesquisa, conforme as questões surgiram.

A bibliotecária Marcela Lopes Mendonça Coelho tem 42 anos de idade, é casada, mãe de um filho com 5 anos de idade à época, mora em Serra Sede, leva em média uma hora e meia no trajeto de ônibus entre sua casa e o trabalho, tempo que normalmente aproveita para ler e/ou ouvir música. Formou-se em Serviço Social, mas não atuou na área devido à falta de oportunidade de trabalho, o que a levou a cursar uma nova graduação no curso de Biblioteconomia na UFES, onde se formou em 2002 e, logo após, iniciou sua carreira como bibliotecária escolar. É bibliotecária efetiva da PMV e atua na EMEF ABL desde 2006.

Marcela reconheceu que sua intenção era cursar na sua segunda graduação Comunicação Social, mas, devido à alta concorrência, decidiu prestar o vestibular para o curso de Biblioteconomia, a fim de oportunamente solicitar transferência para outro curso. No entanto, no decorrer de sua trajetória, criou um vínculo positivo com a área, principalmente em razão das disciplinas cursadas e da realização de estágios não curriculares, o que culminou com a permanência e conclusão no curso de Biblioteconomia.

Lá na Biblioteconomia eu tive estágio desde o começo, eu fiz cinco estágios, dois viraram empregos de carteira assinada, em arquivo e em biblioteca universitária. Então foi muito bom, a gente já tem uma certa experiência no trabalho antes de se formar (MARCELA).

Podemos observar que, mesmo ao longo de sua graduação em Biblioteconomia, a inserção de Marcela no campo de trabalho ocorreu precocemente na área, inclusive em trabalhos não relacionados à biblioteca escolar, sobretudo na área de arquivo e biblioteca universitária, o que não foi um impeditivo à sua entrada e encantamento mais a diante com a educação básica, pois, logo após sua colação de grau em 2002, surgiu para Marcela sua primeira oportunidade de trabalho na biblioteca do Colégio Alternativo na cidade de Serra. Desse momento em diante, iniciou-se uma carreira que se mantém cada vez mais viva e com sólidas pretensões de permanecer na escola.

Quando eu consegui um trabalho durante o curso, eu trabalhei numa empresa que mexia com arquivo, fui para a Escelsa e para a Vale ficar na parte de fluxo de documentos. Era legal, mas eu prefiro a biblioteca escolar, mas foi uma experiência boa lá (MARCELA).

Ao longo de nossas observações, Marcela disse algumas vezes que os dois principais problemas quanto à atuação na biblioteca escolar são a distância entre o trabalho e sua residência e o salário baixo, e o de Vitória, ainda que seja comparado ao de outras prefeituras

do estado, é um dos melhores.<sup>25</sup> Para ela, um emprego mais próximo de sua residência a levaria a deixar de atuar na biblioteca escolar, contanto que fosse também para atuar como servidora pública e com uma remuneração igual ou superior à que ela tem atualmente.

Eu até cheguei a fazer um concurso pro Tribunal Regional do Trabalho, o TRT, porque sempre a oportunidade de ter um salário melhor também atrai a gente na luta do dia a dia, mas eu não passei no concurso, fiquei longe de passar. Eu gosto da biblioteca escolar, não to falando que eu vou trabalhar o resto da vida não, mas eu gosto, hoje eu gosto da biblioteca escolar. Eu to feliz aqui com o meu trabalho, o problema pra mim é a distância, esse é todo meu problema, a distância (MARCELA).

Quando nossa conversa caminhou para os rumos da formação, Marcela afirmou que, no curso de Biblioteconomia da UFES, existia uma relativa deficiência ou prejuízo para os bibliotecários que fossem atuar na área escolar, pois, na sua visão, faltaram disciplinas que lhes dessem subsídios para atuar nessa área. Para ela, essas discussões na academia poderiam contribuir para melhor desenvolvimento profissional do bibliotecário escolar, o qual teria melhores condições de dialogar com a equipe pedagógica e também compreender as situações que acontecem na escola e demandam do profissional um conhecimento sobre a área.

Foi lá nessa escola que eu te falei [Colégio Alternativo], que eu comecei a desenvolver tudo que eu faço até hoje, porque o nosso curso não dá base nenhuma para a biblioteca escolar, pra fazer esse trabalho pedagógico, ter contato com as crianças, não dá nada... (MARCELA).

Quando Campello (2003) analisa o eixo leitura de sua pesquisa, a autora faz uma crítica ao processo de formação do bibliotecário, que por vezes se coloca passivo ante as diferentes histórias do contato dos estudantes com a leitura. Diante disso, defende-se a necessidade de que esse profissional busque configurar-se como um dos catalisadores do processo de transformação e criação da realidade em que ele esteja inserido.

Varela e Barbosa (2009), ao discutirem o papel das bibliotecas públicas e escolares no que diz respeito ao desenvolvimento das competências informacionais necessárias ao processo de ensino-aprendizagem, apontam um descompasso entre os novos paradigmas globais e a realidade brasileira na qual nos encontramos. Para os autores, é necessária uma melhoria considerável na formação dos profissionais que atuam nesses espaços, além de uma reestruturação de suas políticas de gestão.

---

<sup>25</sup> Atualmente o piso salarial para o cargo de bibliotecário com carga horária de 40h de trabalho semanal na PMV é de R\$2.851,28.

Diante da afirmação feita por Marcela, ao dizer que “[...] o nosso curso não dá base nenhuma para a biblioteca escolar, pra fazer esse trabalho pedagógico, ter contato com as crianças, não dá nada”, buscamos verificar, na matriz curricular vigente do curso de Biblioteconomia da UFES, se houve alguma alteração em sua proposta que passasse a contemplar discussões específicas sobre a biblioteca escolar. De acordo com as ementas da matriz disponível no *site* do colegiado do curso, não identificamos nenhuma disciplina que contemple explicitamente discussões sobre educação básica ou biblioteca escolar (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015).<sup>26</sup>

Temos a clareza de que a formação inicial não é capaz de atender a todas as demandas do profissional que ingressa no campo de trabalho, pois esse processo formativo se estende ao longo da carreira profissional, no amadurecimento do trabalho diário e ante os desafios que surgem continuamente.

Diante da importância da biblioteca escolar em nossa sociedade, Marcela destaca que é necessário repensar a formação inicial do bibliotecário que pretende atuar no ambiente escolar.

Eu acho que a formação é a aquisição dos conhecimentos necessários pra você atuar em determinada área. Você tem que adquirir uma série de conhecimentos, aprendizados, de coisas necessárias, de ferramentas pra você atuar naquela área (MARCELA).

O sentimento de incompletude trazido por Marcela, a nosso ver, não é negativo, pois ele a moveu na busca de possibilidades que potencializassem sua atuação, considerando principalmente seu repertório cultural e sua história de vida profissional e pessoal.

Mais adiante, quando perguntei à Marcela sobre a importância que ela atribuía à participação em formações continuadas e de que forma esse processo impacta o desenvolvimento de suas atividades, ela nos traz uma visão bem ampla, indo para além da formalidade de cursos ou palestras, mas adentrando caminhos dos fazeres cotidianos, como a relação e a troca de experiências com outros sujeitos, a pesquisa sobre literatura infantil, o acesso a *sites*, a relação com as crianças e outros fazeres que compõem o processo formativo ao longo da vida.

Eu acho que a pessoa precisa estudar sempre, buscar conhecimento por leitura e estudo, basicamente estudar. Se matricular em um curso, ir lá e fazer. Não só isso, porque a formação também é a partir da leitura, do dia a dia, na internet, no lidar

---

<sup>26</sup> Segundo informações do Núcleo Docente Estruturante do curso de Biblioteconomia, está sendo feito um processo de reestruturação dessa matriz curricular na qual possivelmente será contemplada a inclusão de uma disciplina que se dedique às discussões sobre a biblioteca escolar.

com as pessoas no dia a dia, isso pra mim também é formação. A minha formação como bibliotecária escolar (eu nem sei se esse termo é correto, porque eu vejo algumas pessoas falando que não é bibliotecária escolar, mas bibliotecária, pronto, acabou), mas enfim... Na minha formação como bibliotecária escolar na escola, eu me formei trocando ideia com as crianças, com as pessoas todas e com os livros. A minha formação vem daí, principalmente do livro infantil. Porque nas vezes eu pego um livro e dele vem as ideias para eu fazer as coisas, igual o livro das ideias que eu te falei. Minha formação como bibliotecária na escola foi com o lidar com alunos, professores e crianças na escola (MARCELA).

No que diz respeito às perspectivas de futuro quanto à formação de Marcela, prontamente ela afirmou:

Minha perspectiva de formação para o futuro é fazer o mestrado em educação na UFES. Eu queria muito fazer em Biblioteconomia, mas aqui no Estado não tem, e eu não tenho como sair e ir pra outra cidade, tenho que cuidar do meu filho porque ele é pequeno. Mas eu acho que a Educação se aproxima, porque tem várias ligações, tipo, eu trabalho na Educação, né? Então seria a oportunidade de fazer uma ponte entre a Biblioteconomia e a Educação com esse mestrado (MARCELA).

Questionei então por que ela ainda não havia feito alguma especialização na área da Educação ou mesmo em Biblioteconomia, pois algumas faculdades têm oferecido cursos *lato sensu* especificamente para bibliotecários e pessoas que atuam na área. Marcela justificou que ela não se sentiu tão estimulada em tentar, pois esses cursos normalmente são à noite ou nos fins de semana, e nesses momentos a sua prioridade continua sendo dedicar-se à família, à igreja e ao seu lazer, mas disse que, de 2013 em diante, esse pensamento havia mudado.

Agora que eu to com muita vontade de fazer, de continuar estudando. Eu tinha estudado na UFES quase nove anos direto por causa dos dois cursos de graduação que eu fiz, eu tava enjoada da vida acadêmica sabe! Ninguém merece fazer um curso seguido do outro (MARCELA).

Diante desses empecilhos iniciais, perguntei qual motivo havia feito com que ela mudasse de ideia com relação a investir em seu tempo e se dedicar à realização de uma pós-graduação, principalmente o mestrado, que demanda uma dedicação muitas vezes exclusiva desde a preparação para a seleção até sua realização quando aprovado.

Tudo começou, sabe com que? Com a questão de um aluno de doutorado de Educação da UFES fazendo a pesquisa dele aqui. Ele começou a vir, e eu nunca registrava nada que eu fazia, ia lá, tinha a ideia, fazia e pronto. Aí eu comecei a relatar minhas atividades pra ele. Depois veio esse negócio do prêmio Karol Khulthau, não sei da onde eu fiquei sabendo, acho que foi em um boletim do CRB que veio por email. Aí eu entrei pra ver os critérios, e eu disse: Eu acho que me enquadro nesses critérios aqui. Mas tinha que fazer um relato de experiência pra concorrer. Eu fiz e mandei o relato de experiência e fui contemplada, a primeira colocada na minha categoria no país inteiro. Então me deu vontade de sistematizar de alguma forma essas coisas, e acho que o mestrado vai ser importante para eu conseguir realizar essa vontade, porque eu vejo que tem muitos colegas que tem

dificuldades de lidar com essa parte pedagógica, resistindo ao trabalho de ir ao encontro das crianças (MARCELA).

Aliada a uma relativa deficiência na formação apontada por Marcela, ela nos destacou que sua falta de experiência na biblioteca escolar e os desafios enfrentados, ao iniciar seu primeiro trabalho na biblioteca escolar, foram muitos, pois até então se sentia não pertencente àquele contexto.

A minha colega que trabalhava lá [no Colégio Alternativo] era muito criativa e as crianças gostavam muito dela, e eu sofri muito no começo, porque as crianças falavam muito dela. As pessoas toda hora falavam da saudade que tinham dela, então eu precisava fazer alguma coisa para compensar aquela ausência e também achar um lugar pra mim na vida da escola. Aí eu sentei lá, olhei pro acervo e comecei a pensar o que eu tinha de diferencial pra poder me ajudar. Aí eu disse, ah, tem a música que já está na minha vida há muito tempo, eu estudei música, já tocava na igreja e isso estava muito forte na minha vida. Aí comecei a folhear uns trabalhos que eu tinha feito na UFES envolvendo a música na disciplina de Ação Cultural, quando eu tentei já naquela época juntar música e poesia. Eu tinha esse negócio em mente, aí comecei a ‘futucar’ o acervo pra pensar o que eu podia fazer, tipo poesia com *hip-hop*, sei lá, e comecei a pensar nisso. Aí eu achei o livro ‘Se eu fosse aquilo’ uma antologia de Ricardo Azevedo que tem aquele poema “Aula de leitura”. E o poema dizia que a leitura é muito mais que decifrar palavras, vai falando um monte de coisas do que é ler o mundo, de ler as folhas do chão, ler o céu, ler o mar. Aí eu compus uma música, botei nesse poema e fui trabalhar com música com as crianças. Músicas infantis, de roda, populares também, eles tinham um projeto sobre a paz e acabou que a ideia da musiquinha deu certo. Aí fui começando a fazer as coisas e a conquistar meu espaço na escola e deu certo (MARCELA).

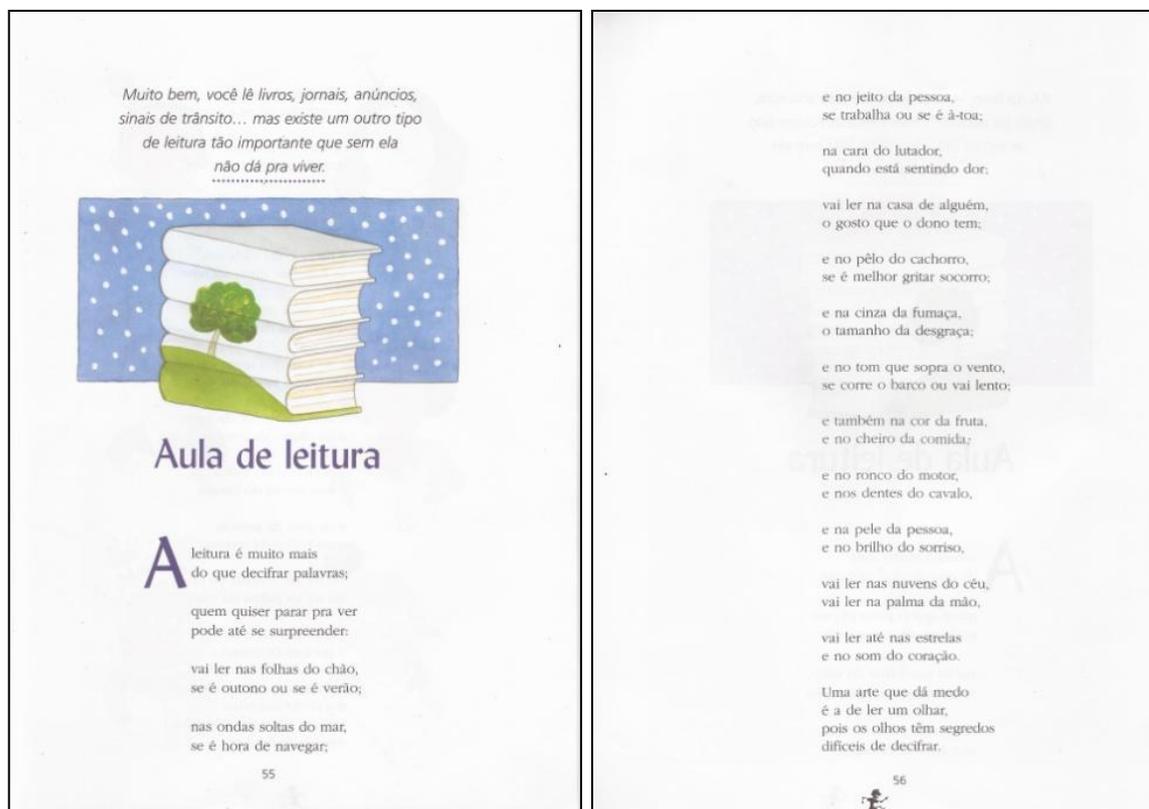
Ainda assim, as comparações e novidades não foram barreiras intransponíveis à Marcela, mas estímulos para superar novos desafios lançando mão de táticas que foram sendo determinadas pela ausência de um próprio e apontando “[...] uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 1994, p. 102).

Mais adiante questionei a Marcela se ela trabalhava com base em alguma perspectiva teórica. Para minha surpresa, ela trouxe uma fala bem instigante, remetendo-se ao poema “Aula de leitura”, que se encontra no livro “Se eu fosse aquilo”, do escritor Ricardo Azevedo.

Olha, eu não sei se seria uma perspectiva teórica, mas esse poema é pra mim uma perspectiva poética, o ‘Aula de leitura’. É bem marcante pra mim porque quando eu procurei um livro pra trabalhar naquela escola lá, eu achei esse livro que fala de leitura de mundo, que tudo é leitura. Às vezes eu trabalho com os alunos esse poema. Nós vamos fazendo um monte de tipos de leituras que não são tão comuns assim. Então surge um monte de coisas a partir do mundo da leitura, e não só a leitura decifrada. Se esse poema puder contar como uma perspectiva teórica, eu te digo que seria ele (MARCELA).

Diante da importância que esse poema tem para a vida profissional de Marcela, nada mais justo que o apresentemos aqui, para que, de alguma forma, também nos deixemos tocar por esse texto (Foto 2).

Foto 2 – Poema “Aula de Leitura”, de Ricardo de Azevedo



Ao realizarmos uma análise inicial desse texto de Ricardo Azevedo, podemos pensar na preocupação principal de Marcela em trabalhar com a leitura, na realidade, com uma diversidade de leituras que podemos fazer no dia a dia, não exclusivamente uma leitura decifradora de palavras, conforme nos diz Marcela, mas também leituras daquilo que nos circunda em nosso cotidiano, muito mais do que palavras, mas acontecimentos que por vezes nos causam surpresas indescritíveis. Os sinais da natureza, o conhecimento do sujeito simples, as ações e reações, as preferências de cada um, os instintos dos animais, os sentimentos mais singelos, enfim, é essa leitura ampla que parece mover o trabalho dessa bibliotecária.

Eu acho que a principal função da biblioteca escolar é ser uma mediadora da leitura na escola, eu acho que o bibliotecário tem esse papel, não adianta ele correr. Na verdade eu acho que na escola quem ensina a usar a biblioteca é o bibliotecário. E no meio em que você ensina a usar a biblioteca, você tem esse papel importante de mediação da leitura. Nem que você às vezes não trabalhe com o aluno direto, mas pelo menos por meio do professor, ou indicar pra ele como se faz alguma pesquisa, indicar as leituras. Eu não pretendo abrir mão de contar história, porque é uma forma interessante de incentivar, e eu não vejo outra forma mais interessante pra criança

pequena de chamar atenção pro livro do que ler ou contar história pra elas. No mínimo ler em voz alta, eu não digo ter que contar a história teatralmente, porque eu quase não faço isso, nem faço tão bem porque eu falo muito rápido, mas de ler pra eles, ou no mínimo dizer: “Olha gente essa coleção é muito boa!” De falar que tem pra eles, onde que está. Essa mediação da leitura pelo bibliotecário na escola é fundamental. Então tudo na leitura é pra ele ter prazer, a leitura fruição que estão chamando agora. Porque se ele está lendo um livro infantil, ele pode ter interesse depois por qualquer tipo de leitura, porque ele já vai estar com gosto de ler. O meu foco é a leitura, é a partir da leitura que as coisas vão se encaminhando (MARCELA).

A dedicação de Marcela com relação à leitura vai ao encontro das questões trazidas por nós por meio dos autores com que buscamos dialogar em nossa pesquisa. Ao se referir à diversidade de leituras com base no texto de Ricardo Azevedo, Marcela dialoga diretamente com Paulo Freire (1989), que nos fala sobre a potencialidade de a biblioteca nos conduzir à interpretação crítica da leitura e, por conseguinte, à conscientização que pode apontar elementos para a mudança da realidade em que estamos inseridos.

Como observamos em Campello (2003), até a década de 1960 havia uma relativa inconsistência dos estudos sobre a importância da leitura nos trabalhos por ela analisados. Até então eram apresentadas apenas relações de atividades que poderiam ser feitas nas bibliotecas com o intuito de incentivar a leitura, e não discussões mais aprofundadas sobre esse tema. Somente a partir da década de 1980, iniciam-se discussões mais complexas sobre a leitura, analisando, por exemplo, os resultados obtidos da prática de leituras impositivas em detrimento à liberdade de escolhas do que se pretende ler.

Considerando o estado do conhecimento sobre a Biblioteconomia Escolar no Brasil, observamos que, entre as categorias temáticas por nós estabelecidas, aquela que obteve maior quantidade de trabalhos publicados foi a *leitura*. Dos 92 trabalhos apresentados sobre biblioteca escolar ao longo de dez anos de realização do CBBDD que analisamos, 19 se dedicaram a analisar a leitura na biblioteca escolar, principalmente no que diz respeito ao seu incentivo por meio de 12 relatos de experiências realizadas por bibliotecários escolares.

A maioria desses relatos se dedicou a socializar ações que obtiveram resultados positivos no que diz respeito à ampliação do gosto pela leitura, lançando mão de atividades, como saraus literários, feiras de livros, além de atividades que, em geral, trabalham com as crianças no aspecto lúdico.

Além do papel de incentivar a leitura, enfaticamente destacado por Marcela, ela discorre sobre a necessidade de o bibliotecário assumir seu trabalho pedagógico na escola. Esse

posicionamento se caracteriza para nós como uma crítica àqueles bibliotecários que saem na defesa de que devem exercer primordialmente atividades consideradas técnicas do fazer bibliotecário e compreendem que as atividades pedagógicas são secundárias ou não são de sua responsabilidade.

Sabe o que alguns professores falam? Que se fosse outro funcionário qualquer trabalhando nas bibliotecas seria melhor do que alguns bibliotecários. Não dá pra ter um extremo de querer que a gente faça só serviço técnico, nem só de contar história, nenhum extremo é bom. Tem que chegar num equilíbrio, eu não posso dizer que não vou me relacionar com a criança na biblioteca porque não tem como gente! Eu conto história mesmo, porque atrai a criança pra leitura, a criança quer ver o livro que eu conto ou leio, porque elas voltam sempre e perguntam do livro e levam pra ler na mesa ou em casa, e isso acontece porque eu li pra eles, e se eu li pra eles é porque eu gostei e eles querem gostar também (MARCELA).

Esse entrelugar em que a biblioteca escolar se encontra, e, conseqüentemente, os bibliotecários que nela atuam, é discutido por Wagner (2009) no estudo que analisou a caracterização da biblioteca escolar como setor ora administrativo, ora pedagógico. A autora deixa claro que a finalidade principal desse espaço e dos sujeitos que nele atuam está diretamente relacionada aos fazeres educativos e culturais e que as atividades designadas como administrativas e técnicas são consideradas meio.

Nesse contexto, surgem ainda outras questões também apontadas por Wagner (2009), como a falta de habilidade das equipes em lidar com crianças, adolescentes e jovens, a desatenção ao bibliotecário que atua no meio escolar deixando-o excluído de reuniões pedagógicas ou discussão do Projeto Político-Pedagógico, a não contemplação desse profissional dentro dos direitos trabalhistas conquistados pelo magistério (ainda que se exija desse sujeito uma atuação educativa) e outros fatores que culminam no desestímulo à sua atuação numa perspectiva mais pedagógica que técnico-administrativa.

Com base nas falas de Marcela, iniciamos nossa pesquisa com a clareza de que seu foco de atuação está voltado para o incentivo à leitura dos alunos de sua escola.

No dia a dia, o que mais ocupa meu tempo é o trabalho com os alunos. Eu não sou assim, muito rigorosa com o processamento técnico sabe? Você tá vendo aqui, eu me importo mais em fazer as crianças lerem! Fico mais no dia a dia com os projetos que eu faço com as crianças de 1ª a 4ª série. É o agendamento que eu tenho, quando eu faço as atividades com eles (MARCELA).

#### 4.3 FAZERES COTIDIANOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA EMEF ABL

Adentrar o cotidiano de uma escola é um dos principais desafios à realização de uma pesquisa no campo da educação, uma vez que lá nos encontramos com o desejo de pesquisar e conhecer um problema que nos motivou a investigar os acontecimentos daquele espaço e de seus sujeitos praticantes.

Foi mediante observações, entrevistas, depoimentos, registro de imagens, sons e outros elementos que buscamos compreender mais proximamente como se expressam os fazeres de uma bibliotecária escolar em suas práticas singulares no interior da escola, nas relações com os professores e alunos e nas atividades formativas realizadas na escola ou oferecidas pela SEME. Obviamente não tivemos a pretensão de trazer aqui a totalidade dessas práticas, uma vez que as analisamos com base em um recorte temporal relativamente curto se comparado à amplitude e riqueza de acontecimentos que lá se produzem.

Dedicamo-nos a compreender os acontecimentos que vivenciamos ao longo de aproximadamente três meses naquele espaço, tramando-os aos autores que adotamos como nossos interlocutores, e com o estado do conhecimento sobre biblioteca escolar que apresentamos anteriormente à realização da pesquisa de campo. Não comparamos teoria e prática, pois acreditamos que elas são indissociáveis, mas às inter-relacionamos em seus encontros e desencontros.

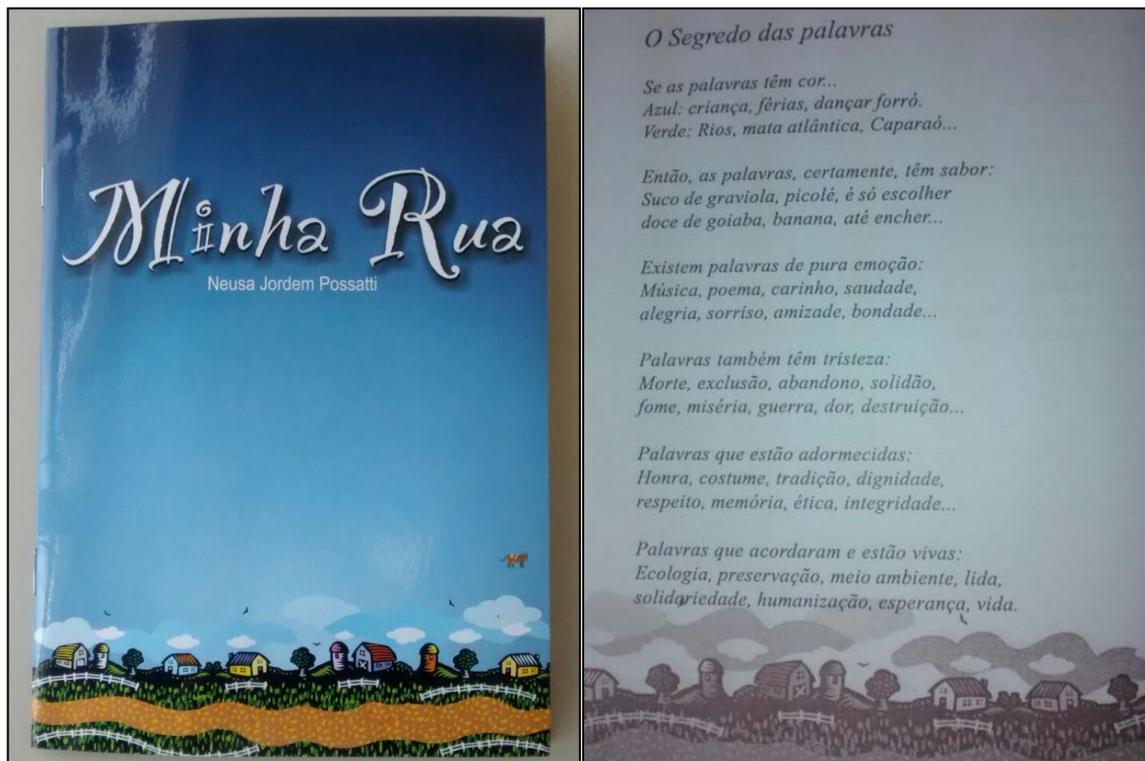
Nossa trajetória de pesquisa pretende trabalhar com eixos temáticos que surgiram do campo, sem com isso abandonar as categorias que estabelecemos anteriormente na elaboração do estado do conhecimento sobre biblioteca escolar. Assim, com base nas categorias que emergiram da pesquisa bibliográfica e das análises dos dados oriundos da pesquisa de campo, permitimo-nos promover um diálogo entre elas.

##### **4.3.1 Poema “O Segredo das Palavras” e os acontecimentos por ele desencadeados**

Trazemos, nesta seção, as análises sobre os acontecimentos desencadeados com base nas atividades realizadas pela bibliotecária Marcela junto aos alunos do 1.º ao 5.º ano, com o

poema “O Segredo das Palavras”, que faz parte do livro “Minha Rua”, da escritora capixaba Neusa Jordem Possatti (Foto 3).

Foto 3 – Capa do livro “Minha Rua”, de Neusa Jordem Possatti e o poema “O Segredo das Palavras”



Destacamos a metodologia específica dessa atividade, pois ela foi realizada com diversas turmas e por meio dela se desencadearam situações que vamos analisar, como a interação da bibliotecária com os alunos, a participação dos professores no seu planejamento e desenvolvimento, a continuidade em sala de aula das atividades deflagradas na biblioteca e outras questões que emergiram desses encontros.

A proposta do trabalho com esse material surgiu em virtude de uma aquisição feita pelo diretor da escola de alguns títulos de literatura da escritora Neusa Jordem Possatti. Em contrapartida à aquisição desses títulos, a autora se dispôs a fazer uma série de atividades de formação com a equipe da escola, lançamento de livros, bate-papo com os alunos e outras atividades que a escola organizaria com base nos seus livros.

Em razão disso, Marcela planejou uma proposta de trabalho para ser desenvolvida com alguns livros da autora, principalmente este que ora apresentamos. Além de Marcela, alguns professores, principalmente do 1.º ao 5.º ano, realizaram outras dinâmicas a que não tivemos

acesso, pois foram realizadas no interior das salas de aula. Nesses casos, a contribuição da biblioteca se restringiu à disponibilização dos livros.

A atividade desenvolvida por Marcela consistiu em levar as turmas à biblioteca, na companhia do professor regente, onde se realizava a leitura dialogada do poema e simultaneamente se estimulava que as crianças socializassem outras palavras que se relacionassem às sensações evocadas em cada verso do texto. Foram trabalhados termos que se remetiam a sabores, cores, alegrias, palavras adormecidas, palavras vivas, entre outros.

Para cada grupo de alunos, Marcela distribuiu cartões em que estavam escritos versos diferentes do poema, e caberia às crianças escrever, em cartões em branco, outras palavras que se remetessem à mesma sensação trazida por aquele verso do poema.

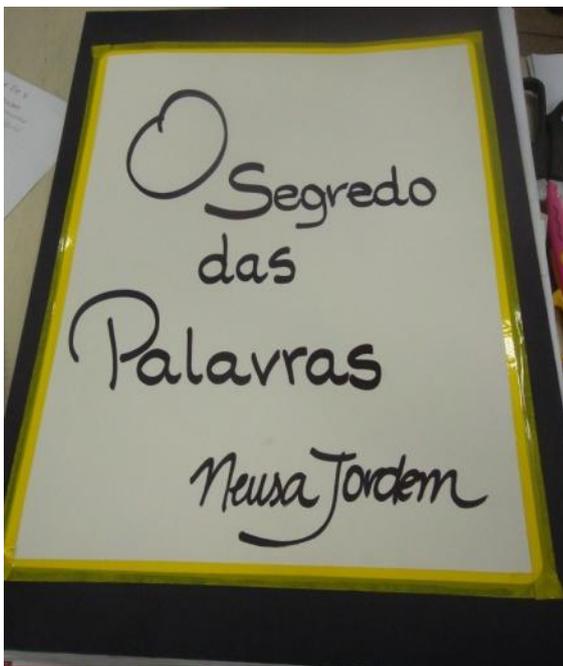
Foto 4 – Atividade com o poema “O Segredo das Palavras”



“O Segredo das Palavras” é um texto que propõe a reflexão sobre os diferentes sentidos que as palavras podem possuir. Portanto, há uma clara ligação entre a temática desse poema e o “Aula de Litura”, de Ricardo Azevedo, a que Marcela se refere como seu referencial poético, visto que Azevedo faz uma analogia à diversidade de leituras, não somente leitura de palavras, mas de mundo, sentimentos, sensações, reações. Possatti trata da diversidade de sentidos não convencionais que a palavra pode possuir. Observamos que Marcela encara a leitura como algo que realmente cria asas e transita pela imensidão de trilhas da nossa imaginação, o que pode se caracterizar como um modo de provocar e motivar a leitura na biblioteca.

Essa mesma atividade foi realizada com a maioria das turmas do 1.º ao 5.º ano dos dois turnos e após sua conclusão, esses cartões seriam reunidos num grande “livrão” montado por Marcela, o qual seria entregue como um presente à escritora Neusa Jordem Possatti.

Foto 5 – Produção do “livrão” com as produções feitas pelos alunos



Ainda que a culminância da atividade seja muito importante, não nos ativamos prioritariamente ao produto gerado pela atividade, e sim aos processos desencadeados por ela ao longo do seu desenvolvimento.

#### *4.3.1.1 Parcerias com os professores mediante “O Segredo das Palavras”*

O trabalho com o poema “O Segredo das Palavras”, de Neusa Jordem Possatti, foi o que se estendeu por mais tempo no período em que estivemos vivenciando as atividades realizadas por Marcela. Por esse motivo, apoiados observação desses movimentos, adotamos esse trabalho como o principal recurso para analisarmos como se dá o estabelecimento do trabalho colaborativo entre bibliotecário e professor e outros acontecimentos que nos chamaram a atenção.

No que tange ao processo de colaboração, Roca (2012, p. 19) afirma que praticamente ninguém ousa questionar “[...] a asserção que diz que a biblioteca escolar deve conceituar-se como um recurso educacional, porque é uma evidência que argumenta seu desenvolvimento”. Analisando as *Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2005), podemos observar que existem iniciativas que indicam uma perspectiva da necessidade de estabelecer vínculos da biblioteca à prática educacional, o que demanda um processo de integração permanente entre bibliotecários e professores. No entanto, na maioria dos encontros dessa atividade, percebemos que os professores regentes das turmas se mantinham presentes na biblioteca, mas participando de maneira discreta ou se eximindo de qualquer participação mais integradora.

No dia 17 de setembro, cheguei à escola por volta de 8h20min, e, no instante que adentrei a biblioteca, Marcela já havia iniciado a atividade com os alunos do 1.º ano da *Professora A*. Nesse dia, a turma estava com 25 alunos presentes, distribuídos nas cinco mesas da biblioteca.

Depois de Marcela ter lido o poema e encaminhado os alunos para a produção das palavras nos seus cartões, a *Professora A* passou a circular entre as mesas dos alunos auxiliando-os com toda a atenção. Mesmo com essa colaboração, Marcela era seguidamente solicitada pelos alunos para que os auxiliasse na realização do trabalho proposto.

No desenvolvimento dessa atividade, fica bem claro que a principal referência das crianças naquele momento era a bibliotecária, o que me mostra que este sujeito pode ser sim um protagonista das atividades, não deixando de ser bibliotecário ou passando a ser professor, mas sim um profissional que exerce a docência em espaços-tempos diferentes da sala de aula, como por exemplo, a biblioteca (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE SETEMBRO DE 2014).

Mesmo percebendo que Marcela dedica toda atenção às crianças, ela comenta que essa parte da atividade é a mais cansativa para ela, pois a maioria dos alunos do 1.º ano ainda não sabe escrever ou não tem autonomia na escrita, por isso pedem sua ajuda, e que para ela fazer isso, sozinha, é muito complicado.

No dia 18 de setembro, cheguei à escola às 13h, pois Marcela fez questão que eu acompanhasse o desenvolvimento de uma atividade que ela realizaria com outra turma do 1.º ano da *Professora B*, que, segundo Marcela, era uma das que mais davam sinais de aproveitamento das atividades realizadas na biblioteca, seja colaborando ativamente no seu

transcurso, seja dando continuidade em sala de aula aos trabalhos iniciados por Marcela na biblioteca.

Acomodada a turma às mesas, é iniciada a atividade com o poema “O Segredo das Palavras” seguindo a mesma dinâmica desenvolvida nos outros encontros com os alunos. A principal diferença que percebi nesse momento foi a participação ativa da *Professora B*, que estava ali vivenciando aquela experiência intensamente como seus alunos.

Enquanto Marcela falava sobre o poema e das sensações que as palavras traziam, ela sempre se remetia à autora. Nesse momento, a *Professora B* interveio e pediu que Marcela falasse um pouco sobre a autora do poema e sua biografia.

Marcela ao invés de aproveitar o momento e promover sua integração à professora e à turma mais intensamente responde que não conhece a história da escritora. Nessa hora não resisto e interfiro dizendo que na quarta capa do livro tinha a biografia da autora e me proponho a lê-la para as crianças. Procuro fazer essa narração de forma tranquila e pausada e até mesmo adaptando alguns termos para melhor entendimento das crianças (DIÁRIO DE PESQUISA, 18 DE SETEMBRO DE 2014).

Como na biografia da autora, ela destaca seu gosto pelo perfume e beleza das flores, das características da cidade onde nasceu, entre outras informações. A *Professora B* tenta puxar um fio dessa história para tentar construir com as crianças como seriam esses cenários indicados pela autora em sua biografia.

Ficou claro quanto a professora se envolveu ativamente no processo, empolgando-se e empolgando as crianças numa atividade que inicialmente parecia simples, mas que, no seu desenvolver, adquiriu um grande potencial de outras abordagens que poderiam ser realizadas por meio dela. À medida que Marcela perguntava às crianças quais palavras lhes faziam lembrar as cores, cheiros, sabores, a *Professora B* ia interligando às outras situações que me pareciam ter acontecido em sala de aula anteriormente (Foto 6).

Foto 6 – Atividade realizada com a turma do 1.º ano vespertino



Enquanto os alunos faziam seus cartões, perguntei a Marcela se ela havia falado com a professora antes sobre a dinâmica daquela atividade, e constatei que nada havia sido conversado previamente.

Esses acontecimentos me fizeram refletir como não poderia ter sido essa atividade se professora e bibliotecária tivessem a pensado previamente em conjunto. Se sem planejamento pude observar como a professora se envolveu e estimulou o envolvimento dos alunos, mesmo sem saber o que iria acontecer, imagino como não seria se elas tivessem sistematizado essa atividade juntas (DIÁRIO DE PESQUISA, 18 DE SETEMBRO DE 2014).

Após a conclusão da aula dessa turma na biblioteca, Marcela recolheu os cartões produzidos pelos alunos para posteriormente juntá-los aos demais cartões no livrão que seria montado. Na despedida, observei um diálogo bem interessante entre bibliotecária e professora:

\_ Vai ser difícil fazer eles [as crianças] pararem agora! Vou ter que continuar agora na sala de aula! Ela [a bibliotecária Marcela] botou fogo, agora vou ter que continuar com eles! Tá vendo só? Marcela muda meus planos todinhos. (*Professora B*)

\_ Então posso fazer um PL<sup>27</sup> com você? (Bibliotecária Marcela)

\_ Todos que você quiser! (*Professora B*)

(DIÁRIO DE PESQUISA, 18 DE SETEMBRO DE 2014)

Esse diálogo rápido entre Marcela e a *Professora B* deixou claro quanto é importante o trabalho conjunto entre esses dois sujeitos, independentemente de que ele seja promovido tanto na formalidade da hora do planejamento ou da reunião pedagógica quanto nas oportunidades que demandem esse diálogo mais próximo entre esses educadores.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> O termo PL significa planejamento.

<sup>28</sup> Infelizmente, o encontro de planejamento sugerido entre bibliotecária e professora não se concretizou no período em que estivemos na biblioteca.

Ao perceber que a professora realmente daria prosseguimento à atividade em sala de aula, pedi que me autorizasse a acompanhá-la para observar como ocorreria essa continuidade.

Ao chegar à sala do 1.º ano, a professora releu o poema inteiro e problematizou outras questões sugerindo aos alunos que, em vez de usarem cartões pequenos, deixassem a imaginação fluir por meio de desenhos que se relacionassem com as cores, sabores e cheiros, assim como constava no poema.

Ainda que a atividade desenvolvida em sala de aula tenha sido simples e criada numa tática momentânea, o que mais me instigou foi a possibilidade de concretização de integração entre professor e bibliotecário em torno de um tema e quanto a ausência de um trabalho conjunto despotencializa uma diversidade de situações.

Na tarde do dia 19 de setembro, às 13h50min, chegou à biblioteca a turma do 5.º ano com a *Professora C.* Inicialmente conversando sobre o perfil da turma e da professora, recordo que Marcela destacou alguns pontos importantes, como a rigidez na manutenção da disciplina dos alunos, e que, em razão disso, praticamente nunca havia problemas de comportamento com esses alunos na biblioteca.

Outro ponto que me chamou a atenção é que essa turma frequentava pouco a biblioteca sob a justificativa de que a professora precisava dar conta de uma quantidade muito grande de conteúdos, pois ela trabalha com a turma do 5.º ano, ou seja, no ano seguinte as crianças passarão para a segunda etapa do ensino fundamental, quando as disciplinas são divididas por componente curricular e o nível de exigência aumenta em virtude de uma relativa segmentação dos conteúdos.

Como podemos observar, a justificativa trazida para o despertencimento da biblioteca por parte da professora se faz em razão da necessidade de cumprir as prescrições de conteúdo do currículo. Sem defendermos uma perspectiva “conteudista”, acreditamos que se devem realizar ações em nível curricular previamente sistematizadas, não promovendo o uso passivo, mas parceria pedagógica entre esses atores (ROCA, 2012).

Mesmo diante dessas questões, observamos que, à medida que Marcela realizava a atividade com o poema “O Segredo das Palavras”, a professora se mantinha atenta a tudo e, muitas vezes, não só intervinha nas questões disciplinares dos alunos, mas também complementava

as explicações que Marcela fazia na apresentação do texto e no encaminhamento da produção dos cartões pelos alunos.

Outro fato marcante foi que essa turma também estava trabalhando com outros livros da escritora Neusa Jordem Possatti, e, à medida que Marcela conduzia a atividade, a professora fazia conexões com outros livros que haviam sido trabalhados em sala de aula.

Apesar de a integração entre sala de aula e biblioteca se manifestar nos momentos descritos, observamos que isso se dava sem sistematização no planejamento escolar entre Marcela e a professora. Acreditamos que, se houvesse um planejamento, o processo seria diferente e os objetivos poderiam ser mais bem alcançados.

Assim como nas demais turmas, ficou claro que não houve uma preparação ou envolvimento prévio entre a professora e a bibliotecária para a realização dessa atividade. Isso de certa maneira fez com que a professora tentasse intervir de alguma maneira, mas não era potencializada pela bibliotecária que pretendia dar continuidade ao que estava realizando e já planejado individualmente (DIÁRIO DE PESQUISA, 19 DE SETEMBRO).

Para Roca (2012), a atividade biblioteconômica precisa articular-se desde a diversidade de situações de aprendizagem que podem emergir das atividades programadas. Para que esse trabalho de parceria se consolide e que essa colaboração não passe simplesmente pela utilização de recursos materiais, mas que vise a um processo educativo, por parte tanto dos educadores quanto dos estudantes, é necessário

[...] que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo (FREIRE, 1989, p. 48).

Nas análises realizadas por Campello (2003), observamos, considerando-se um contexto histórico mais amplo, que houve um importante avanço nas discussões sobre a cooperação no trabalho realizado por bibliotecários e professores, o que, de certa forma, ainda não reflete integralmente na realidade vivenciada tanto na EMEF ABL quanto em várias outras escolas.

Ao final deste trabalho, percebemos que o quadro que Marcela havia desenhado quando falava previamente sobre essa turma, principalmente no que diz respeito à postura da professora, não correspondia à situação que vivenciamos naquele momento, ou seja, extrema participação e colaboração da professora. Questionamos então se, em outras oportunidades, a postura da professora com relação às atividades realizadas na biblioteca era a mesma, mas

Marcela afirmou que normalmente a principal preocupação que ela percebe é com relação à manutenção da disciplina e do silêncio.

Em 24 de setembro, às 13h10min chegamos à biblioteca e lá estavam os alunos do 8.º ano acompanhados da *Professora D.* Como Marcela normalmente não faz muitos atendimentos aos alunos do 6.º ao 9.º ano, pensei que aquela seria uma boa oportunidade de observar como seria sua dinâmica de trabalho com aquela faixa etária. Quando perguntamos o que seria desenvolvido, para nossa surpresa Marcela disse que o horário só estava agendado, mas ela não tinha nada para fazer com os alunos, e era a professora que iria realizar algum trabalho.

A professora pediu que os alunos se sentassem às mesas e perguntou à Marcela onde ficavam os livros de crônicas. Marcela, da própria cadeira em que estava sentada, apontou com o dedo. Não percebemos uma postura de insatisfação, mas ficou clara a diferença de postura de Marcela quando está trabalhando com os alunos menores. Talvez esse posicionamento tenha ocorrido justamente porque ela não tinha conhecimento do que iria ser feito e não ter sido envolvida no planejamento da atividade.

Localizados os livros de crônicas na estante, a própria professora os distribuiu aos alunos pedindo que eles escolhessem uma crônica em cada livro e fizessem uma sinopse dessa crônica. A maioria dos alunos estranhou, pois não sabia o que é uma sinopse. A professora fez uma rápida explicação fazendo analogia às capas de DVDs e completou-a com um breve roteiro de como deveria ser feita a atividade.

Fiquei de certa maneira incomodado com esse tipo de atividade sendo realizado numa biblioteca dinâmica como é a que Marcela procura promover. Observei essa atividade como dissonante se comparada àquelas que Marcela na maioria das vezes propõe estimulando o exercício de uma variedade de linguagens (DIÁRIO DE PESQUISA, 24 DE SETEMBRO).

Observando essa situação, ficamos a refletir se não seria uma oportunidade de problematizar com a professora a impressão que tive sobre o desinteresse dos alunos com relação à atividade proposta, mas preferi recuar e não intervir, pois não percebi que houve abertura para intervenção naquele momento, que poderia inclusive ser motivo de afastamento da professora da biblioteca para ocasiões futuras.

Esse encontro com a turma do 8.º ano ratificou, de certa forma, o discurso de Marcela já no momento da entrevista inicial, quando ela afirmou que não se identifica com essa idade. Mas como veremos mais adiante, na seção que trata sobre o “Sarau Geográfico”, em que as

atividades são previamente planejadas, a participação de Marcela foi extremamente ativa. Isso nos leva a pensar se a questão que impede sua atuação mais efetiva passa realmente pela falta de habilidades para lidar com os estudantes maiores ou se seria reflexo da falta de integração com os professores desse segmento.

Em 17 de outubro, por volta das 10h, Marcela estava no decorrer de uma atividade com os alunos do 4.º ano da *Professora E*. Imediatamente recordamos que, em nossa entrevista inicial, Marcela comentou que essa turma ia pouco à biblioteca, pois a professora justifica que tem diversas demandas a cumprir com os alunos e a saída da turma para a biblioteca compromete que os conteúdos programados sejam cumpridos no tempo previsto. Diante disso, a observação da atividade foi feita considerando principalmente essa questão.

Diferentemente das demais turmas do 1.º ao 5.º ano, não era Marcela quem conduzia a atividade, e sim a professora. Os alunos estavam todos sentados à mesa onde foram distribuídos livros paradidáticos e de referências que tratavam sobre animais. À medida que a professora circulava entre as mesas, ela pegava cada livro e fazia uma explicação sobre o animal que era tratado.

Interessante que na forma de apresentar os livros, a professora busca estimular os alunos a levarem o material emprestado para descobrir mais sobre eles e sobre o que o livro conta. Durante essa apresentação, a professora se dirige à Marcela apenas para perguntar se este ou aquele livro pode ser levado emprestado (DIÁRIO DE PESQUISA, 17 DE OUTUBRO).

Como nessa ocasião foi a professora quem conduziu toda a atividade, Marcela assumiu mais uma vez a postura de algumas professoras, quando é ela quem conduz os trabalhos, ou seja, sentada à mesa lendo o jornal e sem interagir com os alunos, salvo no momento de emprestar os livros.

Em 4 de novembro, por volta das 10h40min, logo depois de ter concluído uma atividade de música com alunos do 2.º ano que estavam sem professor e por isso foram à biblioteca acompanhados de duas estagiárias, chegaram os alunos de outra turma do 2.º ano com a *Professora I*, que estava previamente agendada. Marcela optou por fazer também uma atividade com música para aproveitar os equipamentos ligados.

Comparando o comportamento dessa turma com o da que foi à biblioteca anteriormente, ela teve um comportamento bem mais tranquilo, pois estava acompanhada da professora regente, que é referência para os alunos. Já a turma anterior como estava acompanhada das estagiárias,

teve um comportamento bem mais agitado. Diante disso Marcela confirmou nossa impressão e comentou: “Tá vendo, a diferença de quando vem a turma com a professora?”

Percebo que Marcela pouco comenta sobre a ausência dos professores planejando junto com ela as atividades que serão realizadas, o que acaba fazendo com que suas atividades sejam por vezes desconectadas daquelas realizadas na sala de aula. Para Marcela, a presença do professor é importante como uma referência, principalmente de comportamento dos alunos (DIÁRIO DE PESQUISA, 4 DE NOVEMBRO DE 2014).

Diante desse conjunto de acontecimentos, observamos que o trabalho da bibliotecária Marcela se desenvolve, na maioria das vezes, de forma desarticulada da sala de aula e sem a efetiva participação dos professores, principalmente no que se refere ao planejamento. Apesar de esse fato não desqualificar toda a riqueza de atividades que se desenvolvem no espaço da biblioteca, acreditamos que, se houvesse um planejamento entre bibliotecária, pedagogos e professores, haveria um aproveitamento bem maior do que lá existe.

Diante das constatações dos fazeres de Marcela, remetemo-nos a Wagner e Souza (2013), que, em sua pesquisa, também observaram um distanciamento entre bibliotecários e pedagogos, anteriormente aos fazeres cotidianos da escola, mas no decurso do processo formativo desses profissionais na graduação. Ao analisarem o currículo dos cursos de Pedagogia e Biblioteconomia de três universidades federais, constataram que não há conexões entre seus currículos, o que, a nosso ver, é um importante fator para que exista essa dificuldade de colaboração mais efetiva entre esses atores.

Outros trabalhos também trouxeram à tona essa questão da falta de colaboração entre bibliotecários e professores, entre os quais destacamos o de Santos, Amaral e Passos (2005), que propõem a criação de uma biblioteca digital no cotidiano escolar e apontam a necessidade de estabelecer uma parceria permanente entre bibliotecários e professores, a fim de auxiliarem os estudantes a se apropriarem de metodologias de pesquisa utilizando as novas tecnologias da informação. Observamos que, no trabalho, os autores fizeram questão de destacar a necessidade de esses profissionais trabalharem em colaboração para que se alcancem os resultados esperados no projeto.

#### *4.3.1.2 Planejamentos e mediações realizados pela equipe pedagógica*

O distanciamento que, muitas vezes, observamos e até vivenciamos no que diz respeito à equipe pedagógica e à bibliotecária, ficou evidenciado também ao olhar dos professores com relação à equipe pedagógica.

Entendemos que o pedagogo tem como uma de suas funções orientar e acompanhar os educadores da escola no que diz respeito ao planejamento e implementação de suas atividades. Por compreendermos que o bibliotecário faz parte do grupo de educadores ou docentes da escola, seria de fundamental importância que o pedagogo realizasse esse trabalho para além dos professores, mas também com o bibliotecário da escola, proporcionando assim a integração entre esses sujeitos que, por muitas vezes, têm poucas oportunidades de se encontrarem para planejar em conjunto. No entanto, observamos, por meio da fala de Marcela e de alguns professores, que esse tipo de interação e suas diversas possibilidades não acontecem integralmente na EMEF ABL.

Da parte de Marcela, foi enfatizado que seu nome não é incluído em alguns documentos nem nas camisas dos alunos formandos, nos momentos dos informes do que vai acontecer durante a semana e em outras situações que poderiam ser consideradas simples, mas que nutrem um sentimento de isolamento em relação aos seus pares.

Isso pode ser também exemplificado quando fomos surpreendidos pela liberação dos alunos antes do horário de saída em virtude da realização de uma assembleia de professores que aconteceria em 24 de setembro. Questionei com Marcela como é que poderia ela não saber disso, pois naquele dia havia atividade marcada com uma das turmas que sairiam mais cedo.

Isso acontece sempre, eles sempre se esquecem de me dar os avisos. Eu acho que é porque eles devem falar na sala dos professores e como eu vou pouco lá, acabo ficando meio esquecida nessas horas. Pena que em algumas festinhas também acabo ficando de fora. Mas não me incomoda com isso não, faz parte [risos...] (MARCELA).

No decurso dos 21 dias em que estivemos presencialmente na escola, não observamos nenhum momento de reunião realizada entre a bibliotecária e pedagogos. Entendemos que tudo que se desenrolou nesse período ocorreu por iniciativa da bibliotecária ou dos professores, sem a mediação da equipe pedagógica.

Da parte dos professores, eles declararam que sentem falta de maior aproximação com a bibliotecária visando a um planejamento pedagógico. Apesar disso, foram uníssonos, ao reconhecerem a importância do trabalho de Marcela para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, conforme podemos observar nos depoimentos a seguir:

Não paramos pra fazer um planejamento juntas ainda. Eu acho que quando a gente parar pra fazer isso pode surgir umas coisas muito legais. Essa falta de planejamento acontece porque o trabalho dela não foi privilegiado. Como ela é muito boa acabou acostumando a escola mal. E acho que a parte pedagógica ainda não acordou pra fazer um movimento mais forte com essa biblioteca, já houve, mas agora tem um certo desânimo (PROFESSORA B)

Com a bibliotecária não existe planejamento. Com a pedagoga é muito raro, mas no geral não. As coisas que eu faço ficam por minha conta mesmo (PROFESSORA H).

O trabalho de Marcela aqui, perpassa por toda a escola, por isso não tem como nos poucos planejamentos que eu faço com a pedagoga não sair esses projetos, atividades e ideias que ela traz pra gente aqui. A gente tem pouco tempo pra planejar por conta das demandas. Mas todas as vezes que eu fiz minhas peças teatrais ou os projetos que ela desenvolve aqui, a gente consegue sentar e conversar. Não sentar assim um tempão, com um planejamento mais amplo, mas nós conversamos de acordo com que as coisas vão acontecendo, mas não é uma coisa contínua (PROFESSORA G).

A demanda da escola faz com que o trabalho pedagógico do pedagogo fique de lado. Eles fazem tudo, menos pedagógico. Eles nunca têm tempo, aí eu sei que ser pedagogo fica de lado, porque a demanda da escola deixa o trabalho pedagógico deles pra segundo plano (PROFESSORA I).

Observamos, nas análises desses processos de planejamento desenvolvidos na escola, que os fazeres informais comumente não transparecem nas análises convencionais (GONÇALVES, 1984). Se não existem tempos ou condições ideais para que essas atividades preparatórias ocorram mediadas pelos pedagogos, criam-se operações táticas como essas que relatamos para suprir astuciosamente essas carências.

#### **4.3.2 Processos desencadeados pelo “Sarau Geográfico”**

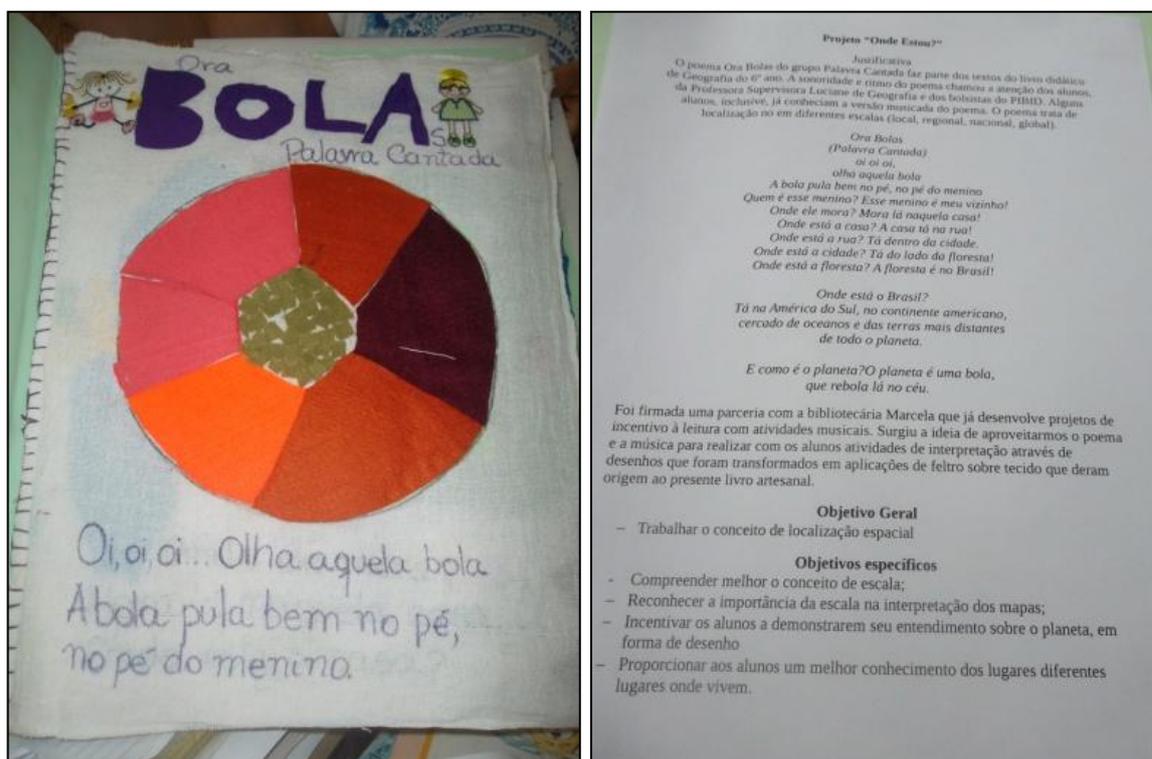
Nesta seção, apresentamos a atividade do Sarau Geográfico desenvolvido pela *Professora F* em parceria com a bibliotecária Marcela nos momentos de preparação, realização e apresentação de parte deste projeto.

Quando indagamos, na entrevista inicial, à Marcela como era sua relação com os demais membros da equipe técnico-pedagógica e com os professores, ela destacou as parcerias estabelecidas com a *Professora F* de Geografia do turno matutino como muito proveitosas. Analisando como se dá essa parceria, Marcela enfatizou que as demais professoras da escola também a procuram, mas de maneira bem esporádica e pontual. Mas normalmente a realização das atividades acontece por proposição de Marcela e se restringe aos horários em que as turmas estão agendadas para ir à biblioteca.

Já nas atividades com a *Professora F*, que anualmente realiza este projeto com a colaboração da bibliotecária, existe um planejamento em que a proposta de trabalho a ser realizado é debatida e são definidas as respectivas responsabilidades (Foto 7).

Tem uma [professora] de Geografia que a gente faz algum tipo de trabalho assim, é que ela é bem ativa. Ela aproveita a estrutura que ela tem e faz um monte de coisa legal. Então ela me pede ajuda pra participar de alguma coisa. Eu participei de um trabalho com ela a um tempo que foi um livro de pano. Ela usou esse livro aqui. Aí eu sentei junto com ela, escrevemos o projeto. Só que nesse trabalho eu não ajudei tanto na execução, eu fiquei mais aqui né. Eu ajudei mais a finalizar o livro pra ela, fiz a capa, a arte fina, vamos dizer assim. Foram os alunos que fizeram aqui na biblioteca. Ela faz todo um trabalho durante o ano e no final faz o sarau geográfico (MARCELA).

Foto 7 – Resultado da produção realizada pela bibliotecária e professora



Segundo Marcela, a primeira aproximação que houve entre ela e *Professora F* aconteceu na intenção de fazer na biblioteca um trabalho com ficha de leitura de livros de Geografia que ela trabalharia.

Mas eu não gosto de ficha de leitura, eu odeio. Mas ela queria fazer, aí eu falei: Então fazer uma ficha de leitura geográfica? O aluno tem que ler o livro e preencher a ficha numa perspectiva geográfica da coisa (MARCELA).

Nessa contraproposta, os alunos leriam um livro de literatura indicado pela professora e pela bibliotecária, mas também poderiam escolher outro que não esse indicado, e então fariam o preenchimento de uma ficha de leitura geográfica, abordando as questões de localização, espacialidade, clima, escalas e outras questões relacionadas à geografia.

Foto 8 – Ficha de leitura geográfica

**FICHA DE LEITURA GEOGRÁFICA**

Aluno Aluno de 5º ano Turma 5º A

Título do livro: Fico e contos de marinha

Autor: Yvonne Jordan Parrot

Personagem principal: Cyp

1) Descreva o lugar mostrado no livro e diga a sua localização:  
num campo de futebol

2) Qual a personagem que conhece melhor a geografia?  
F. Cyp

3) Identifique se o espaço é natural ou cultural:  
é um espaço cultural

4) De que forma ocorreu a ocupação do espaço?

5) Identifique na história fatores do tempo geológico ou histórico:  
é do tempo histórico

6) Faça um breve resumo da história:  
o livro trata de quando foi feita uma...

A intervenção da bibliotecária na transformação da ideia original da *Professora F* foi de fundamental importância para romper com o estilo de trabalho que, muitas vezes, se espera ser desenvolvido por meio da biblioteca, que são as tradicionais fichas de leitura que, nesse caso específico, tinham a finalidade de ser um recurso didático para a realização de uma pesquisa escolar tradicional.

Segundo Kuhlthau (2010), as estratégias didáticas tradicionais são extremamente prescritivas e impregnadas de detalhes que não fazem sentido para os estudantes, pois focam mais o aspecto mecânico do trabalho do que o processo de aprendizagem criativa. Quando se abre a possibilidade de escolha, como feito no trabalho da ficha de leitura geográfica, abre-se a possibilidade de os estudantes tomarem pertencimento dessa atividade.

Mediante esses contatos, um trabalho de parceria contínua se consolidou e, todos os anos, a biblioteca tem uma participação importante no projeto realizado pela *Professora F.* Em 2014 não foi diferente, o trabalho planejado que tivemos a oportunidade de acompanhar foi o “Sarau Geográfico”, que trabalhou com tema Espírito Santo. Dentro desse tema, Marcela ficou responsável por trabalhar com a literatura de cordel com os alunos do 6.º ano matutino.

Conversando com Marcela, previamente ao início das atividades com os alunos, perguntamos como estava planejado seu trabalho com a literatura de cordel. Marcela explicou que, dessa vez, não havia um projeto escrito, mas a intenção é que ela apresentasse aos alunos a estrutura de rimas do cordel. Depois disso, eles montariam estrofes sobre o Espírito Santo e, em seguida, cada aluno produziria as ilustrações utilizando uma técnica que imita os carimbos das xilogravuras, que são tradicionais desse tipo de literatura.

Aproveitando essa oportunidade e considerando que nosso planejamento inicial era o de realizarmos uma pesquisa colaborativa, sugerimos a Marcela que fizéssemos uma apresentação com os meninos ou então que levássemos algum convidado para apresentar gêneros parecidos com o cordel, como o repente, a embolada e outros que muitas vezes são confundidos, e assim seria uma oportunidade interessante de os alunos terem contato com outras manifestações folclóricas de origem similar à do cordel.

Mas sutilmente Marcela resistiu à sugestão, justificando:

Fazer esse tipo de coisa fica meio complicado devido ao tempo, às outras atividades que os alunos estão fazendo. Além disso, se a professora gostar da ideia, isso vai acabar caindo na minha responsabilidade, já que ela já está fazendo um monte de atividades para o sarau e eu sozinha não dou conta de fazer as coisas que já faço e ainda ficar com mais essa responsabilidade, entendeu? (MARCELA).

Nesse momento, preferimos recuar na tentativa de colaboração nas atividades, pois correríamos o risco de sermos inconvenientes ou então de interferir, de maneira muito incisiva, na dinâmica de trabalho de Marcela, o que acabaria influenciando na rotina normal de atividades que ela desenvolve na escola, as quais estávamos em busca de compreender.

O primeiro dia de atividade de Marcela com os alunos do 6.º ano no projeto do Sarau Geográfico foi 8 de outubro. Inicialmente estava programado para a atividade ser realizada na biblioteca, mas a professora pediu que Marcela fosse até a sala de aula e fizesse lá, que seria melhor. Marcela não hesitou nem reclamou, juntou seu material e foi para a sala do 6.º ano. Ao chegar à sala de aula, a *Professora F* fez a abertura da atividade com a seguinte fala:

Nós estamos com uma expectativa muito grande com esse trabalho. A Marcela, tudo que ela se propõe a fazer, ela faz sempre com muito carinho. Ela vai apresentar pra vocês um tipo de literatura chamada de cordel, que é típica da região Nordeste, e ela vai ensinar para vocês um tipo de pintura diferente que é usada pra ilustrar os livros de cordel, só que usando outros materiais.

Para dar suporte à atividade, Marcela utilizou o livro “Juvenal e o Dragão”, que traz uma detalhada e acessível explicação sobre o que é o cordel, sua origem, sua estrutura e vários exemplos desse tipo de literatura.

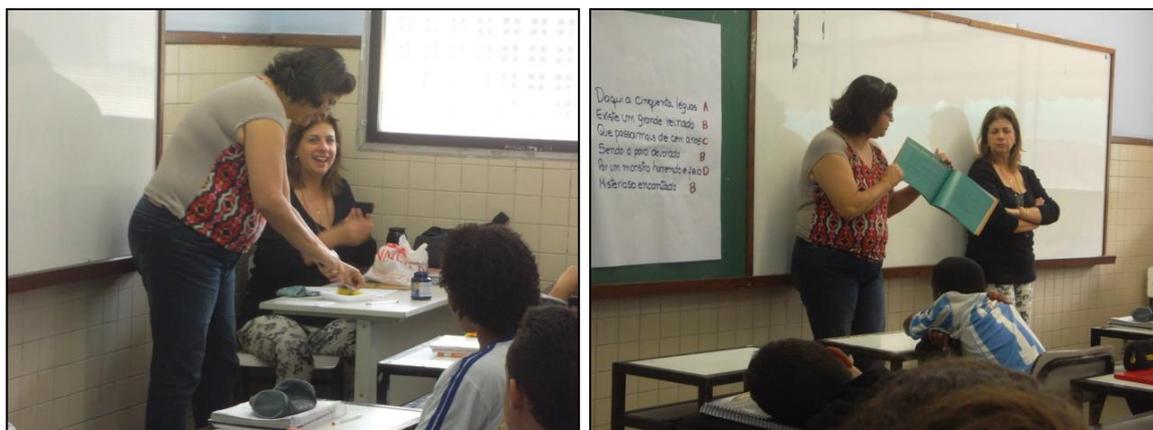
Depois de ler algumas explicações sobre o cordel e um trecho da história do livro, Marcela faz uma referência bem aligeirada sobre os repentes, emboladas e outras manifestações de origem nordestina, conforme havíamos sugerido anteriormente, o que, de alguma forma, nos mostrou que ela acolheu nossa sugestão.

Na segunda parte do trabalho, foi feita a explicação da proposta de como seria a criação dos cordéis para os alunos e o processo de produção das ilustrações inspiradas em xilogravuras (Foto 9).<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> A técnica das ilustrações consistia basicamente em utilizar o fundo de uma bandeja de isopor lisa, na qual se risca com o lápis o desenho que se pretende imprimir, fazendo com que haja uma espécie de depressão na superfície do isopor feita a lápis. Depois disso, passa-se um rolo de pintura umedecido em tinta de tecido sobre a superfície do isopor que, em seguida, será pressionado sobre a superfície do papel, imitando assim o uso de uma espécie de carimbo, assim como é feito na impressão das xilogravuras.

Foto 9 – Apresentação do trabalho com cordel e xilogravuras



Ao longo das semanas seguintes (22/10/2014, 29/10/2014 e 5/11/2014), a turma do 6.º ano foi à biblioteca acompanhada da professora para produzirem os cordéis sobre o Espírito Santo, os quais se basearam em lendas capixabas. Com a orientação da *Professora F* e Marcela, os alunos fizeram suas recriações e as transformaram em textos com uma estrutura de cordel.

Na maior parte dos momentos em que essa atividade foi desenvolvida, ficou clara a significativa participação de Marcela neste trabalho, evidenciando o lugar da bibliotecária na implementação desse projeto educacional nessa escola, especialmente pela relação de colaboração entre ela e a professora de Geografia (Foto 10).

Foto 10 – Trabalho em parceria, realizado pela bibliotecária e professora de Geografia



Ao final das atividades de 29 de outubro, quando os alunos já organizavam seus materiais para se retirarem da biblioteca, a *Professora F*, enquanto recolhia, com um ar de cansaço, seus pertences, reconheceu que a colaboração de Marcela era fundamental para que aquele trabalho fosse realizado.

Além da literatura de cordel, um grupo de alunos do 6.º ano que participava de um projeto social chamado João XXII, em que várias atividades são ofertadas aos jovens e adolescentes da rede pública, procurou Marcela para que ela os auxiliasse no ensaio da apresentação de uma música no dia da culminância do Sarau Geográfico.

Inicialmente não estava na programação essa apresentação, mas, sabendo das habilidades musicais de Marcela, a *Professora F* pediu sua ajuda para os ensaios (Foto 11).

A ideia inicial era que os alunos apresentassem o hino do Espírito Santo na abertura do Sarau, mas como nenhum deles sabia essa música, foi decidido que eles apresentariam a música Aleluia, pois a maioria dos alunos já sabia tocá-la. Mais uma vez tentei intervir sugerindo à Marcela que eles ensaiassem também alguma música relacionada ao tema do Sarau, mas Marcela justificou que não seria possível devido ao tempo restrito para montar um arranjo e ainda ensaiar com os alunos.

Foto 11 - Ensaio musical para apresentação no Sarau Geográfico



Mesmo que não tenha havido uma clara ligação entre a música apresentada e o tema do Sarau, cremos essa tenha sido mais uma importante oportunidade de percebermos a importância de Marcela na constituição das atividades realizadas pela professora de Geografia.

Durante o ensaio realizado com esses alunos em 30 de outubro, foi feito um intervalo para afinar um instrumento. Nessa parada, percebi que algumas alunas do 6.º ano olharam para um cartaz colado na janela da biblioteca onde estava escrito o poema “A Vaca e o Boi” e automaticamente começaram a cantar, lembrando quando elas iam à biblioteca com mais frequência para realizar esse tipo de atividade. Esse poema é um dos mais conhecidos pelos alunos, pois, em vez de ser lido, é cantado na batida do *hip-hop*, um estilo musical que se aproxima bastante da preferência de boa parte dos alunos.

Esse fato me mostra a relação de afetividade criada entre a bibliotecária e as alunas desde muito tempo e que permanece até hoje (DIÁRIO DE PESQUISA, 30 DE OUTUBRO DE 2014).

Marcela, quando percebeu a cena, olhou para mim e sorriu, indicando a satisfação pelos frutos colhidos do seu trabalho ao longo do tempo.

Essa é uma relação importante que precisa ser cultivada entre bibliotecário e alunos e que se estabelece com atividades como as que Marcela desenvolve, e não com atividades como o empréstimo de livros, processamento técnico e organização da biblioteca, que são essenciais a todas as unidades de informação, mas que, por si sós, não seriam capazes de promover encontros como esses que relatamos.

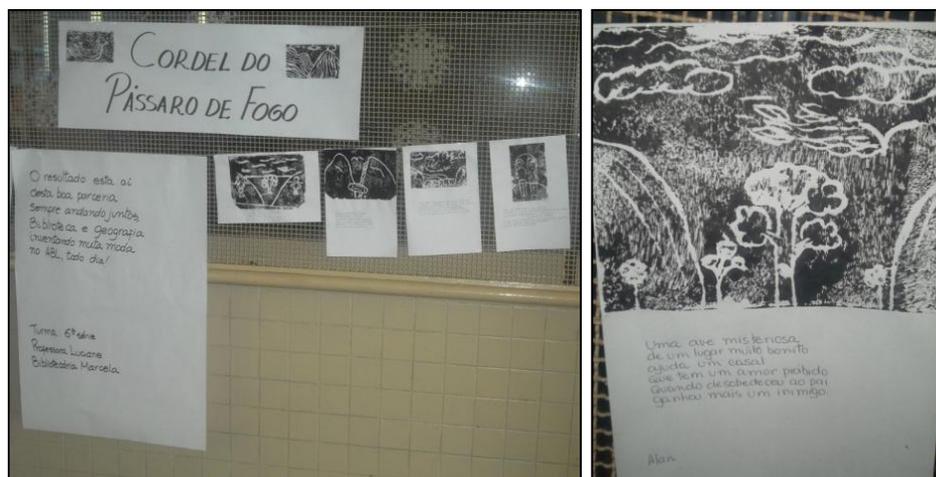
Enquanto finalizava o ensaio, alguns alunos do 4.º ano que estavam sem aula foram à biblioteca assistir ao ensaio, entre os quais uma menina esticava o pescoço tentando visualizar a partitura da música que estava sendo ensaiada. Ao final do ensaio, ela perguntou se Marcela não teria a partitura da música para lhe dar, porque ela gostaria de aprender para tocar na igreja. Podemos ver quanto o trabalho da biblioteca com essas diversas linguagens consegue atingir uma diversidade de interesses, mesmo que não haja um planejamento para esse fim, mas, graças à dinamicidade do trabalho, essas belezas se espalham.

Considerando as habilidades artísticas e musicais de Marcela e relacionando-as à sua afirmação sobre o processo de formação inicial do bibliotecário, que, a seu ver, não atende às necessidades para subsidiar a atuação do bibliotecário no contexto escolar, remetemo-nos à Campello (2009), que nos mostra algumas táticas desenvolvidas pelos bibliotecários para suprir as carências de sua formação inicial para atrair seus usuários para o espaço da biblioteca e da leitura.

Ele [o bibliotecário] investe em aspectos tais como, criação de ambiência acolhedora e em atividades de entretenimento (jogos, trabalhos manuais), visando a tornar o aluno leitor. [...] Procuram colaborar, utilizando os instrumentos de que dispõem (espaço da biblioteca, estratégias peculiares, flexibilidade de ação, coleção variada) e buscando aperfeiçoar seu conhecimento sobre o assunto, que não está presente no seu currículo de formação como bibliotecário (CAMPELLO, 2009, p. 166-167).

No dia da apresentação do Sarau Geográfico (Foto 12), observamos que Marcela se manteve bem discreta, limitando-se a montar no pátio em frente à biblioteca uma tenda com as produções dos cordéis e xilogravuras feitas pelos alunos do 6.º ano e a reger a apresentação musical dos alunos. No decurso das demais atividades, Marcela esteve mais como expectadora, mas auxiliando em algumas necessidades que surgiram ao longo da manhã.

Foto 12 – Exposição dos cordéis e xilogravuras no Sarau Geográfico



Nossa principal atenção nesse processo de observação se voltou não para a culminância dos trabalhos, mas para os tensionamentos do seu processo de desenvolvimento que nos revelaram as relações construídas entre bibliotecária, professores e estudantes.

Não esperamos que seja possível à bibliotecária estar intensamente em todos os momentos da escola, assim como estive no Sarau Geográfico; mas com isso apontamos que é possível estabelecer parcerias com os professores de maneira sistematizada e envolver diferentes atores. Isso ratifica a concepção que defendemos de que a biblioteca não seja apenas um local onde se realizam atividades ou onde existem à disposição recursos físicos ou materiais, mas um espaço vivo e dinâmico que, quando habitado e potencializado por sujeitos ativos, tem grande potencialidade de se configurar como um espaço de relações diversas da escola.

#### 4.3.3 O silêncio e o desafio da leitura silenciosa

Uma das grandes questões ainda presentes na maioria das bibliotecas é a exigência de um silêncio indelével, independentemente do tipo de biblioteca ou do público por ela atendido. cremos que essa postura de silenciamento necessita ser refletida com mais profundidade, principalmente em se tratando de bibliotecas escolares que deveriam nos remeter à vida, a sons, movimentos, aprendizagens e outros sentidos. Diante da importância que damos a esse

tema, trazemos, inclusive no início desta dissertação, uma discussão especificamente sobre esse assunto.

Por mais que tenhamos percebido nas falas e atitudes de Marcela a defesa do não silenciamento da biblioteca escolar, ainda há um relativo incômodo da bibliotecária com o barulho que as crianças produzem no decurso das atividades por ela dirigidas. Mesmo com isso, Marcela não se sente impedida ou desmotivada de realizar suas atividades utilizando esses recursos que exploram os ritmos e as sonoridades.

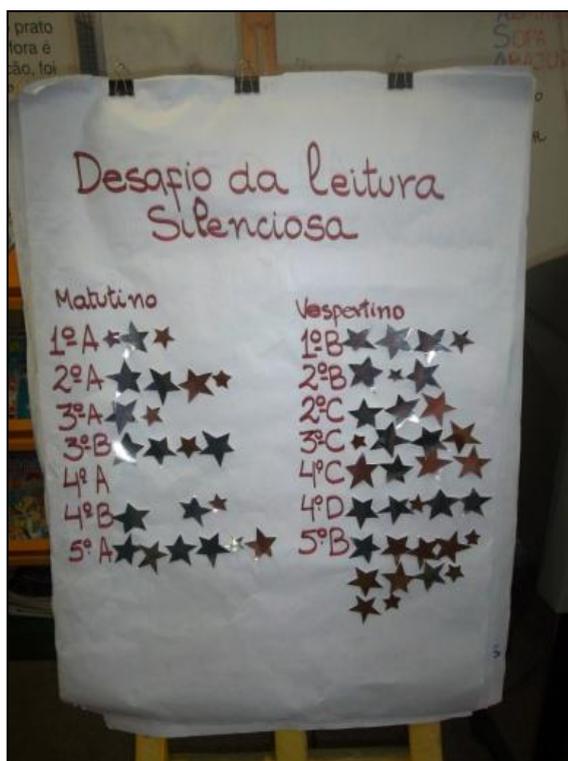
Talvez esse incômodo que tenho percebido da parte de Marcela no que diz respeito ao barulho, seja resquício de um perfil que a maioria das pessoas espera de bibliotecário, ou seja, um sujeito que tem a obrigação de manter o silêncio na biblioteca a todo custo para que se garanta um bom ambiente de estudo e o bom andamento das suas atividades (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE SETEMBRO DE 2014).

Não defendemos que a biblioteca se torne em um espaço onde tudo seja permitido, inclusive com barulho desmedido, tampouco esperávamos que a postura de Marcela fosse permissiva a esse ponto. Mas acreditamos que, de modo geral, toda atividade que envolva crianças pressupõe, sim, a interatividade e a energia peculiar a essa fase de descobertas que se manifesta por meio de conversas, músicas, ritmos, batucadas, brincadeiras, correrias.

Acreditamos que cabe ao bibliotecário a viabilização de momentos diversos, mas criando situações de silêncio, de descontração e de motivações para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva que desprivilegia o silêncio pelo silêncio, observamos uma dinâmica criada por Marcela que se chama “Desafio da Leitura Silenciosa”.

Ao término da maioria das atividades que Marcela realiza com as turmas atendidas por ela, é lançado aos alunos o desafio de ler em silêncio. Marcela distribui, em cada mesa, um quantitativo de livros de literatura mais curtos e cada aluno pode escolher um desses livros para que realize sua leitura silenciosa. No *flipchart* da biblioteca, foi afixado um painel simples no qual estão listadas todas as turmas do 1.º ao 5.º ano dos turnos matutino e vespertino e, à medida que o desafio é lançado à turma e os alunos conseguem manter o silêncio no tempo estabelecido por Marcela, esse grupo recebe uma estrela (Foto 13).

Foto 13 – Painel do desafio da leitura silenciosa



A cada trimestre é contabilizado o total de estrelas acumuladas por turma, e a que obteve mais estrelas em cada turno recebe alguma premiação.

Para Marcela essa atividade não visa o silêncio por si só, mas a tentativa de exercitar a concentração das crianças num momento mais íntimo com o livro. Obviamente o silêncio absoluto quase nunca se alcança, mas na opinião de Marcela esse exercício tem sido muito interessante e desafiador para ela e para os alunos (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE SETEMBRO DE 2014).

Além do objetivo de estimular nas crianças a concentração num momento de leitura silenciosa, percebi que Marcela também recorre a essa atividade como que se fosse uma “carta na manga”, ou seja, sempre que ela deseja que a turma se tranquilize um pouco mais ou quando a atividade que ela havia pensado termina antes do tempo planejado, ela lança o desafio da leitura silenciosa.

O interessante é que inicialmente poderíamos pensar que essa atividade seria encarada pelas crianças como nada agradável, pois elas precisam fazer silêncio e ler partes de um livro. No entanto, creio que, pelo fato de serem desafiadas a ficar em silêncio, todas as vezes que essa atividade foi proposta ao longo dos dias que estivemos na escola, as crianças comemoravam e se esforçavam ao máximo para concluí-la e receber a estrela. Além disso, por várias vezes, os próprios alunos pediam que o desafio fosse feito, antes mesmo de Marcela propô-lo.

Observando e analisando essa situação por diversas vezes, recordamo-nos de Certeau (1994).

Mas uma vez me remeti ao conceito cerтеаuniano de táticas, pois provavelmente não estava planejado por Marcela fazer o desafio da leitura silenciosa naquele momento, mas ela lançou mão de uma atividade chave de seu repertório para garantir o envolvimento das crianças enquanto se aguardava o soar do sinal de saída. O silêncio que muitas vezes é ordenado equivocadamente aos gritos pelas pessoas para se destacarem sobre o barulho, é conquistado por Marcela com um desafio lançado às crianças (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE SETEMBRO DE 2014).

Em 4 de novembro, uma turma do 3.º ano matutino estava sem professora e ficou sob a responsabilidade de duas estagiárias. Por volta de 10h, como era o horário agendado para essa turma ir à biblioteca, Marcela a recebeu. Como antes dessa turma foi feita a atividade do ensaio da música para ser apresentada no Sarau Geográfico, Marcela aproveitou novamente o equipamento montado para fazer uma sessão de músicas com esses alunos.

Ao entrarem na biblioteca, os alunos chegaram agitados e uma das estagiárias imediatamente repreendeu os alunos dizendo: “Aqui é uma biblioteca, lugar de silêncio!” Mas contraditoriamente não haveria silêncio ali, e sim muita música e ritmos.

Ao recuperarmos a etimologia da palavra biblioteca, observamos que seu significado é o seguinte: *biblion - théke*, ou seja, compartimento de guarda. Em razão dessa atribuição original, ainda hoje se reforça a perspectiva de que esta seja um lugar de aprisionamento, passividade, de tristeza e onde se deve imperar a cultura do silenciamento. Nóbrega (2011, p. 127-128) procura, em oposição a esse paradigma de petrificação da memória, discutir ações que transformem a biblioteca escolar em territórios de produção de sentidos, vida, mudança e movimentos e compara a biblioteca a uma cristaleira

[...] onde tudo pode ser visto, escolhido, tocado, usado, pois a cristaleira se diferencia de um baú, uma caixa fechada a sete chaves. Tal qual a cristaleira que atrai recordações - lembranças representadas, por exemplo pela última xícara do jogo de porcelana da avó, ou a vela enfeitada com laço de fita de cetim com a qual se dançou a valsa dos 15 anos -, nossas bibliotecas precisam ser também lugares [diríamos espaços] de convívio, que permitam a troca, a interlocução; onde a ambiência convide e, não, empurre o leitor para fora, para o nunca mais (NÓBREGA, 2011, p. 128).

A sedimentação da cultura do silêncio nas bibliotecas escolares ao nosso olhar afasta os seus usuários desse espaço, tendo em vista as barreiras que, em muitos casos, ainda são erguidas em razão de uma cultura passada, que já se transformou, mas que ainda vem sendo reproduzida nos dias atuais, conforme pudemos observar no posicionamento de alguns professores e estagiários da EMEF ABL, contrapondo-se às práticas de Marcela.

#### 4.3.4 Os usos da música na biblioteca escolar

A musicalidade é uma das principais marcas das atividades realizadas no dia a dia da biblioteca da EMEF ABL. Já na entrevista inicial desta pesquisa, Marcela nos relatou que, desde o seu primeiro trabalho como bibliotecária escolar, ela utiliza suas habilidades musicais para o incentivo à leitura com seus alunos.

Em nossos diálogos, Marcela relata que muitos dos alunos que estão no 9.º ano e estão prestes a sair da escola frequentaram a biblioteca e participaram das atividades que ela vem promovendo por meio da musicalidade. Ou seja, por mais que os alunos do 6.º ao 9.º ano não sejam mais contemplados sistematicamente com as atividades que Marcela realiza, anteriormente eles tiveram a oportunidade de vivenciá-las na primeira etapa do ensino fundamental e trazem consigo as impressões construídas naquela etapa.

Entre os vários ritmos utilizados por Marcela, o *hip-hop* feito com base em poemas e contos é o que mais se destaca e atrai a atenção dos alunos, por se tratar provavelmente de um estilo musical bem presente no dia a dia dos alunos, inclusive fora da escola.

Diante disso, pudemos perceber, em várias oportunidades, que realmente esses alunos dos anos finais sempre que vão à biblioteca se recordam da atividade com o *hip-hop*. Em 24 de setembro, a turma do 8.º ano vespertino foi à biblioteca para realizar uma atividade com crônicas promovida pela *Professora D*, e, não envolvidos na dinâmica proposta, ficaram de certa forma ociosos. No decorrer da atividade, percebemos que esse grupo de alunos cantava sussurrando o *hip-hop* produzido por Marcela com base no poema “O Beco da Lua”, do escritor Humberto Borém. O texto do poema estava fixado numa das janelas da biblioteca, num velho papel cenário, e, enquanto a professora não percebia a desatenção dos alunos, eles se divertiam cantando.

Nessa oportunidade veio uma vontade quase que incontrolável de estimular ou de participar da burla dos alunos, potencializando a memória que se ativou naquela hora em função de um certo “ôcio” e do velho cartaz colado na parede da biblioteca (DIÁRIO DE PESQUISA, 24 DE SETEMBRO).

A apropriação da música como uma atividade característica da biblioteca é bem clara quando convivemos no espaço da EMEF ABL e observamos que, a todo o tempo, ela surge por iniciativa dos alunos, e não somente mediados pela bibliotecária. Segundo Moraes, Valadares e Amorim (2013, p. 33), a musicalidade é inerente às nossas características, pois

O ritmo humano faz-se presente em sua produção artística, sendo claramente perceptível na música e na poesia. Enquanto na música e na canção ele pode ser detectado de modo claro nas combinações de sons e pausas, na poesia sua percepção requer do leitor uma atenção que o leva a comportar-se ao mesmo tempo como leitor e ouvinte em razão do caráter oral [...].

Em 25 de outubro, logo depois de ter concluído um ensaio com os alunos do 6.º ano para apresentação de uma música no Sarau Geográfico, chegou à biblioteca a turma do 3.º ano, que estava agendada previamente para aquele horário. Como o teclado estava sendo utilizado para o ensaio, Marcela lançou mão da tática de realizar um momento de canto com esses alunos.

Dirigindo-se ao *flipchart* onde está a maioria das músicas que ela utiliza, Marcela canta com os meninos algumas músicas, como Jardim da Fantasia, A Casa, músicas de Paulinho Pedra Azul, Vinícius de Moraes e várias outras que têm sua letra registrada no *flipchart* da biblioteca. A participação e a alegria das crianças naquele momento de descontração e aprendizado são claras e fluem de maneira descontraída.

Ao término das músicas, a atividade foi encerrada, pois já era horário da saída, mas os alunos reclamaram:

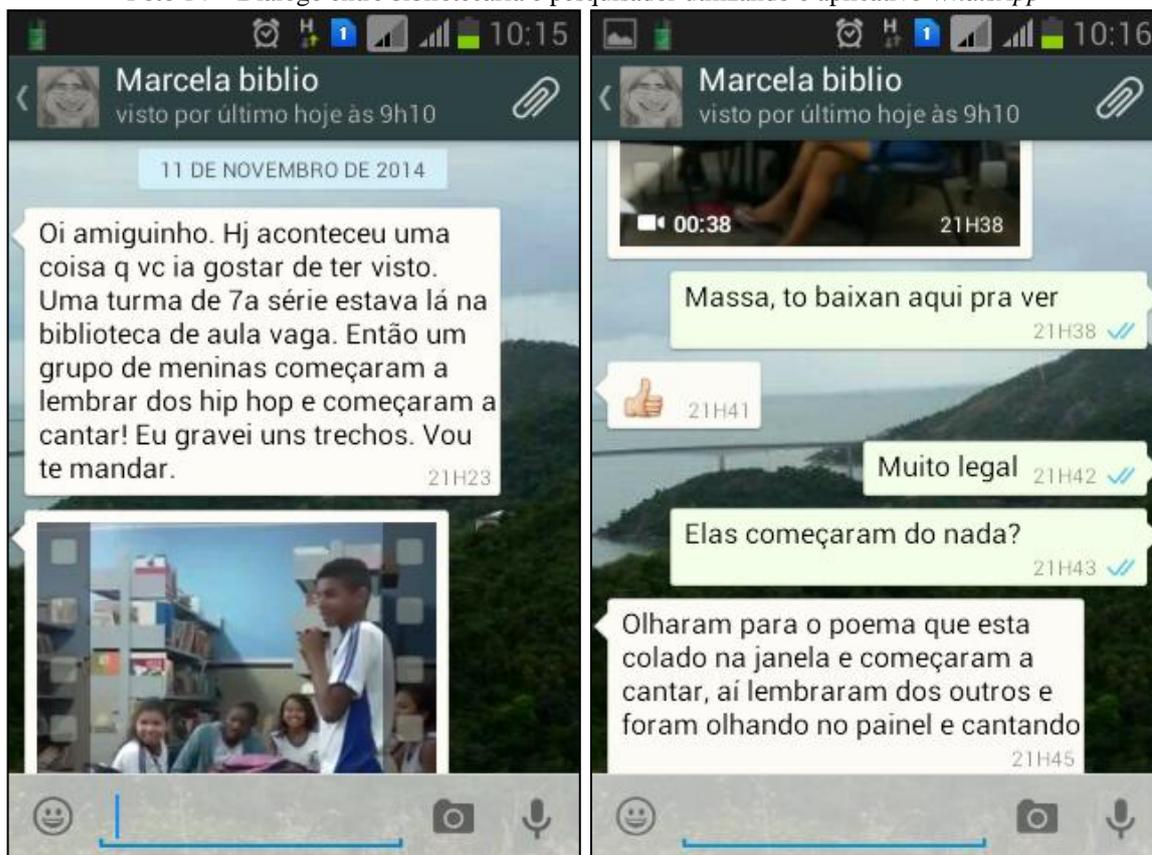
Poxa tia, estava tão legal!

A outra aula é tão chata!

(ALUNOS DO 3.º ANO MATUTINO)

Além dessas situações que apresentamos, um fato interessante que tem acontecido em razão da nossa pesquisa é o reconhecimento por parte da própria Marcela dessas manifestações dos alunos, não como um gesto de indisciplina, mas de criação e reflexo do trabalho desenvolvido por ela.

Em 11 de novembro, não estava programada nossa ida à escola para realização da pesquisa, mas, no meio da manhã, fomos surpreendidos com uma mensagem do aplicativo *WhatsApp* enviada por Marcela, conforme demonstramos na Foto 14.

Foto 14 – Diálogo entre bibliotecária e pesquisador utilizando o aplicativo *WhatsApp*

Como podemos observar um momento de “aula vaga” com alunos do 7.º ano que poderia ter-se tornado, de alguma maneira, em um transtorno, visto que não havia nenhuma atividade planejada para ser feita, acabou transformando-se em um momento de criação dos alunos que relembrou as atividades que eles realizaram com Marcela utilizando os poemas, *hip-hop* e a musicalidade.

#### 4.3.5 Os usos do acervo da biblioteca

Tratamos nesta seção sobre algumas questões relacionadas aos usos do acervo da biblioteca por parte da bibliotecária e algumas dificuldades no que diz respeito ao processo de organização e recuperação das informações nela contidas.

A biblioteca da EMEF ABL conta com acervo de aproximadamente 12.000 exemplares, entre livros, periódicos e alguns DVDs. A principal forma de aquisição desse material se faz por meio de compras realizadas pelo município que distribui os livros às escolas, programas federais do livro vinculados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), doações e compras realizadas pela própria escola. O registro desses materiais é feito em livro tomo em suporte papel e utiliza como classificação uma adaptação da Classificação Decimal de Dewey (CDD), elaborada por um grupo de trabalho de bibliotecários das escolas e da SEME.

Apesar de a maioria do acervo estar registrada nesse livro tomo, a maioria das novas aquisições, principalmente as oriundas de programas federais, encontra-se acondicionada em caixas armazenadas na biblioteca.

Foto 15 – Caixas com livros aguardando para serem preparadas para empréstimo



Além disso, não existe um catálogo manual ou eletrônico disponível para recuperar o que existe disponível na biblioteca, ou seja, todo o processo de busca e recuperação do material, seja por título, autor, seja por assunto, fica submetido ao conhecimento tácito que bibliotecária Marcela adquiriu ao longo de seus anos de atuação naquela unidade.

Na ocasião da entrevista inicial com Marcela, levantamos uma questão para avaliarmos o acervo da biblioteca. A principal situação emergida está relacionada à falta de um sistema de automação em que o material possa ser registrado e assim atender às demandas de alunos e professores quanto ao acervo.

A falta de um sistema de automação que não está implantado ainda é um problema nessa questão do acervo, eu queria muito ter, porque às vezes vem um professor aqui e diz que queria fazer um trabalho sobre o assunto tal, aí eu já buscava tudo que tem sobre aquele assunto, seria mais rápido de eu atender o professor, ou então eu poderia até sugerir outras coisas além do que ele pedisse. Hoje eles vêm aqui e perguntam se tem livro tal, às vezes eu respondo que eu não sei se tem, aí eu falo: Vamos procurar? Mas eles também não podem esperar e aí já era (MARCELA).

Apesar de Marcela nos informar que a SEME adquiriu o sistema de automação de bibliotecas Pergamum, ela nos explica que são muitas escolas a serem contempladas e isso está sendo feito gradativamente, por esse motivo ela ainda não tem esse recurso disponível. Além disso, a bibliotecária lembrou que seria muito difícil dar continuidade ao trabalho que ela já faz com alunos e professores e ter que se dedicar a inserir seus livros numa base de dados eletrônica, seria praticamente inviável a conciliação dessas duas atividades.

Diante desse impasse, recordei que, nos primeiros contatos de nossa pesquisa, Marcela relatou que havia uma possibilidade de a biblioteca da EMEF ABL ser incluída na próxima etapa do processo de automação das bibliotecas e, assim, ela tentou articular uma alternativa junto à escola para conseguir aderir a esse processo.

Marcela fez uma tentativa junto ao Conselho de Escola de fechar a biblioteca uma vez por semana para alunos e professores para que ela pudesse providenciar a organização do acervo e a possível inclusão da biblioteca da EMEF ABL no sistema de automação de bibliotecas da PMV. Mas sua solicitação não foi atendida pelo diretor e pelo Conselho Escolar (DIÁRIO DE PESQUISA, 25 DE SETEMBRO).

É incontestável que essa situação é um problema relevante, pois alguns dos fundamentos da função bibliotecária são a organização, recuperação e acesso à informação que subsidiam outras atividades, como as pedagógicas a serem realizadas na biblioteca escolar.

Seria ideal que houvesse uma equipe mais ampla nas escolas para que as duas atividades fossem realizadas sem que uma prejudicasse a outra, ou então que a SEME desenvolvesse alguma metodologia de trabalho que viabilizasse a implantação desse sistema de automação de maneira mais efetiva.

Ao analisarmos essa situação por outro viés, podemos inferir que a não autorização para que a biblioteca suspenda seu atendimento aos alunos e professores pode retratar a importância do trabalho pedagógico que Marcela realiza e, diante disso, a escola não abre mão de que ele seja realizado em detrimento de outras atividades de organização da informação.

Outra questão relacionada que trazemos nesta seção que trata dos usos do acervo, diz respeito à organização do material nas estantes. Em 25 de setembro, cheguei à biblioteca por volta de 13h e deparei Marcela fazendo uma arrumação dos livros infantis nas estantes, pois, como é o material mais utilizado pelos alunos, ele naturalmente é o que fica mais desorganizado.

Enquanto Marcela ia posicionando os livros, ela reclamava da falta de uma pessoa para ajudá-la, uma estagiária, um auxiliar, alguém que pudesse fazer esse tipo de atividade ou de empréstimos de livros, por exemplo, confessando que ela não gosta desse tipo de serviço mais “mecânico”.

Ai ai... se a gente pudesse só contar histórias ia ser tão melhor né? É companheiro, acho que você deve estar arrependido de ter vindo fazer sua pesquisa aqui comigo (MARCELA).

A dedicação à organização das estantes não se estendeu por mais de dez minutos, e Marcela foi abordada por um aluno que precisava pegar um livro didático que havia esquecido em casa e ela acabou abandonando a atividade e não retomou mais.

Ao contrário do que Marcela supôs, ainda que em tom de brincadeira, essa postura de não se dedicar constantemente ao zelo pela organização, a meu ver em nada deprecia seu trabalho. Pelo contrário, demonstra sua intencionalidade principal em lidar com os alunos, desenvolvendo atividades de incentivo à leitura, artes, música e outras (DIÁRIO DE PESQUISA, 25 DE SETEMBRO).

Podemos perceber, na fala de Marcela, que sua preocupação com a melhor qualidade na organização do acervo se dá em função não do acervo, e sim principalmente dos usos que poderiam ser potencializados e mais bem aproveitados se houvesse melhor organicidade.

Eu to aqui numa escola pública, não é um acervo muito grande, a gente atende as crianças de um bairro carente, e que às vezes sofrem muito, e eu to de alguma forma ligando essas crianças a esse mundo todo da leitura, e não consigo disponibilizar para eles o acervo que tenho aqui da forma que eu gostaria (MARCELA).

Em 7 de outubro, no momento em que a turma do 3.º ano matutino da *Professora G* foi à biblioteca, enquanto era realizado o desafio da leitura silenciosa, no decorrer da atividade um aluno, à medida que foi fazendo a leitura do livro que estava com ele, foi-se colocando mais à vontade com o material e, em certo momento, dobrou a capa do livro para traz, para lhe dar

talvez mais conforto no manuseio. Ao perceber a situação, Marcela imediatamente solicitou que o aluno desdobrasse a capa do livro, pois isso iria estragá-lo.

Nesses pequenos gestos podemos perceber que Marcela, apesar da liberdade que dá aos alunos e também por toda a diversidade de atividades que desenvolve na biblioteca, ainda mantém um grande cuidado com o acervo da biblioteca. Isso me faz refletir que não é necessário que se deixe de lado o zelo com o material da biblioteca ou que se inviabilize a realização de uma diversidade de atividades neste espaço em função do zelo com o acervo (DIÁRIO DE PESQUISA, 7 DE OUTUBRO).

Ao levarmos em conta esse conjunto de observações, consideramos que Marcela tem uma preocupação importante com a qualidade do acervo disponível na biblioteca e com a sua organização, recuperação e preservação. Mas percebemos que seu foco principal não é o acervo em si, mas as possibilidades de uso que ele pode proporcionar ao seu trabalho.

No estado da arte produzido por Campello e outros (2013), uma das categorias temáticas estabelecidas pelos autores foi o acervo. Entre os seis estudos analisados, observamos que quatro se detiveram em analisar as condições em que se encontrava o material, apenas dois buscaram compreender os aspectos que influenciaram na formação dessas coleções e nenhum deles se debruçou com mais ênfase nos seus usos.

Nos trabalhos da categoria acervo do estado do conhecimento que produzimos, encontramos sete textos e nenhum deles se deteve em investigar os tipos de atividades que esse material proporciona às bibliotecas, e sim em questões relacionadas à sua organização, classificação, informatização e políticas formação de coleções. Tais temáticas são extremamente relevantes para área, mas não foram ao encontro da perspectiva de uso que detectamos nas práticas de Marcela.

#### **4.3.6 Os usos e as impressões do espaço da biblioteca**

Apresentamos aqui algumas reflexões sobre os usos do espaço da biblioteca, tanto aqueles que entendemos como potencializadores quanto aqueles que reduzem a biblioteca a um lugar, por exemplo, quando ela é utilizada como depósito de livros didáticos, folhetos, enciclopédias, revistas e jornais velhos e uma série de outros materiais que não têm mais utilidade para a escola.

Acreditamos que, em razão de como os usos se dão, os fazeres pedagógicos passam a ter sentido no cotidiano. Por isso absorvemos os fazeres dos sujeitos praticantes da EMEF ABL, principalmente aqueles relacionados à sua biblioteca, como fundamentais para nos posicionarmos sobre o que lá identificamos.

Em 3 de outubro, por volta das 8h20min, uma coordenadora adentrou a biblioteca e disse com todo cuidado:

Marcela, não tem ninguém pra ficar com os meninos do 8º ano. Você pode ficar com eles no 4º horário? (COORDENADORA).

Marcela não se recusou em receber os alunos, porém disse: “Pode deixar eles aí sim”. Ou seja, sutilmente ela permitiu que os alunos pudessem ficar na biblioteca, principalmente pelo fato de que, no horário solicitado pela coordenadora, não havia nenhuma atividade agendada. Perguntamos a Marcela se essa situação é contínua, e ela afirmou:

Já foi muito mais no começo, quando eu vim trabalhar aqui, mas agora nem posso reclamar, porque eles só pedem mesmo quando precisa, mas se eu tiver alguma turma agendada aí eu falo que não posso ficar com os alunos por isso. Nesse caso aqui, eu acho que não poderia negar porque a biblioteca não é minha, é da escola (MARCELA).

No horário combinado, os alunos chegaram à biblioteca. Como não havia nada programado, Marcela optou por deixá-los à vontade para ler, usar o telefone celular, conversar moderadamente, enfim, deixou que eles ficassem à vontade na biblioteca utilizando o espaço da maneira que preferissem, desde que não ultrapassassem os limites de um comportamento adequado ao ambiente escolar (Foto 16).

Foto 16 – Ocupação do espaço da biblioteca



Um dos grupos nos chamou mais atenção, pois ele contava seis meninos e meninas, deitados ou sentados no chão entre as estantes, uns sobre as pernas e ombros dos outros. Ao mesmo tempo que uma das alunas lia um livro em voz alta para o restante desse grupo, outros iam procurando outros livros na estante, outros manuseavam o telefone celular. O que, em princípio, poderia ser interpretado como indisciplina, foi uma demonstração de pertencimento daquele espaço, sem que para isso fosse necessária a manutenção de uma postura rígida e disciplinadora que muitas vezes é exigida de uma biblioteca (Foto 17).

Foto 17 – Alunos do 8.º ano acomodados entre as estantes



A postura desses alunos nos mostra a clara transformação da biblioteca que deixa de ser um lugar vazio e passa a condição de um espaço habitado, marcado pela complexidade de movimentos para os quais ela não fora planejada, mas que vão ao encontro das operações momentâneas daqueles que a ocupam sem a obediência às condições de um próprio (CERTEAU, 1994).

Essas práticas cotidianas que transformam os lugares à condição de espaço passam principalmente pelo modo de usá-los, deixando marcas por meio de operações que se reconstituem em função das conjunturas plurais em que elas ocorrem, pois, assim

Como os utensílios, os provérbios ou outros discursos, são marcados por usos; apresentam à análise as marcas de atos ou processos de enunciação; significam as operações de que foram objeto, operações relativas a situações e encaráveis como modelizações conjunturais do enunciado ou da prática; de modo mais lato, indicam portanto uma historicidade social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como instrumentos manipuláveis por usuários (CERTEAU, 1994, p. 82).

Em 30 de outubro, por volta das 8h15min, uma coordenadora da escola adentrou a biblioteca segurando pelas pontas dos dedos uma sacola com diversas revistas em quadrinhos, livros de

literatura bem antigos, livros didáticos deteriorados e outros impressos antigos e perguntou a Marcela se aquele material era da biblioteca, o qual ela deixaria ali para ela ver se dava um jeito naquilo, pois lugar de livro é na biblioteca (Foto 18).

Foto 18 – Material entregue à biblioteca por não ter utilidade à equipe pedagógica da escola



Logo que a coordenadora se retirou da biblioteca, percebi no olhar de Marcela certo constrangimento, pois, mesmo com ela fazendo um trabalho tão dinâmico que lança mão de tantas linguagens visando ao incentivo à leitura dos alunos, alguns educadores da escola insistem em fazer da biblioteca um lugar de depositar material sem utilidade.

Essa situação vivenciada por Marcela é recorrente no seu dia a dia, pois não só a equipe da escola encaminha constantemente materiais obsoletos à biblioteca, mas também pais de alunos e moradores da região que tentam doar apostilas, enciclopédias, livros didáticos e outros materiais que não terão utilidade para biblioteca escolar.

Diante desse quadro, remetemo-nos ao trabalho de Haum e outros (2013), no qual as autoras apresentam o processo de elaboração e implementação de um documento orientador à política de desenvolvimento do acervo das bibliotecas escolares da prefeitura de Belo Horizonte. Segundo as autoras, isso tem funcionado satisfatoriamente, inclusive para esse tipo de situação que relatamos.

Se houvesse à disposição uma política como essa para o município de Vitória, seria uma possibilidade de fundamentar e demonstrar quais tipos de materiais devem compor o acervo de uma biblioteca escolar, e não todo tipo de material impresso que está em via de ser descartado pela escola ou pela comunidade escolar.

Em 5 de novembro, pela manhã, Marcela informou que uma turma do 3.º ano estava sem professor e iria para a biblioteca. Como não havia planejamento para aquele momento, a bibliotecária optou por distribuir papéis e lápis coloridos aos alunos para eles fazerem desenhos livres.

Por mais que não haja uma negação para que turmas sem professor vão à biblioteca, Marcela normalmente opta por deixar que os alunos fiquem livres naquele momento. Nas turmas do Ensino Fundamental II, sempre que eles são encaminhados à biblioteca por falta de professor, Marcela os orienta para que eles façam o que quiserem, desde que mantenham um comportamento adequado ao ambiente escolar, assim como já descrevemos anteriormente.

É justamente nesses momentos de “ócio criativo” que os alunos se manifestam de maneiras diversas, seja cantando, seja lendo livros coletivamente sentados no chão entre as estantes, deitados no sofá ou em outras atividades que escolham.

A atuação docente de Marcela nesses contextos, principalmente os inesperados como o anteriormente relatado, normalmente ocorre em *maneiras e artes de fazer*, como enunciado por Certeau (1994), por meio dos seus usos e pondo em xeque uma forma de refletir materializada no seu modo de agir.

Em 25 de setembro, enquanto Marcela realizava a atividade com o poema “O Segredo das Palavras” com os alunos do 5.º ano vespertino da *Professora H*, uma aluna (foto 27) perguntou se poderia escrever Biblioteca como uma palavra que lhe remetia às cores. Marcela então perguntou:

- \_ Qual cor a biblioteca te faz lembrar?
- \_ Me faz lembrar o colorido professora! (Respondeu a aluna à Marcela.)

Foto 19 – Olhar da aluna que associou a biblioteca ao colorido



Consideramos que essa situação rompe com o conceito, que ainda insiste em se perpetuar, de que a biblioteca é lugar de ordem, silêncio, acinzentamento, de guarda de livros, ou com outras concepções que não nos remetem a um espaço colorido, como na associação feita por uma aluna do 5.º ano. Certamente essa relação também foi feita em virtude da decoração da biblioteca, de seus armários, janelas e paredes (Foto 20). Todavia, cremos que a principal razão que deflagrou esta leitura foi a complexidade de acontecimentos que ocorrem na biblioteca.

Foto 20 – Armários estilizados da biblioteca



Outra questão que nos chamou a atenção, no que se refere aos usos na biblioteca da EMEF ABL, diz respeito aos momentos do recreio, pois, na maioria das escolas, há um impasse recorrente quanto ao funcionamento ou não das bibliotecas durante esses momentos.

Nas várias ocasiões em que tivemos a oportunidade de dialogar sobre esse assunto com outros bibliotecários escolares da PMV, percebemos que as opiniões se dividem sobre esse assunto. Uma parte dos bibliotecários argumenta que o momento do recreio é uma oportunidade de fazer um intervalo para lanche e interagir com os professores e que intervalo fora do horário recreio os deixam isolados do restante da equipe da escola ou compromete o atendimento às turmas agendado.

Já outros bibliotecários preferem abrir mão desse momento coletivo de intervalo junto aos professores para garantir que a biblioteca se mantenha aberta durante os recreios. Segundo esses bibliotecários, esse momento é uma oportunidade para que os alunos tenham liberdade para que se realizem atividades espontâneas, como jogar, ler, pegar ou devolver livros, ou simplesmente para que a biblioteca se configure como um espaço de encontro para os alunos.

Na EMEF ABL, a prática adotada por Marcela é que a biblioteca esteja aberta durante os recreios. Diante disso, os alunos criaram um ponto de encontro no conforto do ar condicionado e longe da correria do recreio, ficando nítido que há liberdade de uso nesse momento (Foto 21).

Tenho percebido que o uso da biblioteca no recreio a configura mais como um ponto de encontro para os alunos do que um espaço para leitura nesse momento. Na biblioteca existe um sofá, já bem desgastado pelo uso e pelo tempo, onde os alunos se deitam, sentam, leem revistas, conversam bem a vontade. Isso me desperta o olhar para a importância da biblioteca não somente como um espaço para aprendizagem ou leitura sistematizados, mas também como um ponto de encontro importante à constituição de relações. Não notei qualquer incomodo de Marcela nesse momento, até porque não houve barulho desmedido na biblioteca, mas sim uma postura bem a vontade dos alunos (DIÁRIO DE PESQUISA, 15 DE SETEMBRO DE 2014).

Foto 21 – A leitura praticada durante o recreio



Outra questão que nos chamou a atenção foi que vários alunos saem para o recreio levando suas mochilas para evitar que alguém mexa no material sem autorização. Como a biblioteca não possui um espaço reservado para a guarda de volumes enquanto os alunos permanecem na biblioteca, Marcela permite a entrada com a mochila. Isso, na maioria das bibliotecas, é terminantemente proibido, mas não se configura como uma regra infringida na EMEF ABL.

Assumindo a reflexão acerca dos usos que bibliotecária, estudantes e professores fazem da escola, e mais especificamente da biblioteca por nós analisada, observamos que esse espaço é permanentemente transformado por esses sujeitos praticantes que lançam mão de operações táticas que permitem sua permanente reinvenção, e não a submissão às normas do lugar próprio impostas verticalmente.

Esses movimentos, ao invés de serem interpretados negativamente, se mostraram a nós como catalisadores das transformações que rompem com o instituído e viabilizam a auto-organização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos percursos que trilhamos nesta pesquisa, inicialmente no processo de discussão e consolidação de nossas perspectivas sobre a biblioteca escolar não se configurar como lugar de silêncio, tampouco de silenciamento, tomamos como principal base os referenciais de Certeau (1994) que nos auxiliaram a estabelecer aproximações com as concepções de lugar, espaço, táticas, estratégias e usos no contexto da biblioteca escolar e observamos a permanente necessidade de reinvenção das bibliotecas escolares.

Por meio de nossos olhares, apostamos nesse ideal “reinventivo” por acreditarmos que os usos e táticas astuciosas dos quais lançamos mão cotidianamente em nos fazeres também são reinventados de acordo com as situações com as quais, nós, sujeitos praticantes, ocupamos e utilizamos especialmente a biblioteca.

Ao buscarmos pesquisas que analisaram um significativo recorte temporal sobre trabalhos já realizados acerca da biblioteca escolar, identificamos três estados da arte que nos auxiliaram na compreensão da produção deste campo entre 1960 e 2011. Esses estudos, porque se propuseram a refletir sobre o papel da biblioteca escolar no debate a respeito de sua ação pedagógica nas instituições de educação básica, das características de citações de teses e dissertações brasileiras e da análise dos relatos de pesquisas acerca da biblioteca escolar publicados no Brasil, permitiram-nos identificar os debates sobre essa área para que assim tivéssemos condições de conhecer o estágio da produção acadêmico-científica sobre esse tema em diferentes perspectivas.

Diante desses levantamentos, chegamos ao entendimento de que houve uma importante ampliação da concepção da biblioteca escolar como relevante espaço escolar com funções pedagógicas, destacando-se questões em torno de reflexões sobre a biblioteca escolar como espaço de aprendizagem; integração professor/bibliotecário; estudos de usos e usuários; coleção; leitura; pesquisa escolar; e ação cultural.

Produzimos uma pesquisa bibliográfica denominada como estado do conhecimento sobre Biblioteconomia Escolar no Brasil, que teve como base os trabalhos apresentados nos CBBDs, entre 2005 e 2013, com a temática principal – biblioteca escolar. Quantitativamente observamos que a produção acadêmico-científica publicada nos CBBDs se ampliou ao longo

dos anos, totalizando 1.577 trabalhos publicados. Desse total, identificamos que 91 trabalhos se dedicaram a refletir sobre as diversas questões relacionadas à biblioteca escolar.

Com base nas análises desse *corpus*, emergiram as 16 categorias temáticas, quais sejam: leitura, biblioteca no processo de ensino-aprendizagem, estrutura de bibliotecas, pesquisa escolar, acervo, ação cultural, cidadania, competência informacional, estudo de usuários, letramento informacional e perfil do bibliotecário escolar, educação de usuários, parceria entre bibliotecários e professores e tipologias de bibliotecas. Dentre essas categorias, a que obteve maior destaque foi a leitura, tema que tem sido uma das principais preocupações históricas da biblioteca escolar, como já constatado por Campello e outros (2007) e por nós ratificado na produção deste estado do conhecimento.

No contexto dessa complexidade de dados, mergulhamos no cotidiano da biblioteca da EMEF ABL, para que pudéssemos acompanhar seus acontecimentos diários, principalmente aqueles que tiveram a participação da bibliotecária que atua naquele espaço, nas relações com estudantes, professores e pedagogos e nos momentos de formação e planejamentos.

Constatamos, ao longo dos 21 encontros que tivemos nessa escola, uma diversidade de acontecimentos que trouxeram a riqueza que esperávamos encontrar numa biblioteca escolar. Certamente não encontramos somente pontos que consideramos positivos, mas também situações que merecem ser repensadas ou reinventadas como preferimos defender.

Encontramo-nos com uma biblioteca escolar onde se trabalha insistentemente para apagar as marcas do silêncio despropositado por meio das atividades desenvolvidas pela bibliotecária que lá atua, não somente pelas suas convicções, mas fundamentalmente pelas suas atitudes microbianas que buscam romper com os padrões verticalmente impostos pelo lugar de poder tradicionalmente instituído. Para tanto, a principal perspectiva que embasa seu trabalho em torno da leitura é denominada pela biblioteca como “perspectiva poética” que emerge dos vários textos poéticos que ela utiliza, com destaque para o “Aula de Leitura” do livro “Se eu fosse aquilo”, do escritor Ricardo de Azevedo.

Nas disputas de poder que pudemos vivenciar, ficaram claras as fragilidades em torno do reconhecimento pelo currículo escolar da importância da biblioteca como sua constituinte. Contudo, observamos um claro movimento de construção da legitimidade da bibliotecária por meio das relações por ela constituídas ao longo de sua experiência naquela escola. Apesar de termos identificado, por meio das falas da bibliotecária, fragilidades no seu processo

formativo inicial, isso não se tornou um limitador à realização de um trabalho diferenciado no seu fazer profissional na condição de bibliotecária escolar, evidenciando assim suas características de trabalhadora docente e de uma educadora na escola, conforme definido, respectivamente, por Oliveira (2010) e Campello (2009).

Entre as atividades que tivemos a oportunidade de acompanhar e que vão ao encontro das perspectivas poéticas adotadas pela bibliotecária, observamos o seu papel de liderança no desenvolvimento dos seus fazeres com os estudantes, conduzindo-os ora em parceria com alguns professores, ora com a tímida colaboração de outros professores, ora unilateralmente, mas sempre imprimindo a marca da permanente reinvenção do espaço da biblioteca por meio da música, das contações de história, dos trabalhos manuais, do silêncio objetivado, dos poemas, das cores que rompem com o acinzentamento dos armários e estantes de aço e das paredes brancas e muitos outros acontecimentos que fogem aos padrões historicamente estabelecidos ou esperados de uma biblioteca escolar tradicional. Essas reinvenções se encontram com as experiências e reflexões expressas na riqueza dos 91 trabalhos apresentados nos CBBDs, mas regadas às singularidades dos espaços e dos usos da EMEF ABL e de seus sujeitos praticantes.

O principal elemento dos trabalhos da bibliotecária Marcela é a convicção de que seu fundamental papel na escola é o incentivo à leitura, especialmente a literária, mas fugindo da convencionalidade das fichas de leitura ou do empréstimo de livros. Na realidade, o que encontramos foi o compromisso em romper com os padrões, quando na transformação da linguagem impressa dos livros de poesias para expressividade das dobraduras, pinturas e no ritmo do *hip-hop*.

Da mesma forma que Marcela prioriza o incentivo à leitura na biblioteca da sua escola, também observamos, nos trabalhos apresentados nos CBBDs, que a principal preocupação dos autores, especialmente explicitada nos relatos de experiências, também foi o incentivo à leitura.

Observamos em Campello (2009) que uma das principais carências observadas nas práticas de leitura, especialmente nas escolas públicas, se refere a ausência de sistematização dessas atividades, que carecem de uma sequência previamente sistematizada pela escola e que por muitas vezes se propõe a minimizar arestas deixadas pela ausência de professores e atividades previstas formalmente pelo currículo escolar. Assim, levantamentos a questão: O que temos

vivido e praticado em nossas escolas e outros espaços de aprendizagens, se configura como incentivo à práticas leitoras, como formação de leitores ou apenas como atividades de entretenimento sem claros objetivos de aprendizagem?

Diante disso, fomos estimulados a refletir até que ponto não seria redundante destacar a necessidade de incentivar a leitura na escola desde as primeiras infâncias sem potencializar-se a sua reinvenção? Como podemos transformar a biblioteca escolar, que tem um *status* de lugar passivo de mediação, em espaço de permanente criação e diálogo com a cultura de seus atores? De que maneira os saberes marginalizados dos estudantes podem adentrar a biblioteca escolar para que esses se sintam pertencentes a esse espaço?

As possibilidades exploradas na EMEF ABL são singulares, mas por se concretizarem em movimentos táticos que se constituem ante a precarização das condições de trabalho disponibilizadas à bibliotecária e aos demais educadores que lá atuam.

Em contrapartida, precisamos problematizar a dificuldade de uma aproximação entre a bibliotecária, professores e pedagogos, principalmente em momentos de planejamento, o que, ao nosso olhar, potencializaria os resultados obtidos pelas atividades desenvolvidas na biblioteca, principalmente numa perspectiva de trabalho colaborativo entre esses sujeitos que têm como principal papel o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Acreditamos que é possível realizar um trabalho mais articulado entre bibliotecária e demais educadores da escola, uma vez que foram identificadas, nesta pesquisa, algumas parcerias extremamente frutíferas, mas de maneira pontual e limitada a um número reduzido de professores.

Destacamos ainda, com base na análise do campo, por nós constituído na biblioteca da EMEF ABL, que há uma escassez de atividades relacionadas à pesquisa escolar, o que diverge principalmente dos estudos de Campello (2003, 2009) e de Campello e outros (2013), que nos indicaram um significativo número de pesquisas que se debruçaram sobre essa temática. Atribuímos essa realidade, em parte pelo afastamento que existe entre a bibliotecária e os professores, especialmente aqueles que atuam com os estudantes da segunda etapa do ensino fundamental. Além disso, outros fatores poderiam ser considerados para compreensão dessa realidade, mas que, neste momento, vão para além do foco de nossa pesquisa.

Em tempo, trazemos à tona que não houve, no decorrer da realização desta pesquisa, atividades de formação ou planejamento dos quais a bibliotecária tenha participado, o que inviabilizou que tivéssemos a oportunidade de analisar sua atuação nesses contextos.

No decorrer desta pesquisa, pudemos constatar que a biblioteca escolar se mostra como um fértil campo de análises e possibilidades de múltiplas aprendizagens. Ainda que tenhamos trabalhado no contexto de uma unidade específica, temos convicção de que esse se materializa também nos textos sobre os quais nos debruçamos, não se dissociando, mas atravessando-se a todo instante.

Os valores e saberes que potencialmente emergem da biblioteca escolar numa dinâmica de interatividade e contradições cunham as diversas identidades dos sujeitos que a constituem em suas aproximações e afastamentos. Assim, nossa dedicação à realização desta pesquisa não pretendeu alterar realidades que deparamos, mas nos motivou, e esperamos que também motive nossos leitores, a apostar na permanente reinvenção da biblioteca escolar como espaço de formação e criação.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, G. B.; PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. M. S. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 621-637, 2011.

BRASIL. Lei n.º 12244, de 24 de maio de 2010. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm)>. Acesso em 19 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília, DF, 2013.

CAMPELLO, B. S. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, Escola de Ciência da Informação, 2003. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAMPELLO, B. S et al. Literatura em biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, 2007.

\_\_\_\_\_. Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, 18 ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p123>>. Acesso em: 16 out. 2013.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. 7. ed. Petrópolis: Papyrus, 2012.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: FEBAB, 2005. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_, 22., 2007, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: FEBAB; ABDF, 2007. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_, 23., 2009, Bonito. **Anais eletrônicos...** Bonito: FEBAB, 2009. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_, 24., 2011, Maceió. **Anais eletrônicos...** Maceió: FEBAB, 2011. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **História do CBBB**. 2013. Disponível em: <<http://www.xxvcbbd.febab.org.br/historia-da-cbbd/>>. Acesso em: 26 maio 2015

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. São Paulo, 2005. Disponível em: [http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt\\_br.pdf](http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2015.

FERNANDES, D. C.; HELAL, D. H. Precarização do trabalho docente. In: **DICIONÁRIO trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, Gestrado, 2010. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetesid=330>> Acesso em: 20 abr. 2015.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARRIDO, E.; PIMENTA, S. G.; MOURA, M. O. A pesquisa colaborativa como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão do professor. In: MARIN, A. (Org.). **Educação continuada**: reflexões, alternativas. Campinas: Papyrus, 2000. p. 89-112.

GONÇALVES, O. Incorporação de práticas curriculares nas escolas. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 49, p. 55-62, maio 1984.

GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 2013, Florianópolis. **Relato final**. 2013. Disponível em: <[http://gebe.eci.ufmg.br/images/stories/relato\\_final\\_26\\_de\\_jul.pdf](http://gebe.eci.ufmg.br/images/stories/relato_final_26_de_jul.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2014.

GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR; SISTEMA CFB/CRBs. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte, 2010.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (Brasil). **Retratos da leitura no Brasil**. 3 ed. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br>>. Acesso em: 26 maio 2015

IBIAPIANA, I. M. L de M. (Org.). **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líder Livro, 2008.

KUHLTHAU, C. **Como orientar a pesquisa escolar**: estratégias para o processo de aprendizagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MORAES, F.; VALADARES, E. V. da; AMORIM, M. M. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2013.

NOBREGA, N. G. da. Bibliotecas: vozes silenciadas? In: PRIETO, B. (Org.) **Contadores de histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

OLIVEIRA, I. B. de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N.; (Org.) **Pesquisas no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 39-54.

OLIVEIRA, D. A. Trabalho docente. In. **DICIONÁRIO trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, Gestrado, 2010. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=429>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ROCA, G. D. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Porto Alegre: Penso, 2012.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

ROSEMBERG, D. S.; CORRÊA, L. H. M. A criação e o reconhecimento do Curso de Biblioteconomia na UFES. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 1-12, jan. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/8/53>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

TEIXEIRA, A. Mestres do amanhã. **R. Bras. Estud. Pedagóg.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 92, p. 10-19, out./dez. 1963. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viesFile/96/98>>. Acesso em: 26 maio 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Departamento de Biblioteconomia. **Grade curricular versão 2007/2**. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://www.biblioteconomia.ufes.br/grade-curricular-versao-20072>>. Acesso em: 7 maio 2015.

VENTORIM, S. **A formação do professor pesquisador na produção científica dos encontros nacionais de didática e prática de ensino**: 1994-2000. 2005. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VITÓRIA. Prefeitura Municipal. **Edital de concurso público PMV n.º 001/2005**. Vitória, 2005. Disponível em: <[http://legado.vitoria.es.gov.br/secretarias/administracao/editais\\_concurso\\_publico/2005/001/index.htm](http://legado.vitoria.es.gov.br/secretarias/administracao/editais_concurso_publico/2005/001/index.htm)>. Acesso em: 20 maio 2015.

VITÓRIA. Secretaria de Educação. **Sistema municipal de ensino de Vitória; diretrizes curriculares para o ensino fundamental**. Vitória: PMV, 2004.

SISTEMA CFB/CRBs. **Projeto mobilizador**: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/promobil/PROMOBILFINAL.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estud. Psicol.**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 6-30, 1990.

## REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS CBBDs

### XXI CBBd - 2005

AMBINDER, D. M. et al. Biblioteca escolar e cidadania: uma revisão de literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

BLATTMANN, U.; CIPRIANO, A. de S. Os diferentes públicos e espaços da biblioteca escolar: da pré-escola a universidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

CAVALCANTE, L. E. Biblioteca escolar e dinamização da leitura: diferencial da escola de qualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

CORREIA, R. P.; MANNALA, C. S. Dinamização das bibliotecas escolares adventistas no sul do Paraná. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

ELY, N. H. Indicadores de uso da biblioteca escolar em escolas públicas estaduais do ensino fundamental na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

FERREIRA, M. do C. S. B. A biblioteca escolar e a atividade da ora do conto: espaço para a formação de pequenos leitores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

GASPAR, L. Pesquisa escolar on line: um serviço de informação virtual da biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005.

LIMA, L. de F.; PINHEIRO, M. I. da S. Importância da biblioteca e do bibliotecário escolar para despertar o gosto pela leitura das crianças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

OLIVEIRA, A. A. de. O uso do PHL\* (Personal Home Library) na informatização dos serviços da Biblioteca do Colégio dos Jesuítas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

PALMA, J. C. de. Construção de um modelo de integração entre biblioteca, bibliotecário e aluno: um relato de experiência na biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

PASSOS, R.; SANTOS, G. C. O uso de fontes de informação na pesquisa escolar: subsídios para o desenvolvimento de métodos de ensino como apoio da biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

RIBEIRO, R. M. R. Incentivo a leitura: projeto “cuida de mim” seja responsável por um animalzinho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

SALES, Fernanda de. O bibliotecário escolar da rede municipal de ensino de Florianópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

SANTOS, G. C.; AMARAL, S. F. do; PASSOS, R. Espaço de sociabilidade e construção do saber: a construção da biblioteca escolar digital no espaço pedagógico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

SILVA, V. C. B. de. Incentivando a leitura em bibliotecas escolares: algumas sugestões. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2005.

## **XXII CBBB - 2007**

BECKER, C. da R. F.; GROSCH, M. S. A biblioteca escolar e sua influência na formação de leitores na representação dos alunos da escola agrotécnica federal de Rio do Sul - EAFRS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

BERNARDINO, M. C. R. A biblioteca e a formação do leitor: o compartilhamento de leituras dentro do projeto círculo de leitura da biblioteca do Sesc Juazeiro do Norte – CE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

BERNARDINO, M. C. R. Leitura e contação de histórias possibilidades para a construção de sentidos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

BIBLIOTECA escolar: como dinamizá-la através de ações culturais? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

CANÇADO, D. C. Brincando de biblioteca com programa literário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

CARTAXO, P. H. P.; CARDILLO, I. L. L.; LIMA, T. A. de. Escolas do futuro: uma experiência na construção do projeto político pedagógico In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

CASTRO, C. A.; SOUSA, M. da C. P. de. Otimização do processo de pesquisa escolar nas bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

COSTA, M. M. A formação de uma Biblioteca Escolar como um processo de responsabilidade social do bibliotecários: relato de experiência entre a Biblioteca Manuel Bandeira e a Biblioteca da

Presidência da República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

FREIRE, I. M. et al. Informação para cidadania: biblioteca e arquivo escolar In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

GASQUE, K. C. G. D.; TESCAROLO, R. Letramento informacional e os desafios da educação básica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

GERLIN, M. N. Atuação profissional em bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

PEREIRA, F. do A.; ARRUDA, R. G.; SAYAGO, D. Implantação de minibibliotecas escolares: uma iniciativa da Embrapa para agricultores familiares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

PINHEIRO, M. I. da S.; SILVA, E. R. P. da. Informação, educação e biblioteca escolar: proposta de interação com o bibliotecário-mediador na seleção e produção de conteúdos informacionais nas redes escolares de Rondonópolis-MT. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

SANTOS, A. P. dos. Biblioteca “Professor Jorge Félix de Souza” CEFET – GO e sua nova estrutura física e organizacional: relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

TRINDADE, M. Clube da biblioteca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

VITORINO, E. V. A oralidade documentando-se: o discurso do profissional da informação bibliotecário sobre competência informacional na biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

VITORINO, E. V. et al. Organização e tratamento do acervo da biblioteca da escola estadual básica Getúlio Vargas: relato de experiência In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

## **XXII CBBB - 2009**

CARDILLO, I. L. L.; CARTAXO, P. H. P.; FRANCO, I. da M. Sistema integrado de bibliotecas do município de São Carlos – Bibliotecas públicas e escolares comunitárias como fonte de acesso a produtos e serviços informacionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

LAMON, S. P. Comportamento de alunos do ensino fundamental na utilização da internet em pesquisas escolares: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

MARTINS, L. H. A.; ALVAREZ, D. T. Otimizando a biblioteca escolar: serviços oferecidos aos usuários da Biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

MENDES, S. O.; SILVA, K. R. A. da; MENDES, W. P. A rede de conhecimento da biblioteca escolar do Colun na formação de leitores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

PEREIRA, R.; PEREIRA, M. B. T. Articulação possível e indispensável: interação entre bibliotecários e professores no contextos escolar, a biblioteca como questão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A. Bibliotecas públicas e escolares: acesso ao conhecimento, mediação e cognição. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

WAGNER, C. Biblioteca escolar: setor administrativo ou pedagógico?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2009.

#### **XXIV CBBB - 2011**

AMORIM, R. L. de. A educação ambiental no ensino profissionalizante e o papel social das bibliotecas: o “case” do SENAC Amazonas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

BARI, V. A.; WERGUEIRO, W. Emoção e rebeldia: formação de gibitecas na biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

BORBA, M. do S. A. Bibliotecário educador: reflexão-ação-reflexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

BRANDÃO, A. C.; ROCHA, M. M. V. A biblioteca escolar e o processo de ensino-aprendizagem: uma relação com intermédio da leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

CARDILLO, I. L. L. Produtos e serviços informacionais em biblioteca públicas e escolares comunitárias: relato de experiência do Sistema Integrado de Bibliotecas do município de São Carlos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

COPPOLA JÚNIOR, C.; CASTRO FILHO, C. M. de. Bibliotecas escolares na rede municipal de ensino fundamental em Ribeirão Preto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

CORREIA, R. P. Desenvolvimento de habilidades informacionais nas escolas da educação adventista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

FURTADO, D. A. Políticas públicas e biblioteca escolar: a realidade ludovicense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

LIMA, R. M.; A biblioteca escolar e seu relacionamento com a barbárie e a emancipação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

LOPES, T. B.; CÓSCIA, V. L.; D'ANDREA, A. M. Pesquise já: inovando a pesquisa escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

MARTINS, M. da C.; TRINDADE, M. Perfil das bibliotecas escolares da rede municipal de ensino de São José dos Pinhás (PR). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

OLIVEIRA, V. B. Projeto piloto para implantação do sistema de biblioteca "Bibliivre" nas escolas da rede estadual do Espírito Santo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

ROSA, M. E. de A.; NUNES, R. I. da S. Literatura infanto-juvenil: contação de histórias na escola e na biblioteca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

SANTANA A. B.; VILLALOBOS, A. P. O. A escola como promotora da competência em informação com foco no uso e acesso às TIC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

SANTOS, R. N. R. et al. Competência informacional em escolas de Fortaleza: um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

SERAFIM, A. N. F.; TERTULINO, C. Í. Capacitação na pesquisa escolar para competência informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

VILELA, R. M. Ação cultural bibliotecária no contexto da educação de jovens e adultos: possibilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

WAGNER, C. V. Biblioteca escolar: classificação lúdica para a educação infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

XAVIER, A. G. Sala alternativa: um espaço de múltiplas vivências, a unidade de informação da Educação Infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Bonito: FEBAB, 2011.

### **XXV CBBB - 2013**

ALMEIDA, M. L. de; BORTOLIN, S. Biblioterapia e a recepção da literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

AMARO, V. A dimensão educativa, social e cultura de uma biblioteca em uma escola residência: a escola SESC de ensino médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários em bibliotecas escolares: aspectos teóricos e metodológicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

BURIN, C. K.; LIMA, M. M. de. Arte e cultura na biblioteca do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Lages: uma experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

CORREIRA, R. P. Competência informacional na educação adventista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

COSTA, E. S.; OLIVEIRA, F. B. de. A utilização de uma cartilha em formato de mangá para a otimização do uso da biblioteca escola Ana Oliveira, da escola estadual de ensino fundamental e médio Dr. Freitas (EEEFM Dr. Freitas), em Belém-PA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

DUARTE, Y. M.; SILVA, M. L. V. e; GOTTSCHALG-DUQUE, C. Hora do conto, semana da biblioteca e da arte e a Kombi de livros: relato de experiência da biblioteca do colégio La Salle núcleo Bandeirante (DF). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

FÉLIX, A. F.; DUARTE, A. B. S. Cultura escolar e ação pedagógica na biblioteca: uma análise de artigos do XXIV CBBB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

FERREIRA, M. do C. S. B; SANTANA, I. C. N. Biblioteca escolar: estratégias para torna-la mais atraente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

FIALHO, J. F. et al. Proposta para criação da rede estadual de bibliotecas escolares do estado de Goiás. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

FREITAS, B. C. Ambiente de informação: desafios na implantação de biblioteca escolares em escolas estaduais de ensino fundamental e médio de Ribeirão Preto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

FURTADO, C. C. Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

GONÇALVES, T. A.; RODRIGUES, B. O. Uma aventura em que o leitor é o herói: o livro-jogo como potencial para o incentivo à leitura de jovens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

HAUM, H. et al. Política de desenvolvimento de acervo das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte: em busca da estruturação de um sistema de bibliotecas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

LEITE, S. M. et al. Lei 12.244/10: uma esperança para as bibliotecas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

LIMA, G. dos S.; CARDOSO, P. de J. F. Educação e diversidade cultural: a lei federal 10.639/03 e os acervos de bibliotecas escolares do município de São José-SC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

MELLO, J. Políticas públicas para bibliotecas escolares: o caso da biblioteca de uma escola da rede pública de educação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

MELLO, J. Bibliotecas escolares: proposta de implantação de serviços de referência tradicionais e *on line*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

MOREIRA, J. A.; DUARTE, A. B. S. Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores: uma análise inicial de projetos da rede municipal de educação de Belo Horizonte a partir de modelos de trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

MOTA, C. E. M.; PASSOS, C. O. dos. A biblioteca vai à escola: uma proposta pedagógica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25,. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

OLIVEIRA, P. V. 1ª Feira de troca de livros: colégio São Francisco Xavier. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

OLIVEIRA, P. V.; SOUZA, T. R. de. Prática de leitura: a aplicabilidade do sarau literário no colégio Thiago Rosa de Souza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

OLIVEIRA, R. de M.; ALMEIDA FILHO, O. de. A relação entre a biblioteca escolar e a internet do colégio adventista jardim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

PEREIRA, G. M. et al. Estudo de usuários da Biblioteca de Santa Isabel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

PEREIRA, G.; DUTRA, A. M. A biblioteca e o bibliotecário nas escolas da Prefeitura de Vitória (ES) na perspectiva do aluno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

PINTO, A. de M.; OLIVEIRA, L. L. A. Biblioteca escolar e a educação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

RODRIGUESS, M. C. C. Estudo para otimização do uso das bibliotecas e salas de leitura da secretaria municipal de educação da cidade de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

RUSSO, M.; SOUZA, D. de J. de. Biblioteca escolar brasileira na sociedade da informação: uma parceria proativa entre bibliotecário e pedagogo em prol da aprendizagem, da competência em informação e da quebra de paradigmas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SANCHEZ, R. S. Caracterização da pesquisa escolar na biblioteca do IFAM – Campus Manaus zona leste (CMZL) na perspectiva do usuário-aluno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SANTOS, C. A. da S.; SANTOS, C. P. Promovendo a leitura literária na biblioteca do IFSP campus Araraquara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SCURACHIO, E. S.; ZAFALON, Z. R. Organização do acervo e acesso pelo público infantil: possibilidades e encontros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SILVA, A. A. da et al. Projeto criança: ler e escrever com prazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SILVA, C. U. da C. e; BARBALHO, C. R. S. Bibliotecas escolares da zona leste da cidade de Manaus: diagnóstico da rede pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SILVA, E. V. da; MORAES, F. de O. Biblioteca escolar como espaço de reinvenções curriculares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

STEINDEL, G. E. et al. O livro didático na biblioteca da escola – conte de pesquisa e memória(s) no campo da biblioteconomia e educação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – DETALHAMENTO DA PROGRAMAÇÃO DO CBBB DE 2005 A 2013

### XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2005

Os eixos temáticos se dividiram em oito, a saber:

**Bibliotecas públicas; Bibliotecas escolares; Bibliotecas especiais (arte, jurídica, hospitais, centros culturais, outros); Telecentros; Políticas e projetos de incentivo à leitura; Projeto para desenvolvimento de competência em informação; Uso da tecnologia da informação e comunicação – TIC; Projetos de construção e implantação de bibliotecas**

Esta edição do congresso foi composta principalmente por blocos de palestras, o que compreendemos ser equivalente a mesas-redondas, conforme descrição a seguir:

#### **Palestras Magnas**

- Livros e bibliotecas: coração da sociedade da informação.
- Política do livro e juventude.

#### **Palestras**

- Competência em informação – cenário internacional.
- A competência em informação: um fator de integração entre a biblioteca e a escola.
- Competência virtual em Ciência da Informação.
- Novas estratégias de incentivo à leitura: crianças berlinenses de um bairro carente a caminho da habilidade linguística.
- Telecentros – instrumentos de inclusão social e digital.
- BiblioRedes, Bibliotecas Públicas chilenas e comunidade: no caminho para a Sociedade da Informação.
- Leitura e novos serviços na Biblioteca Pública do Centro Georges Pompidou (França).
- Construindo o futuro: novas tendências na arquitetura de bibliotecas na Alemanha e nos países limítrofes europeus.
- Projeto de resgate de uma biblioteca pública – Biblioteca Estadual de Minas Gerais.
- Concepção, projeto e implantação da Biblioteca Pública Municipal de Sorocaba – São Paulo.
- Tendências internacionais e desenvolvimentos em bibliotecas escolares.
- Formação de leitores nas bibliotecas públicas de Portugal.
- Sistema de bibliotecas públicas municipais no Brasil.
- Diretrizes para fomentar o gosto pela leitura criativa nos jovens.
- As tendências tecnológicas, de usuário e de conteúdo no cenário das bibliotecas.

- Websites – utilização de tecnologias para implementação de serviços de bibliotecas para inclusão social e digital.
- Tecnologias para gerenciamento de bibliotecas, bibliotecas virtuais e digitais.
- Seção de Tecnologia de Informação – IFLA: perspectiva mundial do desenvolvimento da tecnologia da informação para bibliotecas.
- Impacto das tecnologias de informação e comunicação para o ensino à distância.
- Diretrizes para o controle bibliográfico internacional – projetos e produtos desenvolvidos pela IFLA.
- Registro internacional de coleções no Programa UNESCO Memória do Mundo.
- INFOBILA – informação para a investigação e prática biblioteconômica.
- Apresentação do projeto de tradução do AACR2 em língua portuguesa.

#### **Mesa-Redonda – Papel das Bibliotecas, Livrarias e Editoras na Formação de Leitores**

- Capacitação de bibliotecários para a formação de leitores.
- Parcerias Culturais: grandes oportunidades para o incentivo à leitura.
- Cenário da pós-graduação no Brasil – Área da Ciência da Informação.

<b>XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2007</b>
--

O tema central proposto para o congresso sistematiza-se em três eixos temáticos:

#### **Gestão; Comunicação; Tecnologia da informação**

As sessões plenárias, analisando-as a partir de seus títulos, não contemplaram discussões especificamente relativas à biblioteca escolar, ficando assim sua distribuição:

#### **Temática 1 – Gestão da informação e unidades de informação: os desafios da infodiversidade.**

- Apocalípticos, integrados e excluídos: as utopias da sociedade da informação.
- Unidades de informação sob a óptica da gestão: protocolos de certificação para acesso universal.
- Redes sociais e o futuro da bibliografia.
- Biblioteca nacional de Brasília: uma proposta para seu acervamento continuado.
- A biblioteca moderna: sua face no século XXI.

#### **Temática 2 – Mediação e comunicação da informação: do impresso ao eletrônico.**

- Comunicação no mundo globalizado: tendências do século XXI.

- Acesso à informação: ações da mediação do COMUT.
- Das bibliotecas tradicionais às digitais: o que há de novo?
- TV digital: um novo veículo de comunicação para a mediação de conteúdos informacionais.
- Princípios de catalogação no século XXI.

**Temática 3 – Tecnologias de informação e comunicação: contribuição na segurança, acessibilidade e arquitetura da informação.**

- Iniciativas do IBICT para implementações tecnológicas visando a gestão e o acesso à informação.
- Aplicação de tecnologias e modelos de organização: cenário na Europa.
- Políticas e ações para a organização de coleções em suporte digitais: projetos desenvolvidos no Canadá.
- Desenvolvimento de padrões para representação de informações em meio digital: uma proposta da biblioteca nacional.
- O papel da FAIFE/IFLA e do manifesto Internet para acesso aberto e igualitário à informação.

Neste XXII CBBB, foi realizado um painel tratando exclusivamente sobre a temática biblioteca escolar, e sua programação constou das seguintes atividades:

- Projeto de implantação de bibliotecas escolares em Goiânia (GO) – uma experiência.
- Programa de bibliotecas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte – 10 anos de ações e desenvolvimento.
- Rede de bibliotecas escolares digitais.
- Ações do grupo de estudos em bibliotecas escolares.
- Projetos e ações da Associação Internacional de Bibliotecas Escolares (IASL).
- Ações da FEBAB em prol da Biblioteca Escolar.

<p><b>XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2009</b></p>
--

O tema central proposto para o congresso sistematiza-se em três eixos temáticos:

**Gestão sustentável; Redes de conhecimento; Acesso à informação**

As sessões plenárias, analisando-as a partir de seus títulos, não contemplaram discussões especificamente relativas à biblioteca escolar.

<b>XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2011</b>
--

O tema central proposto para o congresso sistematiza-se em três eixos temáticos:

**Informação, Conteúdos e Conhecimento na Sociedade da Informação; Direito à Informação, Acesso à Informação e Inclusão Social; Políticas de Informação, Multiculturalidade e Identidade Cultural.**

A programação geral do congresso foi dividida em cinco sessões plenárias, subdivididas em eixos, conforme detalhamento a seguir:

**Sessão Plenária 1 - Informação, Conteúdos e Conhecimento na Sociedade da Informação**

- A Sociedade da Informação e suas implicações nos sistemas de informação e nas ciências da informação.
- Indústria da Informação. Novas Tecnologias de Informação e comunicação – bancos e bases de dados, redes de cooperação.
- Ciência da Informação e Biblioteconomia como produtoras e organizadoras do conhecimento. Planejamento, implementação e gestão de sistemas de informação. Serviços e produtos de informação.

**Sessão Plenária 2 - Informação, Conteúdos e Conhecimento na Sociedade da Informação.**

- Sociedade da Informação: O livro verde, situação atual e perspectivas.
- Bibliotecas no novo mundo das redes e mídias sociais.
- Biblioteconomia em EAD: uma alternativa de qualidade.

**Sessão Plenária 3 - Direito à Informação, Acesso à Informação e Inclusão Social**

- Condições de acesso à informação. Competência informacional. Relações entre acesso à informação e inclusão social – infoexclusão e infoinclusão. Informação e cidadania.
- Relações entre acesso à informação e inclusão social – infoexclusão e infoinclusão. Informação e cidadania. Fluxos informacionais. Open Archives.
- Aspectos legais dos processos informacionais. Direito autoral. Informação e cidadania. Ações sociais em/de instituições bibliotecárias.

**Sessão Plenária 4 - A competência em informação como fator multicultural na era digital**

- Políticas de Media Literacy no contexto brasileiro: questões culturais e profissionais.
- A competência da Informação como pilar da integração Biblioteca e Escola.

- A interação de conhecimentos tácitos e explícitos com os padrões de alfabetização informacional na educação superior.

#### **Sessão Plenária 5 - Políticas de Informação, Multiculturalidade e Identidade Cultural.**

- As políticas de informação e o fomento ao multiculturalismo. O papel do Estado no desenvolvimento de políticas públicas de informação.
- Manifestações culturais. Manutenção de identidades culturais. Movimentos de resistência em face do processo de globalização.
- As políticas de informação e o fomento ao multiculturalismo. Ações culturais em/de instituições bibliotecárias.

Paralelamente à programação principal do XIV CBBD, foram realizados dez eventos simultâneos, dos quais um que tratou especificamente sobre nosso objeto de estudo e se intitula: Biblioteca escolar: desafios para formação dos cidadãos.

### **XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – 2013**

O Congresso foi dividido em cinco áreas temáticas:

**Tecnologias de informação e comunicação – um passo à frente; Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação; Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade; Bibliotecas Públicas; Bibliotecas Escolares.**

A programação geral do XXV CBBD constou de:

#### **Conferências**

- Mudar! Mudando as estratégias de liderança para as bibliotecas.
- A biblioteca e seu espaço no mundo digital: requisitos para arquitetura e *design*.
- Gestão da Informação e do Conhecimentos em Unidades e Serviços de Informação.

#### **Mesas-redondas**

**Bibliotecas e Serviços de Informação: Aplicação e Usabilidade de Recursos e Tecnologias de Informação e Comunicação**

- A colaboração humana, a inteligência coletiva e a educação no século XXI.
- Gestão da integração de coleções de bibliotecas com a Web.
- O Comitê Gestor da Internet no Brasil e os princípios de uso e governança da Internet.

### **Metacompetências e Transcompetências dos Bibliotecários na Promoção dos Serviços de Informação**

- Competências: um novo *design* e perspectivas na contemporaneidade.
- Comunicação no século 21: como os bibliotecários podem promover as competências multimodais mediante a cultura colaborativa e participativa.
- Muito além do jardim: um olhar sobre os metadesafios do profissional da informação.

### **Desenvolvimento Sustentável e Inovação em Bibliotecas e Serviços de Informação**

- Re-imaginando o papel do bibliotecário como educador na era digital.
- A Biblioteca e seus ritos ambientais.
- Bibliotecas e bibliotecários na era da conectividade: dispositivos móveis, *ebooks* e aplicações móveis de leitura.

## **APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA INICIAL NA PESQUISA DE CAMPO COM A BIBLIOTECÁRIA**

### **Perfil pessoal:**

Nome:

Data de nascimento:

Estado civil:

Possui quantos filhos?

### **Formação:**

Maior nível de escolaridade:

Com relação à graduação, foi realizada presencialmente ou à distância?

Formação em entidade pública ou privada?

Ano de conclusão:

Com relação à pós-graduação (se for o caso) foi realizada presencialmente ou a distância?

Pós-graduação em entidade pública ou privada?

Ano de conclusão:

Outras formações, descreva quais foram as mais recentes, sua relevância, período de realização:

O que te move a realizar ou participar de formações oferecidas pelo empregador ou custeadas por você?

As formações oferecidas pelo empregador são dentro do horário de trabalho, fora do horário de trabalho, remuneradas, etc.?

### **Perfil profissional:**

Há quanto tempo atua na área da biblioteconomia?

Há quanto tempo atua na biblioteca escolar? Quais outras experiências nessa área?

Você atua como bibliotecária escolar por qual motivo?

Qual vínculo trabalhista nesta instituição?

Há quanto tempo atua nesse emprego e nessa unidade de ensino?

Qual sua carga horária de trabalho mensal e como ela se distribui?

Possui ou tem conhecimento de um plano de cargos e salários para sua categoria? Emita sua opinião sobre esse assunto e suas influências no desenvolvimento de suas funções.

O que mais ocupa seu tempo no trabalho cotidiano na escola?

Você trabalha sozinha ou possui equipe?

Com que frequência você realiza atividades de:

- discussão sobre o projeto pedagógico da escola;
- discussão sobre os alunos/crianças;

- participação conjunta em atividades de formação/atualização profissional;
- trocas de experiências sobre os conteúdos de ensino;
- trocas de experiências sobre os métodos de ensino;
- trocas de material pedagógico.

Como você avalia sua relação com os demais membros da equipe técnica, pedagógica e administrativa da escola?

Quanto à estrutura da escola e da biblioteca e da escola como um todo, como você a avalia e qual a influência no seu trabalho?

Como você avalia a relação com os estudantes da escola?

No seu entendimento, quais são os papéis da biblioteca escolar?

Em quais perspectivas teóricas você fundamenta seu trabalho?

Qual sua visão de futuro quanto a sua profissão e formação?

**APÊNDICE C – Detalhamento das visitas de acompanhamento da pesquisa de campo**

<b>DATA</b>	<b>HORÁRIOS</b>	<b>ATIVIDADES REALIZADAS</b>
<b>11/9/2014</b>	8h às 10h	Apresentação do projeto de pesquisa e definição de cronograma de visitas.
<b>15/9/2014</b>	8h às 10h30	Entrevista inicial com a bibliotecária.
<b>17/9/2014</b>	8h20 às 11h20	Atividades com as turmas de 1.º ano, 3.º ano e recreios.
<b>18/9/2014</b>	13h às 16h	Atividades com a turma de 1.º ano e recreios.
<b>19/9/2014</b>	13h às 16h	Atividades com a turma do 5.º ano e recreios.
<b>24/9/2014</b>	13h às 15h30	Atividades com as turmas do 8.º ano, 2.º ano e recreios.
<b>25/9/2014</b>	13h às 16h	Atividades com a turma do 5.º ano e recreios.
<b>3/10/2014</b>	8h às 11h20	Alunos com aula vaga, atividade com alunos do 5.º ano e recreios.
<b>7/10/2014</b>	8h30 às 11h	Atividades com a turma de 3.º ano e recreios.
<b>8/10/2014</b>	8h15 às 11h	Atividades com a turma de 6.º ano e recreios.
<b>17/10/2014</b>	10h às 11h30	Atividades com a turma de 4.º ano, 5.º ano e recreios.
	13h30 às 17h	Seminário diretrizes curriculares PMV/SEME
<b>23/10/2014</b>	8h15 às 11h	Atividades com a turma de 6.º ano e recreios.
<b>29/10/2014</b>	8h30 às 11h	Atividades com a turma de 6.º ano e recreios.
<b>30/10/2014</b>	8h15 às 11h	Atividades com a turma de 6.º ano e recreios.
<b>4/11/2014</b>	8h15 às 11h30	Atividades com a turma de 6.º ano, 3.º ano, 2.º ano e recreios.

<b>DATA</b>	<b>HORÁRIOS</b>	<b>ATIVIDADES REALIZADAS</b>
<b>5/11/2014</b>	8h às 11h30	Atividades com a turma de 3.º ano A e B e recreios.
<b>14/11/2014</b>	8h às 11h30	Sarau geográfico.
<b>28/11/2014</b>	8h30 às 10h30	Apresentação de atividades selecionadas por Marcela.
<b>9/12/2014</b>	8h30 às 11h	Entrevista com professoras
<b>10/12/2014</b>	14h às 16h	Entrevista com professoras
<b>11/12/2014</b>	9h às 10h30	Assinatura dos termos de consentimento de pesquisa

Nota: Dados e tabela produzidos pelo autor.